

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**MORFOLOGIA NOMINAL DO PORTUGUÊS: UM ESTUDO
DE FONOLOGIA LEXICAL**

Cláudio Moreno

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação
em Letras da PUCRS como requisito parcial
para obtenção do Grau de Doutor em
Linguística Aplicada.

Orientadora: Profª Drª Leda Bisol

Porto Alegre

Julho - 1997

À memória de Joaquim Moreno, meu pai,

e de Celso Pedro Luft, mestre e amigo.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não poderia ter sido realizado sem a valiosa orientação da professora Leda Bisol. A confiança que desde o início demonstrou por minhas idéias foi um dos grande fatores de estímulo para que eu concluísse esta tese. Além disso, de maneira suave e amigável, mas com sólida e determinada supervisão, foi imprimindo às minhas pesquisas o balizamento indispensável para que eu não perdesse o rumo no vasto campo da Língua Portuguesa. À Leda, portanto, todo o meu reconhecimento e gratidão.

Mesmo não participando de forma científica ou acadêmica, minha família também colaborou de forma decisiva para que o trabalho chegasse a seu termo. À Cristina, minha mulher, agradeço os milhares de horas de compreensão e apoio que me deu. Aos meus filhos, sou grato por me concederem aquela valiosa parcela de tempo que seria dedicada ao nosso convívio e que este trabalho terminou inevitavelmente invadindo.

Agradeço, finalmente, ao CNPq, pela Bolsa de Doutorado que financiou a maior parte desta tese.

SUMÁRIO

1 — Introdução	1
1.1 — A morfologia	2
1.2 — A Fonologia Lexical	3
1.3 — O modelo de Borowsky	5
1.4 — O problema do domínio	17
1.4.1 — O vocábulo fonológico	21
1.4.2 — O vocábulo fonológico no Português	24
1.5 — A sílaba	28
1.5.1 — Os constituintes da sílaba	29
1.5.2 — A sílaba no Português	33
2 — O nível do Radical	
2.1 — Os elementos terminais	41
2.1.1 — Os marcadores e o gênero	43
2.1.2 — Características dos marcadores	46
2.1.3 — Vocábulo sem marcador	49
2.1.4 — Natureza dos marcadores	50
2.1.5 — Os marcadores no Português	57
2.2 — O problema do acento	65
2.2.1 — O acento para Bisol	70
2.2.2 — O domínio do acento é o radical	78
2.3 — Sufixos	87

3 — O nível do Vocábulo

3.1 — Os prefixos	89
3.1.1 — A visão tradicional	95
3.1.2 — Os prefixos no PB	97
3.1.3 — A independência dos prefixos: faturação	98
3.1.4 — Regras que não atuam com os prefixos	100
3.1.4.1 — Neutralização da pretônica	100
3.1.4.2 — Silabação e ressilabação	100
3.1.4.3 — Assimilação da nasal	102
3.1.4.4 — Harmonização vocálica	103
3.1.4.5 — Degeminação	104
3.1.4.6 — Neutralização da átona final	105
3.1.5 — Prefixóides	107
3.1.6 — O foco e os prefixos	108
3.2 — Compostos	
3.2.1 — Vocábulo simples, compostos e frases	113
3.2.2 — Objetos morfológicos e palavras sintáticas	114
3.2.3 — A posição do núcleo nos compostos do PB	115
3.2.3.1 — Compostos com núcleo à direita	116
3.2.3.2 — Compostos com núcleo à esquerda	118
3.2.3.3 — Compostos sem núcleo	119
3.2.4 — A análise de Lee	123
3.2.5 — Contestação da análise de Lee	
3.2.5.1 — A flexão interna dos compostos	127
3.2.5.2 — Os compostos N + N	128
3.2.5.3 — Compostos N + N, com núcleo à direita	130

3.2.5.4 — A indefinição entre N e A	131
3.2.5.5 — Os compostos A + A	135
3.2.5.6 — Os compostos V + Comp	142
3.2.5.7 — Derivação dos compostos	144
3.2.5.8 — Diminutivos dos compostos	151
3.3 — Sufixos especiais	156
3.3.1 — Advérbios em -mente	158
3.3.1.1 — As vogais médias baixas	161
3.3.1.2 — Marcadores à esquerda de -mente	162
3.3.1.3 — A possibilidade de faturação	165
3.3.2 — O DIM: inhV e zinhV	165
3.3.2.1 — Distribuição	166
3.3.2.2 — Vocábulos temáticos	171
3.3.2.3 — Alterações morfológicas	176
3.3.2.4 — DIM e categoria gramatical	176
3.3.2.5 — A metafonia [o] / [O]	177
3.3.2.6 — As duas formas de DIM	182
3.3.2.7 — Crowhurst e Harris	186
4 — Conclusões	195
5 — Bibliografia	199

1 — Introdução

O presente trabalho estuda a morfologia do vocábulo nominal do Português Brasileiro de acordo com os pressupostos da Fonologia Lexical. Nele proponho uma organização do nosso léxico seguindo o modelo de Borowsky (1993), que defende a tradicional divisão em dois níveis — o Nível 1, ou **Nível do Radical**, e o Nível 2, ou **Nível do Vocábulo** —, com a importante inovação de que **toda a fonologia do Nível do Vocábulo precede a morfologia deste mesmo nível**. Dentro deste quadro, proponho situar a derivação sufixal no Nível do Radical, e a derivação produtiva (com **-inhV** e **-íssimo**) e a prefixação no Nível do Vocábulo. Os compostos serão considerados como formações exclusivamente pós-lexicais, admitindo-se uma tendência de alçamento de compostos cristalizados para o Nível do Vocábulo, num processo gradiente de lexicalização; estou inclinado a incluir, neste grupo, as formações com **-zinhV** e **-mente**.

Para desenvolver o trabalho, valho-me principalmente das descrições atuais de Harris (1983, 1991, 1994) para o Espanhol e de Bisol (1992, 1994, 1997), Wetzels (1991, 1991 a) e Lee (1994, 1995) para o Português Brasileiro. Saliento também a enorme importância de toda a obra do lingüista Mattoso Câmara Jr. e do gramático Celso Pedro Luft, onde sempre encontrei valiosas intuições e um riquíssimo conjunto de exemplos. Entre os gramáticos tradicionais, destaco as descrições de Said Ali e Eduardo Carlos Pereira, que considero indispensáveis para qualquer estudo do Português.

1.1 — A morfologia

Diz Spencer que a morfologia é diferente das demais subdisciplinas da Lingüística porque muito do seu interesse deriva não tanto dos fatos da morfologia em si mesmos, mas do modo como a morfologia interage e se relaciona a outros ramos da lingüística como a fonologia e a sintaxe, ou seja, da interface entre a morfologia e o outros componentes da gramática.

Foi exatamente a importância dessas interfaces o motivo, em grande parte, de termos assistido ao renascimento do interesse pela morfologia nos últimos quinze anos. Hoje é simplesmente impossível praticar certos tipos de fonologia ou sintaxe sem uma apreciação das implicações morfológicas. Uma das questões mais difíceis, contudo, de quem pesquisa uma interface é decidir onde termina um e começa o outro componente . São incontáveis os exemplos em que há diferença de opinião sobre pertencer um determinado fenômeno à morfologia ou ao domínio da fonologia ou da sintaxe. Uma consequência deste tipo de questionamento é saber se a morfologia existe como um componente autônomo, o que é negado por vários lingüistas. Spencer acha que a maioria dos problemas jaz exatamente no limite entre a morfologia e outros componentes, o que sugere uma outra pergunta, essencialmente relacionada à outra: “Onde se situa a morfologia?”.

São muitas as respostas propostas para esta questão. Não há dúvida de que esta variedade de opiniões apenas reflete a diversidade de concepções sobre o que constitui a morfologia, pois mesmo aqueles que concordam em que ela constitua um módulo autônomo tendem a discordar sobre qual seja seu conteúdo. Se pensamos nela simplisticamente em termos de regras que governam a concatenação dos morfemas, então para alguns a morfologia é uma parte do léxico (Halle, 1973; Kiparsky, 1982a; Selkirk, 1982; Lieber, 1980), e a noção de léxico como um nível lingüístico de representação deve, portanto, ser enriquecida além da simples noção de uma lista de formas idiossincráticas. Este foi o ponto de vista que

se tornou predominante durante os primeiros anos do renascimento do interesse por morfologia, mas já foi contestado de várias formas. Outros preferem ver a morfologia essencialmente como um subcomponente da fonologia (Sproat 1985). Sproat e vários outros lingüistas defendem a opinião de que os aspectos mais sintáticos da morfologia deveriam ser vistos como aspectos morfológicos da sintaxe, e não como produto de um componente morfológico separado. Anderson (1982) divide a morfologia entre o léxico (morfologia derivacional) e a fonologia (morfologia flexional), com o componente sintático intervindo entre os dois.

1.2 — A Fonologia Lexical

A teoria clássica da Fonologia Lexical, proposta e desenvolvida por vários autores — Mascaró, (1976); Mohanan (1982), Kiparsky (1982), Rubach (1981, 1984), Mohanan & Mohanan (1984), entre outros —, trouxe, como principal inovação, com relação às teorias gerativistas anteriores, o pressuposto de que existe uma concreta interação entre a morfologia e a fonologia no componente lexical. Neste modelo, (1) O Léxico está dividido em vários estratos, e cada estrato é constituído de um conjunto de processos morfológicos e de um conjunto de regras fonológicas a eles relacionados. As regras fonológicas que se aplicam num estrato não se aplicam necessariamente em outro, o que permite explicar por que nem todos os morfemas estão sujeitos às mesmas regras. (2) Os estratos são ordenados, o que explica a distribuição de determinados morfemas em relação a outros. (3) Em cada estrato, a passagem entre a morfologia e a fonologia é bidirecional, o que resulta na necessidade da aplicação cíclica de regras. (4) É necessário distinguir regras fonológicas que se aplicam no Léxico e regras que se aplicam na Sintaxe — regras lexicais e pós-lexicais. As várias vertentes da FL lexical clássica concordam com esses postulados básicos, embora se distingam por detalhes como o número de estratos necessários para a descrição de uma língua, o

ordenamento das regras e sua caracterização como lexicais ou pós-lexicais, a amplitude da ciclicidade, entre vários outros. (Archangeli, s.d.).

Trabalhos mais recentes, contudo, colocaram em discussão muitos pontos da FL clássica. Booij & Rubach (1987) contestaram a afirmação de que a ciclicidade seria característica das regras lexicais, postulando um componente lexical pós-cíclico. Booij & Rubach (1987), Booij & Lieber (1993), Nespor & Vogel (1986), entre outros, acrescentaram a idéia, hoje amplamente aceita, de que não existe uma isomorfia necessária entre as estruturas morfológicas e as estruturas fonológicas, já que a aplicação de várias regras se dá em domínios fonológicos internos, derivados das estruturas morfológicas mas não necessariamente correspondentes a qualquer estrutura morfológica ou métrica (Kaisse & Argus, 1993). Além disso, o tradicional postulado de que as regras pós-lexicais não podem referir-se à estrutura interna do vocábulo, já que as junturas lexicais seriam invisíveis neste nível, vem sendo em parte questionado, uma vez que parecem existir regras pós-lexicais que se referem a domínios fonológicos internos. A própria relação interativa entre a morfologia e a fonologia, pressuposto básico da FL, já é parcial ou totalmente posta em dúvida.

Grosso modo, podemos distinguir três tipos básicos de modelo :

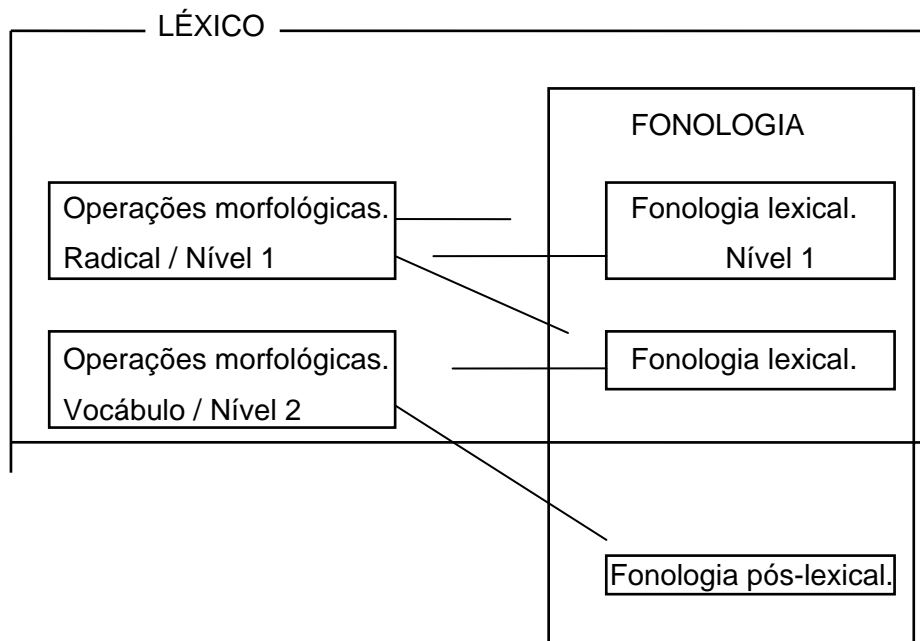
- 1) O modelo **interativo** — Cada operação morfológica é o input de um ciclo fonológico (p. ex., Kiparsky, 1982; Mohanan, 1986) ; ou a estrutura fonológica está ligada em tandem com a estrutura morfológica (p. ex., Booij & Lieber, 1993; Inkelas, 1993).
- 2) O modelo **não -interativo** — Toda a morfologia precede a fonologia (p. ex., Halle & Vergnaud, 1987; Halle, Harris e Vergnaud, 1991; Odden, 1993).
- 3) O modelo **combinado** — A morfologia alimenta a fonologia ciclicamente em

alguns níveis, mas em outros é aplicada em bloco antes das regras fonológicas (p. ex., Booij & Rubach, 1985; Halle & Mohanan, 1985; Kiparsky, 1985; Borowsky, 1993).

1.3 — O modelo de Borowsky

Em seu modelo de fonologia lexical, a autora, na mesma linha de Kiparsky 1985, postula a existência de dois domínios lexicais apenas, o Nível do Radical (correspondente ao Nível 1) e o Nível do Vocábulo (correspondente ao Nível 2). Ainda seguindo a reformulação de Kiparsky, ela se opõe a um dos princípios característicos da FL clássica, negando que cada regra fonológica esteja vinculada a um nível específico. Ela adota o ponto de vista de que determinados conjuntos de morfemas estão associados com certos conjuntos de propriedades fonológicas, e as regras fonológicas vão-se aplicar de acordo com uma série de fatores restritivos. Em suma: todos os processos fonológicos estão disponíveis em todos os níveis; o que faz com que pareçam não estar é o efeito dessas restrições (Borowsky, 1986), proposta semelhante à Hipótese do Domínio Forte de Kiparsky 1985. A fonologia consistiria, portanto, em um único conjunto de regras que são, em princípio, livres para aplicar-se sempre que encontrem sua descrição estrutural — modelo muito diferente do empregado pela FL clássica, que dividia a fonologia em várias unidades menores, associando cada domínio morfológico com um subconjunto fonológico distinto, que poderia, em princípio, conter diferentes regras em ordens diferentes (Kiparsky, 1982).

Na evolução de sua teoria, contudo, a autora introduz uma importante alteração na relação entre a morfologia e a fonologia, ao afirmar que a principal diferença do Nível do Vocábulo é que nele todos os processos fonológicos vêm **antes** de qualquer operação morfológica (Borowsky, 1993). Seu modelo é assim representado:



(Borowsky, 1993: 200)

Neste modelo, em vez de explicar a distinção entre os dois níveis recorrendo a diferenças entre os conjuntos de regras que se aplicam ou deixam de se aplicar em cada nível, afirma que os dois níveis se caracterizam pelo interface radicalmente distinto entre a morfologia e a fonologia. No primeiro domínio — o Nível do Radical —, a morfologia e a fonologia interagem da maneira usualmente defendida pela FL padrão. A fonologia deste nível apresenta todas as características usuais: as regras preservam a estrutura, são cíclicas e obedecem à condição do ciclo estrito. No entanto, depois de todas as operações do Nível 1, as formas resultantes completam outro circuito através do sistema fonológico antes que ocorra a afixação do Nível 2. Este — o ciclo do Nível do Vocábulo — é, para Borowsky, o último domínio fonológico do Léxico. Este ciclo deve preceder toda e qualquer afixação neste nível. Depois que os afixos deste nível são acrescentados, não ocorre mais nenhuma operação fonológica lexical, o que parece indicar que, neste nível, a fonologia **precede** a morfologia, invertendo-se assim a ordem clássica defendida pela FL, expressa pelo princípio de que onde houver a interação

entre os dois componentes, a fonologia viria sempre **após** a morfologia.

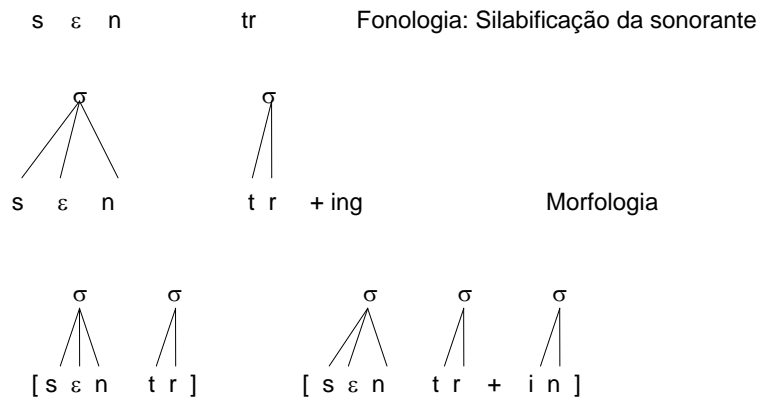
Nesta modificação da teoria, depois da morfologia do Nível do Vocábulo, o próximo ciclo através da fonologia já se dá no primeiro domínio da fonologia pós-lexical: o vocábulo fonológico. Para a autora, o Nível do Vocábulo não é cíclico (como afirmam, por exemplo, Borowsky, 1986; Kiparsky, 1982) ou pós-cíclico (como sugeriram Booij & Rubach, 1987); Borowsky, contudo, não atribui a essa não-ciclicidade as propriedades características do Nível 2, que, como vimos, são consequência da inversão de ordem entre a fonologia e a morfologia. A ciclicidade e os princípios que lhe dizem respeito ficam no Nível 1, o estrato verdadeiramente lexical.

O ciclo fonológico do Vocábulo ocorre depois dos processos do Nível 1 mas **antes** de qualquer morfologia do Nível 2. Segundo a própria autora, este ciclo corresponde à operação morfológica em Selkirk 1982 que transforma uma forma do Radical em uma forma do Vocábulo (Borowsky, 202). Evidências podem ser encontradas, por exemplo, na Silabificação da Sonorante no Inglês:

(1) [+ son] → [+ syll] / C _____]

	Nível 1	Nível 2
_____]	_____] af. 1	_____]af.2
wonder	wondrous	wondering
cycle	cyclic	cycling
theater	theatrical	theatergoer
meter	metric, metrical	metering
center	central, centrality	centering

Esta alternância, descrita em (1), localiza-se em ambiente de final de vocábulo; ocorre antes dos sufixos do Nível 2 (coluna da direita), mas deixa de ocorrer antes dos sufixos do Nível 1 (coluna do meio). Borowsky explica este fato



(Borowsky 1993: 203-4)

Com base nisso, Borowsky postula que todos os afixos do Nível do Vocábulo também passam pela fonologia deste nível e só então são unidos pelos processos morfológicos. O licenciamento prosódico deve ocorrer antes que se acrescentem os sufixos do Nível 2. Neste ponto, o ambiente da borda de vocábulo e o ambiente que precede os sufixos do Nível 2 coincidem. Como o licenciamento prosódico ocorre antes da afixação do Nível do Vocábulo, não está disponível a opção de incorporar consoantes finais extraviadas como ataques da sílaba seguinte.

Entre outros exemplos que apresenta, é particularmente interessante para o meu trabalho sua análise da alternância [ç, x] do Alemão. Consideram-se estes segmentos em distribuição complementar; a fricativa velar ocorre depois de vogais [+post], enquanto a fricativa palatal ocorre depois de vogal [-post]:

(3)	[ç]		[x]
	ich	(eu)	Buch (livros)
	Küche	(cozinha)	Koch (cozinheiro)
	riechen	(cheirar)	rauchen (fumar)
	sicher	(certo)	Sprache (idioma)

Vários pares mínimos, contudo, que seriam aparentes contra-exemplos a esta regra, podem ser explicados satisfatoriamente pelo modelo proposto por Borowsky:

- (4)
- | | | | |
|----|-----|----------|--------------|
| a. | [ç] | Kuhchen | (vaquinha) |
| | | Pfauchen | (pavãozinho) |
| | | Tauchen | (cordinha) |
| b. | [x] | Kuchen | (bolo) |
| | | pfauchen | (silvar) |
| | | tauchen | (mergulhar) |

(Borowsky 1993:205-6)

O importante é que os exemplos em (a), em que o ç aparece depois de vogal [+ post], são formas morfologicamente complexas derivadas no Nível 2; desta maneira, embora os ambientes fonológicos sejam aparentemente idênticos, os exemplos de (4a) apresentam um limite de morfemas do Nível do Vocábulo entre a vogal e a fricativa, enquanto os de (4b) são monomorfêmicos. A regra das fricativas se aplica no ciclo do Vocábulo, no Nível 2, antes da afixação do morfema do DIM, mas não **depois**, o que seria normal se a fonologia viesse após a morfologia, como sempre se postulou para casos como este, em que o alvo e o gatilho co-ocorrem só depois da morfologia. No modelo de Borowsky, como vimos, todas as regras da fonologia do Nível 2, incluindo a regra da Assimilação da Fricativa no Alemão, aplicam-se **antes** da morfologia deste nível. Assim, só um morfema pode ser visto pela fonologia; toda a estrutura morfológica do Nível 1 foi apagada e ainda não foi acrescentado nenhum morfema adicional. É como se, no Nível 2, qualquer forma, mesmo que tenha sido derivada no Nível 1, seja tratada como um Vocábulo — i.e.,

de modo idêntico a qualquer vocábulo não derivado.

Para Borowsky, o vocábulo (o **mot**) — incluindo aqui os afixos — é derivado no Nível do Vocábulo. Os afixos passam pela fonologia deste nível de maneira independente.; por conseguinte, todos os afixos, neste nível, conservam sua integridade com relação às regras lexicais. Os afixos são organizados pela fonologia como uma forma independente no Nível do Vocábulo e possuem, assim, uma identidade própria. Como o prefixo e o vocábulo a que se une formam constituintes diversos, eles passam isoladamente pela fonologia no ciclo do Vocábulo, e só então são ligados pelos processos morfológicos — dentro do princípio fundamental deste modelo, em que toda a fonologia precede a morfologia e não interage com ela neste nível.

No tão comentado caso de **un-** (**ungrammatical, unbelievable**), não ocorre a assimilação com a consoante seguinte no morfema adjacente justamente porque, para Borowsky, **os morfemas ainda não estão adjacentes quando passam pelo sistema fonológico** no nível do Vocábulo. “O prefixo passa pela fonologia, e o radical a que se liga passa pela fonologia, e as regras aplicáveis operam independentemente sobre as duas formas” (217). A Assimilação Nasal não é aplicável, por conseguinte, porque o **n** não está adjacente a um assimilador. Diferentemente de Booij & Rubach, para quem os afixos e os radicais estão adjacentes morfológicamente, mas pertencem a diferentes constituintes prosódicos, a autora alega que eles **não** estão adjacentes quando se aplicam as regras do ciclo do Vocábulo.

A partir daí ela define a criação do vocábulo prosódico (**mot**): o que caracteriza a passagem de uma forma a unidade prosódica é a fonologia; cada forma que passa pela fonologia em algum ponto da derivação é uma unidade prosódica naquele domínio. No Nível do Radical, a morfologia cria formas

complexas que passam pela fonologia; cada uma dessas formas é uma unidade prosódica. No Nível do Vocábulo, não surge nenhuma forma complexa antes que se tenha aplicado toda a fonologia sobre os constituintes. Todos os afixos que são ligados neste nível, bem como todas as formas que, vindas do Nível 1, ingressaram no Nível do Vocábulo, são unidades prosódicas. No Nível 1, nenhum afixo é considerado um **mot** porque nenhum afixo pode constituir, por si mesmo, um domínio para a aplicação de regras fonológicas; no Nível 2, ao contrário, todos os morfemas são vocábulos prosódicos.

Uma regra como a Assimilação Nasal no Inglês pode parecer, à primeira vista, aplicar-se no Nível 1 e no nível pós-lexical, mas deixar de aplicar-se no Nível 2, em vocábulos como **unbelievable**. Em vez de considerar esta regra como bloqueada no Nível 2, Borowsky frisa que a regra pode se aplicar em todos os níveis: ciclicamente no Nível 1, não-ciclicamente no Pós-lexical e tautolexicalmente no Nível do Vocábulo.

Outro forte argumento de que as formas no Nível do Vocábulo constituem domínios prosódicos independentes é a atribuição do acento. Muitos trabalhos sobre a fonologia do Inglês partem do pressuposto de que as regras gerais do acento não se aplicam no Nível do Vocábulo da mesma forma que o fazem no Nível 1. Os afixos do Nível 2 nunca afetam acentos previamente atribuídos. Para dar conta deste fato afirma-se que há afixos stress-sensitive e stress-neutral. Não se pode dizer, contudo, que as regras do acento desligaram-se após o Nível 1, já que se aplicam aos compostos do Inglês e a alguns dos afixos considerados stress-neutrals, como alguns prefixos e o sufixo **-hood**. Como os afixos do Nível 1 ligam-se antes da fonologia, o output de cada operação morfológica cria um vocábulo que se torna o input de um ciclo fonológico, o que faz com que esses afixos interfiram na contagem de sílabas da forma inteira, afetando o padrão acentual. No Nível 2,

entretanto, Borowsky prefere considerar que as regras de acento se aplicam individualmente a cada morfema, o que faria com que os afixos deste nível sempre fossem neutros com relação ao resto da estrutura morfológica derivada no mesmo nível.

As regras do Nível do Radical tipicamente interligam os morfemas, apagando as bordas internas e refazendo a organização prosódica cada vez que um morfema é acrescentado. O output é uma forma que parece uma forma não-derivada, com juntura fechada. Já as regras do Nível do Vocábulo não apagam as bordas; ao contrário, são caracteristicamente sensíveis a elas. As formas produzidas neste nível parecem antes concatenações de morfemas, e não vocábulos não-derivados. Por exemplo, não existem consoantes geminadas em qualquer vocábulo do Inglês. Se duas consoantes idênticas são unidas pela concatenação de dois morfemas, a seqüência resultante é degeminada, fazendo a palavra resultante assemelhar-se a um vocábulo não-derivado: **/in + numerable/** → **[inumerebl]**. No Nível do Vocábulo, contudo, não há degeminação obrigatória; a geminada pode permanecer, dependendo da velocidade da fala: **unnatural, rat trap, bus stop**. Além disso, a organização prosódica previamente atribuída é conservada, não importando quantos afixos do Nível 2 tenham sido acrescentados: **cóncsciencelessness**. O output deste nível nunca se assemelha a um vocábulo não-derivado. Não basta, para explicar isso, afirmar que este nível é não-cíclico, como sugerem Booij & Rubach (1987) ou Kiparsky (1985): se ele fosse não-cíclico, as regras deveriam ocorrer across the board dentro do domínio, como na fonologia pós-lexical, e não se restringir a domínios menores no interior do domínio, como parece acontecer no Nível do Vocábulo.

Na proposta de Borowsky, o primeiro nível do léxico, o Nível do Radical, contém, entre outras coisas, uma lista dos radicais e uma lista dos afixos, bem

como as regras que relacionam cada radical aos outros da lista (ou regras que derivem cada radical do outro). Isso significa que cada forma derivada neste nível existe como uma forma independente na lista (seria uma entrada lexical). Por sua vez, no Nível do Vocábulo, cada forma derivada possível é derivada ativamente, e essas entradas lexicais **não** são listadas independentemente. Desta forma, o conjunto de afixos que selecionam os Radicais (os afixos do Nível 1) podem ser identificados sem marcas explícitas. Esses afixos são os únicos que ocorrem nas formas listadas. Os afixos do Nível 2 ocorrem nas listas do léxico apenas como morfemas presos separados. Eles não aparecem também nos vocábulos listados; os afixos que também ocorrem como componentes dos vocábulos listados são os do Nível 1.

O fato de que o Nível do Radical é cíclico decorre, então, do fato de que os itens lexicais existentes, para Borowsky, são derivados uns dos outros. **Presidential** é derivado de /president + ial/. **Ipsso facto**, o nível deve preservar as estruturas: as formas que se relacionam nos itens existentes não permitem inovações na derivação; novos segmentos ou estruturas não podem ser introduzidos. A autora acrescenta que o SCC, pelo qual regras structure-changing são bloqueadas em ambientes não-derivados, é também uma decorrência do modelo: as entradas listadas vão bloquear qualquer mudança interna devido à Elsewhere Condition, permitindo apenas mudanças na borda em que está sendo incorporado o novo material.

O Nível do Vocábulo não apresenta nenhuma dessas características. Não parece necessário postular que os vocábulos morfologicamente complexos deste nível devam ser listados — ao menos não da mesma maneira como são listados, por exemplo, **conjoin**, **conjunctive**, **conjunction**. O Nível do Radical não é considerado **produtivo**, porque refere-se principalmente a vocábulos existentes;

isso não significa que ele seja apenas uma lista de palavras, já que podemos produzir novos itens com as regras morfológicas e fonológicas deste nível; o que fica claro é que ele é muito **menos** produtivo que o Nível 2. Por outro lado, formas do Nível do Vocábulo, como **swingingest**, **unchocolatyst** ou **neighbourhoodlessness** não são listadas independentemente: são derivadas ativamente pela morfologia, pois este é um nível produtivo. Aqui não há fonologia cíclica ou preservadora de estrutura porque não estão sendo relacionadas formas já existentes. Isso sugere que os afixos verdadeiramente produtivos ligam-se a vocábulos já processados completamente. É evidente que as formas do Nível do Radical são analisáveis; contudo, quando as usamos produtivamente, estamos apenas concretizando um vocábulo que já está listado. No Nível do Vocábulo, porém, quando usamos uma forma afixada, estamos realmente construindo esta forma durante a produção: ela não está disponível como uma forma pré-fabricada. Borowsky acrescenta o interessante argumento de que os dados da Psicolinguística indicam que os processos fonológicos e morfológicos do Nível 1 nunca são afetados por erros da fala, enquanto os processos do Nível 2 o são (232, nota 25). Poderíamos supor, portanto, que a base de afixação nestas formas do Nível do Vocábulo não são representações subjacentes, mas um vocábulo real.

Em suma, a interação da fonologia e da morfologia no léxico é diferente nos dois níveis. As propriedades fonológicas de cada nível não nascem do fato de serem cíclicos ou não-cíclicos, mas do fato de que não existe fonologia após a afixação no Nível do Vocábulo, onde a fonologia precede toda a morfologia. As regras que podemos atribuir a este segundo nível devem ser aplicadas antes de qualquer morfologia. Borowsky não encontra evidências fonológicas de interação com a morfologia no Nível do Vocábulo; na verdade, as características fonológicas deste nível sugerem que não exista nenhuma. Com base nisso, Borowsky conclui que o léxico tem dois domínios em que ocorre a fonologia. No Nível do Radical, a

fonologia e a morfologia se alimentam mutuamente, da forma como tem sido postulada pela FL standard. Ao saírem deste primeiro nível, todas as formas passam pela fonologia em seu trajeto para a morfologia do Nível do Vocábulo, constituindo o segundo e último domínio da fonologia lexical. É o **único ciclo fonológico neste nível, e une os dois domínios**. O output da morfologia do Vocábulo entra de novo na fonologia em seu trajeto para a sintaxe: este é o primeiro domínio pós-lexical, o vocábulo fonológico. Este é o domínio que corresponde ao domínio identificado como o nível do vocábulo em Booij & Rubach (1987), Kiparsky (1985), entre outros. Este é o assim chamado domínio “pós-cíclico” ou “não-cíclico”, não o nível do vocábulo, e **não é um domínio lexical**.

W. Opasi, em sua análise do Espanhol, assim descreve o nível do Radical: numa derivação, o radical precisa, em primeiro lugar, ter sua estrutura silábica fixada, uma vez que, no Espanhol, a atribuição do acento só pode ter lugar em cadeias silabificadas. A regras de Stress Assignment atribui uma marca forte (s) à última sílaba do radical derivacional: **séd**, no ciclo 1 de **sedoso**. Então segue-se a realização de um elemento terminal (já tendo sido criado um slot para sua manifestação). Imediatamente após a integração de um ET foneticamente concreto, todo o item lexical precisa ser ressilabificado. O output desse primeiro ciclo já é um item lexical; dessa forma, no caso de não se acrescentar morfemas adicionais, **séda** pode continuar através dos vários estratos do léxico, onde regras morfofonológicas cíclicas a ele se aplicam no vazio, saindo do léxico sem alteração. Contudo, se um substantivo como **séda** for afixado, por exemplo, para a formação de um Adjetivo, ele precisa então passar por outro ciclo . O acento passa a ser novamente operativo, já que um novo elemento derivacional é acrescentado à forma de base. Desta forma, a linha de associação que liga o traço do acento ao radical previamente mais externo deve ser rompida para permitir a integração do novo morfema derivacional e religada ao novo elemento. Isso é imediatamente

seguido da regra do Slot Supply, que aparelha a forma derivada com apenas um slot para o elemento terminal mais à direita ser acrescentado — o que é típico do estrato derivacional (Harris 1985). Segue-se um ciclo subsequente de Ressilabificação, como era de se esperar.

1.4 — O problema do domínio

Nespor (1985), para explicar a representação apropriada dos padrões rítmicos e determinar o domínio de aplicação de certas regras do Italiano, sentiu a necessidade de definir o **vocábulo fonológico** (ω), um constituinte da hierarquia prosódica que fica imediatamente acima do **pé** e imediatamente abaixo da **frase fonológica**. Este domínio não equivale necessariamente aos constituintes da hierarquia morfossintática: ele pode ser **menor**, **igual** ou **maior** do que o elemento terminal de uma árvore sintática, dependendo da língua em estudo.

Se considerarmos que o domínio do vocábulo fonológico ω é igual ou menor que o constituinte dominado pelo nóculo terminal de uma árvore sintática, tudo aponta para a inevitável falta de coincidência entre o vocábulo morfológico e o vocábulo fonológico, obrigando-nos, no caso do Português, a um reestudo dos limites de cada um deles e do conceito de “vocábulo fonológico”, “frase fonológica” e “frase sintática”. O Estruturalismo já tinha deixado claro que o domínio morfológico e o domínio fonológico de uma língua poderiam ser discrepantes (Matthews 1974; , em toda sua obra): os elementos da hierarquia morfológica (morfema, vocábulos simples, vocábulos compostos, etc.) poderiam coincidir com a hierarquia fonológica (sílabas, pés, etc.) — mas não necessariamente.

A própria utilização do termo **vocábulo** deveria vir, como precaução indispensável, acompanhada de uma delimitação cuidadosa de sua abrangência. Como já apontamos em trabalho anterior (Moreno 1977), lingüistas como Câmara

Jr., Hall Jr., entre outros, faziam questão de indicar quando estavam usando o termo **vocábulo** no âmbito **morfológico** ou no **fonológico**. No entanto, uma década depois, num período em que a Sintaxe e a Fonologia ocuparam a atenção da maioria dos estudiosos, quando se reiniciou a falar em Morfologia (como Aronoff, em 1976), verifica-se que aquela nítida distinção pré-chomskyana não recebia o destaque que merece; com o desenvolvimento da Fonologia Prosódica, contudo, a precisa definição destes conceitos tornou-se uma preocupação constante, já que ela é decisiva para a descrição de fenômenos como a **silabação** e o **acento**. Os problemas que daí advieram podem ser facilmente verificados, como veremos a seguir.

Harris (1983) , **e.g.**, ao afirmar que “o domínio do acento no Espanhol é o **vocábulo** ,definido como **[.....]x** , onde X pode ser N (noun), V(verb) ou A (adjective/adverb)”, vai encontrar dificuldade em explicar o problema de **-mente**, chegando a sugerir que, juntamente com **((e)c)ito** — sufixo formador de diminutivo —, aquele seria o único sufixo derivacional acrescentado diretamente **ao vocábulo**, e não ao radical derivacional. Tal asserção, aliás, obriga-o a complicar sua análise, postulando que, para os vocábulos “**derivados**” com esses sufixos, o acento seria **cíclico**, enquanto em todos os demais vocábulos, derivados ou não, seria **não-cíclico**. Isso pode ser solucionado sem nenhuma dificuldade pela teoria de Borowsky, que adotamos neste trabalho.

Nespor e Vogel (1986) dedicam-se demoradamente ao radical, tratando de deslindar esse nó na relação morfologia—fonologia, usando como excelente argumento as regras de silabificação. Segundo as autoras, é impossível estudar a silabificação de uma língua sem determinar com precisão o domínio em que ela se aplica. Partindo do **MOP** (Maximal Onset Principle), que exige que toda consoante que precede vogal seja onset — [CoV] σ [CVCo] σ — comparam exemplos da

silabificação do Inglês:

(5) (a) **pecan** [pe] σ [can] σ (b) **brookite** [brook] σ [ite] σ

A evidência de que (a) é diferente de (b) é o fato de a velar /k/ ser aspirada em **pecan**, mas não em **brookite** — o que revela também que aqui o MOP não está sendo aplicado, porque no Inglês a silabificação coincide em geral com os limites do morfema. Ou melhor: a silabificação é **sensível** a certos aspectos da estrutura morfológica. Para as autoras, no caso do Inglês, em particular, o domínio da silabificação é um **radical + qualquer sufixo não-neutro adjacente**. Ela não se aplica, portanto, através do limite entre um radical e um afixo neutro (ou afixo da Classe II, na terminologia do SPE), ou entre dois afixos neutros:

(6) sleeplessness → [sleep] [less] [ness] *[slee] [ple] [ssness]

É evidente que a silabificação também não pode ser aplicada através dos membros de um composto, muito menos entre os vocábulos de uma frase. Esta última possibilidade, aliás, sempre foi usada para distinguir línguas do grupo Germânico (Inglês, Holandês, etc.) das línguas do grupo Românico, que, estas sim, permitiriam a silabificação através da frase.

O que as autoras demonstram, contudo, é que — em qualquer língua — o verdadeiro domínio da silabificação é o **vocábulo fonológico** (ω) e, por conseqüência, ela pode ser usada como teste para a delimitação do ω. A aparente diferença encontrada no Espanhol, no Português ou no Italiano — em que o domínio pode ser a própria frase — é explicada pela existência de **dois** tipos de silabificação:

(1) a que se aplica no domínio do vocábulo fonológico (universal);

(2) a **ressilabificação**, específica a certas línguas (aplicada sempre pós-lexicalmente, depois que a silabificação essencial já foi aplicada no nível do vocábulo fonológico).

(7) Um bom exemplo é o caso, no Espanhol, da seqüência **nasal-glide**, perfeitamente bem formada no nível silábico: **nuevo, nuez, nieve**. Dessa forma, de acordo com o MOP, um segmento (y) **interno** ao vocábulo é silabificado com a vogal nasal que o segue, não com a que o precede:

(8) manual [ma] [nual] poniendo [po] [nien] [do]

Com base nisso, era de se esperar que a seqüência **nasal-glide** em vocábulos **adjacentes** sofressem a mesma silabificação — o que teria de acontecer, se esta ocorresse apenas pós-lexicalmente:

(9) un huevo [un] [hue] [vo] * [u] [nhue] [vo]
un hielo [un] [hie] [lo] * [u] [nhie] [lo] (Nespor & Vogel 1986: 69)

É necessário, portanto, admitir que houve primeiro a aplicação da regra aos vocábulos fonológicos individuais, antes da aplicação da ressilabificação.

1.4.1 — O vocábulo fonológico

O vocábulo **fonológico** é entendido como a categoria que domina imediatamente os pés, de modo que nunca duas sílabas de um mesmo pé possam pertencer a diferentes ω s. É no ω , portanto, que mais se materializa a interação entre os componentes fonológicos e morfológicos de uma gramática. Ele é o mais baixo constituinte da hierarquia prosódica construído com base em regras de mapeamento que reagrupam os elementos terminais de uma estrutura

morfológica¹, de tal forma que as unidades resultantes não correspondam necessariamente a qualquer constituinte morfológico. Embora seja encontrado em línguas como o Grego ou o Latim, esse isomorfismo entre morfologia e fonologia, como apontam as autoras, é raramente encontrado. O domínio de ω poderia ser, desta forma, menor que o constituinte dominado pelo nóculo terminal de uma árvore sintática — embora sua definição exata possa variar de língua para língua. Uma hipótese bem comum seria

o ω consiste em

(a) radical + afixos adjacentes [ou só radical, como **café**]

(b) qualquer elemento **livre** (clítico, preposições, conjunções)

Em (a), incluem-se todos os vocábulos não-compostos (derivados ou não). Em (b), incluem-se como ω aqueles outros elementos que não têm a qualidade de **radicais**. Os compostos são considerados como dois ω s, apesar de formarem um só vocábulo morfológico e constituírem um elemento terminal da árvore sintática.

Essa hipótese é **simétrica**: não distingue **prefixos** de **sufixos**. No caso do Húngaro, o domínio do ω inclui radicais + sufixos; os membros dos compostos e os prefixos são ω s independentes. Já para o Italiano, as autoras definem o domínio de ω como (1) radical + sufixos ou prefixos terminados em **consoante**; (2) prefixos que terminam em **vogal**.

Na mesma linha, Booij e Rubach (1984) destacam a noção de vocábulo fonológico para assinalar que não há isomorfismo entre os domínios fonológico e morfológico, utilizando o já citado exemplo da **ungrammaticality**.

¹Apesar de diversas escolas prosódicas tomarem a **mora** como ponto inicial.

Morfologicamente, este vocábulo se analisa como [[un [grammatical_A]_A ity]_N], já que não se liga a nomes, mas só a adjetivos — o que bloqueia a análise [[un [grammatical]_A ity]_N]_N. Como tradicionalmente **un-** sempre foi classificado como um afixo da Classe 2 (acento neutro) e **-ity** como afixo da Classe 1 (muda o acento), criou-se um problema para quem tentava defender a ordem de afixação, utilizando os mais variados e (fantasiosos) argumentos, como Selkirk, **e.g.**, que considerou **un-** afixo tanto do nível 1 quanto do 2.

Booij e Rubach preferem — acertadamente, a meu ver — considerar aqui um vocábulo morfológico que consiste em mais de um vocábulo **fonológico** (denominado **m**, de “mot”):

(10) (un)_m (grammaticality)_m (under)_m (estimation)_m

A questão dos níveis de afixos seria solucionada dividindo-os em **ligantes** (“cohering”) e **não-ligantes** (“non-cohering”). Os primeiros se fundem com o vocábulo fonológico anterior ou posterior, formando um novo **m** (ex.: **-ity**). Os outros valem como **m** individuais. É o caso de **-un**. Isso fica claro pelo fato de que o limite de **-un** sempre coincide com um limite de sílaba:

(11) unable (un)_σ (ej)_σ (bl)_σ

Dessa forma, o domínio relevante da acentuação de **ungrammaticality** é **un** e **grammaticality**. Isso explica por que a presença do prefixo de acento neutro (**un-**) não afeta o potencial de o sufixo **-ity** mudar o acento (**grammátical**, **grammaticálicity**). O mesmo vale para vocábulos como **underestimation**, **extrametricality**, etc. Regras que se aplicam no interior de vocábulos fonológicos não se aplicam nestas estruturas que envolvem junturas prefixais. Booij e Rubach sugerem a denominação de **compostos fonológicos** (um só vocábulo morfológico,

mas **dois** fonológicos). Na solução que os autores encontraram, estes prefixos, do ponto de vista das **WFRs** (Regras de Formação de Palavras), têm o status de morfemas comuns; são vocábulos independentes, contudo, com relação às regras fonológicas.

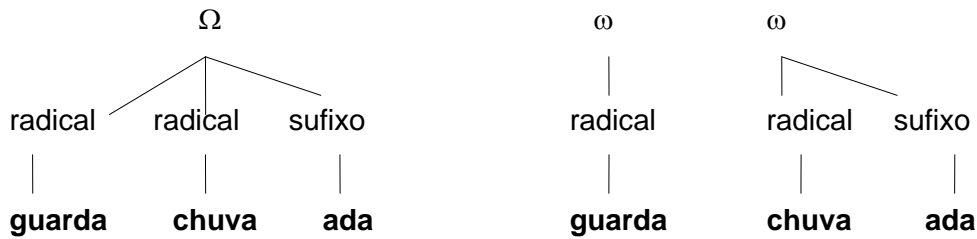
Esses compostos fonológicos (**m'**) só podem se formar depois das regras de morfologia flexional, já que a eles se acrescentam morfemas finais. Segue-se daí que **m'** só será formado depois que todas as **WFRs** tenham sido aplicadas, ou seja, no final da derivação morfológica. Note-se que este composto fonológico corresponde, **grosso modo**, ao que é chamado de **frase fonológica**, a qual, a partir deste momento — *NOTA BENE* — pode ser composta de um ou mais vocábulos morfológicos. São da mesma categoria, portanto, no que diz respeito ao vocábulo fonológico:

(12) (a) passatempo (b) guarda-chuva (c) comi arroz (entre outros).

Os limites entre o vocábulo fonológico individual e a frase fonológica ficam ainda mais obscurecidos quando se é obrigado a distingui-los através da malha espessa e perturbadora da convenção **ortográfica**, que muitas vezes desrespeita esses limites, ora tratando como unidade ortográfica dois vocábulos fonológicos individuais, ora dando-lhes o status de unidades ortográficas distintas. Acrescenta-se, como complicador, o fato de que nossa concepção habitual do que seja um **vocábulo** está mais fortemente influenciada por informações **morfológicas** (com seus elementos terminais, por exemplo), que só atuam no âmbito lexical, do que por informações fonológicas, que muitas vezes atuam em qualquer nível do enunciado, seja lexical ou pós-lexical.

1.4.2 — O vocábulo fonológico no Português

Como hipóteses, poderíamos afirmar, em primeiro lugar, sobre o vocábulo



Como Nespor & Vogel advertem, para demonstrar que o domínio de ω , de fato, nunca pode ser maior que o elemento terminal de uma árvore sintática (podendo, muitas vezes, ser até **menor**), é necessário encontrar evidências de que os dois membros de um composto não se comportam como um único ω . No caso do Português, um bom parâmetro é a presença do acento em ambos os elementos. Dos dois acentos primários que os elementos de um composto têm individualmente, apenas o segundo permanece depois da composição, reduzindo-se o acento do primeiro elemento a acento **secundário** (**cândida ménte** / **cândida + ménte**), formando um padrão que não se encontra no vocábulo individual e, principalmente, um padrão que corresponde ao encontrado quando palavras independentes são reunidas numa frase lexical. Poderíamos contra-argumentar dizendo que o fato deste acento se manifestar como mais fraco que o acento primário é normal em qualquer acento secundário. Contudo, neste caso particular, observa-se a ocorrência — impossível para os acentos secundários comuns — de um acento secundário contíguo a um primário: **feliz ménte** → **feliz + ménte**, que se faz **fèlizménte** por reajuste rítmico. Da mesma forma, **cândidaménte** (acento secundário derivado de primário) alterna com **candìdaménte**, acento secundário atribuído pós-lexicalmente.

O vocábulo fonológico, assim definido, é o verdadeiro domínio de aplicação de várias regras fonológicas. À guisa de exemplificação, vamos examinar a regra da Neutralização da Pretônica. Segundo esta regra, as sete vogais do PB só

podem aparecer em sílaba acentuada. Quando /E/ e /O/ perdem o acento, seja por derivação morfológica, seja por flexão, perdem também um traço de abertura (**abert** 3 - Wetzels), permitindo a regra, desta forma, que o vocábulo satisfaça a condição de boa-formação: r/O/lo, mas r/o/lámos; m/E/dico, mas m/e/díco; l/E/ve, mas l/e/véza .

Se considerarmos que o domínio desta regra é o ω , percebemos que, sem dúvida, os sufixos formam um ω juntamente com o radical a que se ligam. Pelo mesmo raciocínio, por outro lado, podemos corroborar as hipóteses que relacionamos acima:

(14) pr/E/. determinado	* pr/e/ . determinado
t/O/ca . discos	* t/o/ca. discos
l/E/ve. mente	* l/e/ve. mente
p/E/rola . zinha	* p/e/rola.zinha

Em todos esses casos, a regra deixa de se aplicar, já que o grau de abertura da vogal do primeiro membro de cada vocábulo não se reduziu como na derivação. Seria impossível fixar o domínio da Neutralização da Pretônica com base em dados exclusivamente morfológicos; o exemplo serve para indicar a necessidade de (1) a delimitação exata do ω no PB e (2) a definição de quais regras têm este domínio de aplicação.

Sugerimos, portanto, que constituem, no Português, um ω individual:

- a) radical + (sufixos derivacionais) + (marcadores)
- b) cada membro de um composto;
- c) prefixos reconhecidos como tal pelos falantes;
- d) **-zinhV, -mente, -inhV e -íssimo.**

Essa hipótese leva a uma reformulação vigorosa das regras clássicas de formação de palavras no PB. Todos esses elementos seriam formados no Nível 1, o Nível do Radical. A concatenação dos prefixos com o vocábulo a sua direita e dos quatro sufixos especiais relacionados em (d) com o vocábulo a sua esquerda ocorre no Nível 2, o Nível do Vocábulo ou, como veremos abaixo, no pós-lexical. A ligação dos membros dos compostos ocorre já na Sintaxe.

1.5 — A sílaba

A teoria defendida por Itô (1986) postula um conceito de silabificação como um contínuo matching do **template** — a que chamaremos de **molde** — governado por condições de boa-formação de sílabas e um parâmetro de direcionalidade. Essa teoria que prefere o molde às regras de formação da sílaba já vem sendo defendida por outros autores (Selkirk 1978, Halle & Vergnaud 1978, etc.) . Nela, a silabificação consiste no mapeamento da cadeia (string) fonológica ao molde silábico da língua. Dessa forma, o molde silábico também seria uma espécie de condição de boa-formação, que define as possíveis seqüências esqueléticas de uma dada língua . A estrutura silábica de uma língua é dada na forma desse molde e de um conjunto de condições de boa-formação, tais como a condição do onset, da rima, etc. Esse molde — cuja definição é o ponto inicial do estudo da uma determinada língua — pode ser ignorado apenas no nível pós-lexical, onde, pelo princípio da extraprosodicidade, podemos acrescentar segmentos extraprosódicos mesmo que o molde já esteja preenchido, resultando, por exemplo, em codas que seriam impossíveis no nível lexical. Estes limites postulados pela teoria de Itô para o Princípio da Preservação da Estrutura devem, no entanto, ser redimensionados no modelo que adotamos no presente trabalho, seguindo a proposta de Borowsky: o PPE só vai atuar no Nível 1, o Nível do Radical.

1.5.1 — Os constituintes da sílaba

A necessidade - ou não - de dividir a sílaba em constituintes tem sido amplamente discutida. Embora vários autores julguem completamente dispensável essa distinção (e.g., Clements & Keyser 1985), há línguas em cuja descrição é indispensável levar em conta características e restrições do **ataque** (onset) e da **rima**. Esta última, ao que tudo indica, necessita, no caso particular do Português, ser subdividida em **núcleo** e **coda**.

Para o Espanhol, por exemplo, Harris (1983) definiu como 5 segmentos o tamanho máximo de sílaba. Esta restrição, embora correta, não é suficiente, contudo, para excluir sílabas malformadas. Harris encontra evidências que o obrigam a aceitar a divisão da sílaba em constituintes - para ele, apenas **ataque** e **rima** —, que seguem padrões diferentes de organização. A rima é obrigatória, contendo o pico de sonoridade (sempre uma vogal), enquanto o ataque é opcional. Neste sistema binário, Harris descarta a necessidade de trabalhar com a idéia de **coda**.

Sílabas como **claus-tro** ou **cruel-dade** seriam exemplos de sílabas com o tamanho máximo permitido de 5 segmentos. Contudo, essa restrição, embora correta, não é suficiente para explicar a exclusão de sílabas malformadas como ***muers-to**, mesmo que sejam usuais seqüências menores como **muer-to**, **pers-picaz**, etc., de três e quatro segmentos, perfeitamente admissíveis. Ora, se não ultrapassamos em ***muers-to** o limite dos 5 segmentos e se nenhuma de suas seqüências é bloqueada, por que é malformada? A resposta de Harris leva à confirmação de que no Espanhol há regras de construção próprias à **rima**: ela não pode conter mais de 3 segmentos, independentemente do ataque (que poderá ter de 0 a 2 segmentos).

A análise de Harris não fica distante da análise que Bisol faz para a sílaba do Português. Da mesma forma, a existência de restrições próprias da rima para a colocação do acento no Espanhol também foi verificada para o PB (Bisol; Wetzels): o acento na antepenúltima sílaba só é possível se a penúltima sílaba for aberta (isto é, se não estiver fechada por consoante ou por glide):

telé-FO-no, mas * telé-FOS-no
* telé- BOI-na

De forma análoga, temos no PB **telé-GRA-fo**, mas seria impossível ***telé-POS-to**, ***telé-CUR-so**, embora nada haja errado em si com as cadeias de segmentos, como podemos comprovar por vocábulos verdadeiros como **telecurso** ou **teleposto**. Não é o número de segmentos da penúltima sílaba que é relevante; o que importa é que a **rima** não seja ramificada. Harris não vê, contudo, necessidade de utilizar o conceito de **coda**, pois, neste caso do acento da antepenúltima, sua utilização implicaria, a seu ver, uma formulação antieconômica, do tipo "o acento na antepenúltima é impossível se a penúltima contiver **ou** uma coda **ou** um núcleo ramificado".

Monné (1993), em trabalho mais recente sobre o vocábulo mínimo do Catalão, também defende para o Cat. e o Espanhol a ramificação da sílaba em dois constituintes, o ataque e a rima. Para ela, é a rima o elemento pertinente para o desencadeamento dos processos prosódicos; isso quer dizer que os fenômenos condicionados pelo ataque não se podem explicar pela teoria prosódica. As condições do ataque respondem a princípios gerais de silabificação de uma língua.

A mora (μ) é a categoria que define a rima silábica. Uma sílaba contém normalmente uma ou duas moras. Uma sílaba fechada ou com uma vogal

longa (em línguas com quantidade vocálica) é uma **sílaba pesada ou bimoraica** $(\mu\mu)_\sigma$. Uma sílaba aberta ou com uma vogal breve é uma sílaba **leve** ou **monomoraica** $(\mu)_\sigma$. Do ponto de vista prosódico, a posição do ataque é irrelevante, enquanto a posição moraica é obrigatória e especificada. A justificativa disso é que não existem no Catalão padrões de processos prosódicos em que seja fixo o número de consoantes no ataque e que permita um número variável de posições na coda. O inverso, contudo, é o que existe.

Qualquer que seja o ponto de vista adotado quanto à relevância de cada constituinte da sílaba para o estudo do PB, concordamos com Itô, que utiliza, como vimos, a idéia de um **molde** básico para a língua, acompanhado de um conjunto de condições de boa-formação. Nesse modelo, toda a discussão sobre os constituintes deixa de ser preponderante, embora não perca sua utilidade. Ao estabelecermos o molde, nele fixaremos, implicitamente, todas as condições de construção do ataque, da rima ou da coda. Desta forma, julga a autora que esses conceitos deixam de ser entidades substantivas, mas devem continuar a ser utilizados como **indicativos** valiosos para a discussão da estrutura da sílaba. Ela, acertadamente, não descarta o seu uso, pois isso seria desconhecer seu inegável poder descritivo.

No modelo de Itô, um dos princípios basilares da Fonologia Prosódica é o de que **todos os segmentos devem ser licenciados**. As únicas exceções aparentes são explicadas exatamente pela teoria da **extraprosodicidade**, que admite que certos segmentos (necessariamente periféricos, como veremos) obedeçam a condições que, em circunstâncias normais, não são encontráveis no interior dos vocábulos. Neste domínio especial, podemos encontrar tipos diferentes de ataques iniciais, codas finais, segmentos que fogem à escala de sonoridade, sílabas que não são computadas em regras de acento. Já

Clemens & Keyser haviam observado que, de acordo com as regras de formação do ataque e da rima de cada língua, longos clusters consonantais poderiam deixar de ser exaustivamente silabificados: algumas das consoantes desses encontros poderiam ser consideradas **extra-silábicas**, isto é, não fariam parte de sílaba alguma. Esta constatação está na base do conceito da **extrametricidade**, ou **extraprosodicidade**, ou ainda da **invisibilidade** (Inkelas,), invariavelmente incorporado aos estudos sobre o acento no Português: existem elementos que, embora pertençam à representação subjacente, estão marcados idiossincraticamente com um traço que os exclui do domínio a que certas regras prosódicas, tais como a do acento, se aplicam. Conforme Bisol (1994), é este conceito de extrametricidade que permite ajustar, no Português, a palavra prosódica ao domínio das regras gerais de atribuição do acento: a sílaba, ou a rima, ou mesmo apenas a consoante final tomada isoladamente podem ser ignoradas pela regra, como se fossem invisíveis, sendo mais tarde, e só mais tarde, reincorporadas ao pé métrico .

Na Fonologia Prosódica, portanto, há **duas formas** pelas quais os segmentos podem ser licenciados: por **silabificação** ou por **extraprosodicidade**. Esta última não vai persistir, contudo, no nível pós-lexical, onde todos os segmentos deverão estar **silabicamente** licenciados. Para Itô, esse licenciamento extraprosódico seria inclusive um dos universais da fonologia lexical - embora, também de maneira universal, esteja sempre ausente no nível pós-lexical. Sua existência ou não no nível do vocábulo seria paramétrica, devendo ser definida para cada língua em particular.

O traço comum a todos os autores é a exigência de que a extraprosodicidade esteja obrigatoriamente condicionada ao princípio da **perifericidade**: os candidatos, sejam sílabas, rimas, codas ou categorias

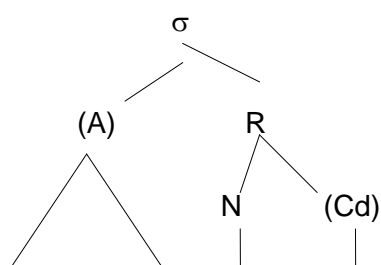
morfológicas que tenham este status, **devem ser terminais**.

Ora, se o princípio da Preservação da Estrutura, que proíbe a geração de segmentos ou estruturas novas no processo derivacional, assegura que as condições de boa-formação (tais como o molde ou as condições de construção da coda) não sejam violadas durante a fonologia lexical (no modelo de Itô), ou no Nível 1 (no modelo de Borowsky), é **indispensável**, para nos utilizarmos deste princípio, definir em primeiro lugar a estrutura que precisa ser preservada. Além disso, também fica evidente que a presença de determinadas ocorrências que fujam ao princípio acima pode ajudar a determinar, em certos casos, o que pertence ao Nível 1 ou o que pertence ao Nível 2.

1.5.2 — A sílaba no Português

Seguimos a descrição de Bisol (1997) para a sílaba do Português: somente as vogais funcionam como núcleo, que, seguido ou não por coda, forma a rima; essa vem precedida pelo ataque, que não é obrigatório. Como o Português não tem vogais longas, a seqüência VV é sempre dissilábica. O padrão canônico é CCVC (C), em que a C parentética é resultado de uma regra particular. A coda é uma soante ou /S/. O ataque tem no máximo dois segmentos, o segundo dos quais é uma soante não-nasal. Essa é a formalização:

(15)



(C)	(C)	V	(C)
	[+ soa]		[+soa] ou /S/
	[- nas]		

Para Bisol, a distinção entre rimas simples e complexas é fundamental para a descrição de uma língua sensível ao peso silábico, como é o Português. Há também regras que precisam referir-se aos constituintes silábicos, como a vocalização da lateral, que só ocorre em posição de coda (**maL** ~ **maw**). Estes princípios participam de todo o processo derivacional, funcionando com condição de boa formação; desta forma, uma representação fonológica subjacente é bem formada se não for diferente do padrão canônico.

Para dar conta de um pequeno número de vocábulos como **fausto**, **austral**, **claustro**, **auscultar**, etc. — formas reconstruídas por via erudita nos séculos XIV e XV — Bisol postula a Regra de Adjunção de /S/, que justifica a estrutura derivada CVCC, incluindo o C parentético:

(16) Regra de adjunção de /S/:

Acrescente /S/ a rimas bem formadas.

Da mesma forma que o Espanhol e o Italiano, o Português também pode apresentar apenas uma consoante na coda (sonorante ou S). No Nível 2 (referimo-nos ao modelo de Borowsky), no entanto, onde a Preservação da Estrutura já não atua, é possível acrescentar um "s" na coda da última sílaba — ultrapassando assim os limites do molde CVCC. É quase inevitável tratarmos esse "s" à parte, como um elemento extraprosódico, pois isso simplificaria sobremaneira a descrição da sílaba em nosso idioma. O caso do "s" plural é um excelente indicador dessa condição extraprosódica, uma vez que atende ao princípio

fundamental da perifericidade.

Que o "s" está se encaminhando para um status extraprosódico foi também observado por Wetzels (1991), quando afirma que "a rima no Português só permite uma única posição de coda, que deve ser ocupada por um segmento sonorante" - e acrescenta, em nota : "Exceto pelo **S**". Poderíamos ir ainda mais longe, afirmando, para o Português, o mesmo que Itô diz do Grego Ático, quando restringe , **no nível do vocábulo**, a extraprosodicidade apenas ao **S** inicial ou final.

Como se explicariam os aparentes desvios ao padrão silábico CCVC? Se as condições de boa-formação restringem a classe de segmentos que podem ser mapeados em cada posição do molde, seguindo o parâmetro da **direcionalidade**, o Português segue o parâmetro D → E (da direita para a esquerda), o mesmo defendido por Monné para o Catalão. As línguas que seguem este parâmetro (como é o caso, observado por Itô, das línguas românicas) vão maximizar o ataque, nele mapeando as consoantes intervocálicas. É por isso que o ataque pode – e a coda não – ser ramificada no Português. Como já foi afirmado acima, só temos uma posição de coda, a ser ocupada por nasal ou sonorante (Wetzels, op. cit.). Para sustentar essa afirmação, contudo, é necessário considerar extraprosódico o "s" que aparece na última posição da coda, sugerindo (equivocadamente) um padrão CCVCC:

(17)	TRANS - pirar	TRANS - portar
	PERS - crutar	PERS - picaz
	TUNGS - tênio	FELDS - pato

A solução, contudo, passa pelo fato de que o status de extraprosodicidade depende, como foi visto, da condição de perifericidade. Estas estruturas silábicas que não estão de acordo com o molde só poderiam ser admitidas no nível pós-

lexical, onde o Princípio de Preservação da Estrutura já não atua . Desta forma, a ocorrência dessas transgressões servem para corroborar a posição que defendo neste trabalho: a de que os prefixos no Português têm um comportamento similar ao observado por Nespor & Vogel para os prefixos do Italiano e por Booij & Rubach para os prefixos do Polonês : são elementos que não se comportam como afixos, mas sim como verdadeiros vocábulos.

A ocorrência e a distribuição desse "s" extraprosódico em nossa língua vai trazer argumentos para comprovar a tese de que os prefixos pertencem ao Nível do Vocábulo, no modelo de Borowsky, comportando-se como verdadeiros vocábulos compostos. O primeiro indício relevante é o fato de que este "s" na 2ª posição de coda só ocorre em dois ambientes. O mais óbvio é como o último segmento do final dos vocábulos **oficiais** (entenda-se: **vocábulos tipográficos**), como nos seguintes casos:

(18) (l) no plural, em certos dialetos, de vocábulos com R na última coda:

revólvers, dólares (em vez de **revólveres, dólares**);

(2) no plural dos nomes em **Nasal**: **parabéns, bens**.

(3) nos raros e exóticos nomes terminados em **C + "s"** : **tórax, xerox, bíceps** (embora aqui ocorra, freqüentemente, uma epêntese).

(4) nos vocábulos terminados por **V + Glide** : **pais, réis, dois, deus, mais**.

Examinemos agora dois grupos de vocábulos onde **sílabas internas** (e não, aparentemente, da borda) apresentam o "s" na segunda posição da coda:

(19) (a) subs - crever
felds - pato
obs - truir

abs - tinente

(b) ins - petor
trans - portar
pers - picaz
inters - tício

(c) claus - tro
aus - tero
mons -tro

Nos vocábulos do grupo (a), não podemos falar, na verdade, de um segundo segmento na coda, já que o Português (diferentemente do Espanhol) desmancha estes clusters em que intervêm as obstruintes com uma vogal epentética:

(20) su - b/i/s - crever
o - b/i/s - truir
a - b/i/s - tinente

É desta forma que se enquadram, no molde do PB, vocábulos exóticos como **tungstênio** ou **feldspato**, em que temos duas sílabas **CVC**:

(21) tun - g/i/s - tênio
fel - d/i/s - pato

Essa mesma vogal epentética desmancha todos aqueles encontros consonantais que os gramáticos tradicionais classificavam de **encontros imperfeitos**: **diGNo**, **aDVogado**, **PNeu**, etc. Nos exemplos em (a), o S fica flutuante, seja pela Condição da Coda, seja pelo Princípio da Sonoridade, e é salvo

pela epêntese.

Já no caso dos vocábulos dos grupos (b) e (c), é de grande importância ressaltar que o "s" só ocorre após **R, Nasal** ou **Glide** — exatamente (e não por coincidência !) os segmentos permitidos no final nos vocábulos do Português, além das simples vogais. No caso específico do grupo (b), o "s" aparece sempre na coda de um **prefixo** (ou de um elemento que historicamente participa de composições). Não há sílaba do tipo **CVC + s** no **radical** dos vocábulos nominais. Isso nos diz, com certeza, muito mais sobre a própria natureza dos prefixos do que sobre o segmento "s" : é que eles são elementos do Nível 2, o Nível do Vocábulo; o "s" fica na borda e pode assim ser candidato ao status de extraprosodicidade, pois continua situado na periferia.

Outra solução poderia ser dada ao mesmo caso. Vejamos os dados abaixo:

(22)	(a)	re - stituir	(b)	con + stituir
		pro - stituir		in + stituir

Em (22a) — uma vez que todos, ou a imensa maioria, dos prefixos do Português terminam em vogal — há a silabação do S de **restituir** como a consoante da coda (**res - tituir**) . Em (22b), poderíamos considerar que, no nível de formação desses vocábulos (o Nível 2), a nasalização da vogal já se tenha processado (VN → ~V) e que, na verdade, (22a) e (22b) são iguais. Se assim o fizermos, na seqüência VN + s teríamos, na verdade, apenas VC, não se recorrendo, desta forma, à extraprosodicidade para explicar o "s".

(23)	in + spirar	in + screver	con + scrito	in + struir
	re + spirar	pro + screver	pro + scrito	de + struir

Todos os vocábulos acima teriam apenas **um** segmento pós-vocálico na

coda. A idéia de que todos os prefixos (na verdade, vocábulos fonológicos) terminam por vogal incluiria também **vogais nasais**. Vamos admitir que a Nasal, em final de vocábulo, é sempre desassociada, fixando-se na rima, o que vai-se verificar com os prefixos, dado seu status de vocábulo. O próprio TRANS, aparentemente uma sílaba superpesada, seria mapeada como CCVC:

(24) trans + por trans + portar trans + pacífica [s/ - coda]
 trans + amazônica trans + oceânico trans + andino [z/ - onset]

Resta explicar os casos em que não se pode postular a existência de um prefixo e, conseqüentemente, da extraprosodicidade do S, como em (1) **monstro**, **sânscrito**, **menstruar**, **demonstrar** (embora a análise histórica sugira, na maioria das vezes, uma origem composta), e (2) casos como **claustro**, **austral** (19c). É significativo que, historicamente, essa vogal nasal de (1) perdeu, em vários exemplos, o traço de nasalidade:

(25) 1 - mênstruo (Lat.) - no séc. XV : mestru
 2. monstrengo - no séc. XVI : mostrengo
 3. demonstrar (Lat.) - no séc. XIV : demostrar²
 4. constranger (Lat.) - no séc. XIII : costranger
 5. constituição (Lat.) - no séc. XIV : costetiçõ
 6. constelação (Lat.) séc. XIV costelação

(entre inúmeros outros casos. Ver: Cunha, 1989)

²Aurélio registra **demonstrar** - aliás, como **mostrar**, que veio do Lat. **monstrare**; dá como desusado; registra **mostrengo** e dá **monstrengo** como variante.

Said Ali, a propósito de **trans**, observa que a forma nasalizada conservou-se nas palavras portuguesas onde prevalece a tendência culta. A linguagem popular alterou-o em **tras, tres: traslado, traspassar, trasbordar, tresvariar, tresler, tresloucado**, etc. (G. Histórica, 253). Os exemplos vistos na lista acima, retirados de Cunha 1989, indicam, pela datação, que a vogal nasal foi mantida nos vocábulos restaurados pelo latinismo humanista dos séculos XV e XVI de Portugal.

Falta o grupo VVS: **mais, seis**. O famoso exemplo de **claustro**, também usado por Harris para o Espanhol, veio do Lat. **claustrum**, mas no séc. XIII era **castra** e **clastra** no XIV. A reconstituição é que nos devolveu esse raro caso de glide + **s** no interior do vocábulo, ao lado da **Áustria**, de **austral** (do Lat. **australis**), de **auspício** (do Lat. **auspicium**), de **austero** (do Lat. **austerus**), de **auscultar** (do Lat. **auscultare**), todos vocábulos ingressados no Português por via erudita ou mais recente. Vocábulos como estes deveriam, portanto, ser marcados lexicalmente com o diacrítico de exceção para receber o molde CCVCC; sem registrar os derivados, a lista é bem limitada: **auscultar, auspício, Áustria, cáustico, exausto** (hausto), **fausto, balaustrada, pleistoceno, eustasia, plêuston; cais, mais, demais, eis, seis, deus, adeus, Mateus, pois, depois, dois**.

Casos como **solstício** ou **interstício** são evidentemente vocábulos compostos, não oferecendo novidade alguma, pois o **s** vem depois do glide ou do **r** já em posição de final de vocábulo. Portanto — e qualquer que seja a análise que se faça das nasais — tudo parece corroborar o molde do Português como CCVC, com a rima apresentando no máximo 2 elementos, e consagrando o **S** como o elemento extraprosódico por excelência no nível do vocábulo.

2 — O nível do Radical

2.1 — Os elementos terminais

No Português, os vocábulos não-nominais são formados por uma base derivacional que pode terminar com as consoantes coronais / l, r, N ou s/ ou pode ser seguida de uma vogal terminal que serve subsidiariamente para marcar distinções de gênero (Harris, 1985); em outras palavras, o **vocábulo** é um radical seguido de um marcador de palavra, se houver. Em contraste com este **marcador** nominal, há uma vogal imediatamente após o radical do verbo — a **vogal temática** —, que apresenta uma diferença crucial dos marcadores: enquanto ela pode ser mantida após o radical, mesmo depois de se processar a afixação na formação de derivados deverbais, os marcadores nunca aparecem no radical quando os sufixos a ele se ligam. Luft já alertara para essa vogal temática verbal que pode ser mantida nas derivações deverbais, constituindo-se numa espécie de vogal temática “interna”:

- (26)
- | | | |
|-----------|---|------------------|
| encorajAr | → | encorajA + mentO |
| amAr | → | amA + ntE |
| vendEr | → | vendE + dorA |
| pedlr | → | pedl + ntE |

Qualquer análise da morfologia do Português necessita definir a verdadeira natureza desses segmentos vocálicos que costumam fechar os vocábulos não-nominais (substantivos, adjetivos, pronomes e advérbios). Ora classificada, na tradição, como **vogal temática**, ora como **marca de gênero**, essa vogal constitui um dos problemas enfrentados por uma teoria que postula a aplicação cíclica de regras à medida que o vocábulo derivado vai sendo formado, pois se torna necessário definir qual o seu papel em regras como a Atribuição do Acento, por

exemplo. Além disso, o seu caráter sempre periférico faz desse constituinte um importante ponto de referência para a delimitação das unidades morfológicas. Definir a sua verdadeira natureza e estabelecer em que momento da derivação ela se liga ao vocábulo são pontos indispensáveis para nossa discussão.

Câmara Jr. deu-nos a tradicional descrição estruturalista do segmento final dos substantivos e adjetivos do Português, estabelecendo uma intrincada relação entre o que seria **marca de gênero** e o que seria **vogal temática**. Naqueles vocábulos em que houvesse uma oposição **masc/fem** — **lobo/lobA, gato/gatA** — , o **-a** era considerado marca do gênero feminino. Nos demais vocábulos, o **-a** final era apenas vogal temática: **panela, casa; artista, pianista; cometa, mapa**. As vogais **-o** e **-e**, por sua vez, seriam sempre vogais temáticas, já que a marca do masculino, para Câmara Jr., seria a ausência do **-a**: **lobo/lobA, mestre/mestrA, cantor/cantorA**. É necessário acrescentar, contudo, que o próprio Câmara Jr. havia chegado à conclusão de que o substantivo não teria, necessariamente, marca morfológica de gênero, ou , em outros termos, a marca em princípio seria uma desinência zero (\emptyset). Em suas palavras, “a flexão de gênero é privativa aos adjetivos de radical em **-o** e a uma certa porção de substantivos de qualquer terminação”. (Câmara Jr., 1975)

Nesse sistema, como se vê, procurava-se a existência de morfemas que definissem o gênero dos vocábulos nominais — como se o gênero de cada vocábulo tivesse uma concretização morfológica. Assim como Câmara Jr. julgou (acertadamente) necessário evitar a confusão tradicional entre **gênero** e **sexo biológico**, torna-se necessário agora distinguir também entre **gênero** e **classes de terminação**. Os vocábulos do Português devem ser agrupados por terminação (terminados em **-a**, terminados em **-o**, etc.), terminação esta que **não está necessariamente vinculada ao gênero gramatical do vocábulo**. A principal

conseqüência deste ponto de vista é que desaparece, para os nomes, os conceitos de **desinência** e de **vogal temática** e, **ipso facto**, a necessidade de distinguir as ocorrências de um e de outro. Essa vogal final é o que Harris denomina de **elemento terminal (ET)** ou **marcador**.

2.1.1 — Os marcadores e o gênero

Quanto à questão das marcas de gênero, Harris chega a uma conclusão que nos parece definitiva (tanto para o Espanhol como para o Português): há uma inegável inter-relação entre sexo biológico, gênero gramatical e classes de terminação, mas são domínios autônomos, não-vinculados a uma representação lingüística formal e não necessariamente correspondentes entre si. É claro que, por exemplo, as associações do **sexo** feminino (“female”) com o **gênero** feminino (“feminin”) e o marcador **-a** representam uma forte tendência do vocabulário do Espanhol no que se refere aos seres humanos, mas não são suficientes para uma generalização descritiva, como queria a tradição gramatical.³ Espirituosamente, o autor exemplifica com o caso de **gorila**: nosso conhecimento do mundo animal nos faz ter certeza de que existem machos e fêmeas; o sistema de gênero gramatical do Espanhol, contudo, não admite o feminino. O radical **goril-** é masculino, mas bizarramente pertence à classe dos vocábulos com a terminação **-a**. “Em suma, tanto os machos quanto as fêmeas são **gorilas** masculinos, com um **-a** “feminino” “.

³Esta tendência, no Português, é fortemente reforçada pelo fato de o artigo definido, que acompanha todos os substantivos, marcar a distinção masc./fem. exatamente com a oposição **O / A**.

⁴ Na verdade, nenhum marcador ocorrerá sempre com um significado particular, nem um significado particular deverá estar associado a um gênero específico, nem um gênero estará preso a uma só forma.

Harris usa engenhosamente a análise dos **advérbios** para mostrar a total desvinculação dos marcadores para com o gênero: eles não têm gênero lexical e não participam do mecanismo da concordância, mas têm, contudo, marcadores que apresentam precisamente o mesmo comportamento morfológico dos marcadores dos substantivos e adjetivos:

(27)	dentrO	agorA	longE
	a+dentr+ar	agor + inha	lonj + ura
	*a+dentr+oar	*agora + inha	* longE + urA

Harris tem razão ao afirmar que os advérbios mostram de uma forma particularmente transparente a independência entre (1) **sexo** biológico/semântico, (2) **gênero** gramatical e (3) **classe** formal morfológica. O **-o**, **-a** e **-e**, apesar de não se relacionarem a gênero, são os mesmos marcadores de **menin+o**, **menin+a**, **mestr+e**. Frisa Harris “Eu reitero essas observações porque só elas bastariam para desacreditar a idéia de que os marcadores de palavras são morfemas de sexo ou gênero(...)”.

Por sua vez, os adjetivos, assim como os determinativos, não têm gênero inerente, mas concordam — “copiam” — o gênero do substantivo que modificam:

⁴No caso do Português, vários gramáticos, enredados nesta trama, chegaram a discutir seriamente se o correto não seria **um jacaré macho**, **um jacaré fêmeo** ou **uma onça macha**, **uma onça fêmea** !

- (28) estE meninoO é especial / aqueleE muroO é alto
estA meninaA é especial / aquelaA portaA é alta

Aqui encontramos outra sólida evidência da independência entre gênero e forma: a concordância subst-adj., uma das características mais relevantes da morfologia do Português e do Espanhol, exige uma combinação de **gênero**, mas é completamente irrelevante a **forma** dos elementos que se combinam.

Harris diz que todos os substantivos têm gênero lexical — masculino ou feminino; o neutro não existe — no que concorda com Luft ⁵para o PB. Quando se referem a humanos, geralmente o gênero combina biologicamente com o sexo. O gênero dos demais substantivos é arbitrário; não há correlação nem com o significado, nem com a forma fonológica do radical:

- (29) domicílio / residência caso / casa
pássaro / ave passo / passa
sapo / rã porto / porta

2.1.2 — Características dos marcadores

Esses marcadores — a que o próprio Harris havia chamado de **elementos terminais**, em 1983 — ocorrem, como vimos, sempre em posição periférica no vocábulo. A principal propriedade morfológica do marcador é que a sua ocorrência

⁵É preciso fazer nítida distinção entre gênero **gramatical** e gênero **natural** (...) e não confundir “masculino” e “feminino” (gramática, convenção) com “macho” e “fêmea” (natureza, sexo”. No mundo das palavras, 29.10.72.

assinala um vocábulo completo derivacionalmente; “os marcadores não podem ser seguidos por nenhum outro sufixo, derivacional ou flexional, exceto pelo **-s** plural” (Harris 1991:30). São as derradeiras unidades morfológicas possíveis em um substantivo ou adjetivo . Por exemplo, o marcador **-a** assinala o final de **democrat+a** e não aparece em **democrát+ic+o**, que apresenta o marcador **-o**. Nenhum deles aparece em **democrat+izar**, já que os verbos não têm marcadores.

Para Harris, os marcadores básicos do Espanhol são as vogais átonas **-o**, **-a** e **-e**, o que podemos estender corretamente à análise do Português. Embora alguns autores (e.g., Crowhurst; o próprio Harris 1983) tenham achado necessário distinguir um marcador **-e** de uma vogal epentética **-e** (tigrE : madrE), Harris, em artigo mais recente (1994), conclui que não existe essa distinção, afirmando que “todos os casos de [e] finais átonos em substantivos, adjetivos e advérbios são ocorrências fonológicas de um mesmo morfema, o Elemento Terminal (ou **marcador de classe**)” (183).

Em suma, os marcadores são morfemas que não têm “significado” ou “função” no sentido comum; servem apenas como claros identificadores fonológicos de várias classes de formas lexicalmente arbitrárias em que todos os radicais de substantivos, adjetivos e advérbios e sufixos derivacionais são divididos. “ As classes que nos interessam aqui são Classe I (caracterizada pelo **-o** , e.g. **libr-o**), Classe II (com **-a** ,e.g. **libr-a**) e Classe III (com **-e/∅** , dependendo da estrutura silábica; e.g. **libre-e**, **sol-∅**). É necessário uma especificação lexical para a classe III, que não tem bias de gênero; o gênero feminino é atribuído aos itens da Classe II no caso não-marcado; esmagadoramente masculina é a Classe I (a classe default). É necessário marcar no léxico femininos em I e não-femininos em II. (Harris 1994 : 184).

A tabulação que Harris faz para o Espanhol, estabelecendo vários grupos quanto à terminação, pode ser estendida, com as devidas mudanças, para o Português:

(30)	V(C) + o	V(C)+aV(C)+eV(C) + Ø		
a.	mero	cera	haltere	mulher
	bolo	bola	mole	bemol
	lapso	fixa	eclipse	bíceps
b.	bruto	fruta	quitute	*
	falso	valsa	realce	*
	dedo	seda	sede	*
	touro	aula	baile	*
	mosaico	gaita	naipe	*
	vício	caricía	calvície	*
	enfermo	forma	uniforme	*
	parto	carta	parte	*

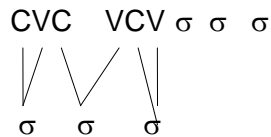
A escassa ocorrência de vocábulos V(C) demonstra que, em geral, radicais de substantivos e adjetivos são seguidos por **-o**, **-a**, ou **-e**. Afora os vocábulos com finais permitidos pelo Português, como /r, l, s/, o marcador precisa sempre aparecer: é que os radicais nominais precisam terminar em rimas possíveis. Fica claro por que não há vocábulos na última coluna de (b): eles não poderiam superficializar intactos, pois suas rimas finais seriam destruídas pela Erasure Convention, que apaga segmentos não incorporados à estrutura silábica, ao final de uma derivação (Harris, 1983):

(31) **Convenção de Apagamento:** Segmentos não incorporados na estrutura da sílaba ao final de uma derivação são apagados.

Como se pode verificar, o elemento terminal só vai aparecer na última camada da estrutura morfológica, i.e., quando o vocábulo já está pronto. O ET nunca aparece dentro de radicais derivacionais. O **radical derivacional** tem esse nome porque é o constituinte ao qual, no Nível 1, se acrescentam os morfemas derivacionais:

- (32) (a) sedento [((sed)_n ent)_a O]_A
 verdoso [((verd)_a os)_a O]_A
 brancura [((branc)_a ur)_n A]_N
- (b) [(urb)_n E]_N [((urb)_n AN)_a O]_N [(((urb)_n AN) ism) O]_N
 [cal]_n O]_N [((cal)_n OS)_a O]_A [(((cal)_n OS)_a idade)_n]_N

Dentro do modelo de Borowsky, que adoto neste trabalho, afirmo que é apenas no Nível 1 - o Nível do Radical - que os radicais e os sufixos recebem o ET. São morfemas terminais que se acrescentam na saída do Nível 1, representando a operação final deste nível morfológico; no caso de vocábulos DERIVADOS, esta vogal só é ligada depois que o processo de sufixação terminou. Quando uma forma entra no Nível 2 — o Nível do Vocábulo —, ela já traz a posição do marcador ocupada (seja ela radical, prefixo ou sufixo), i. e., o vocábulo já está **pronto**. Quando entram **-mente** ou **-zinhV** — sufixos especiais que são afixados no Nível do Vocábulo —, o marcador, tanto do elemento à esquerda, quanto do sufixo especial, já está lá. Ou, como explica Harris (1985): o elemento terminal de todos os itens lexicais formados no Nível 1 devem ser concretizados no final da derivação; só o ET mais à direita recebe uma interpretação fonética durante a derivação no Nível 1.



Em (a), temos a operação do Slot Supply, e em (b), a atribuição da estrutura da sílaba. Os traços fonológicos do marcador **-a** não pode ter realização fonética porque ele não está em posição periférica no vocábulo; só se realiza o marcador do sufixo. A regra do Slot Supply expressa a generalização de que a vasta maioria dos substantivos, adjetivos e advérbios no Espanhol terminam numa vogal e — é importante frisar — os radicais terminam em consoante.

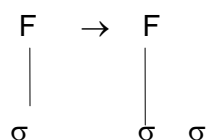
No seu estudo sobre o DIM no Emexicano, Crowhurst fixa o o voc. mín. em um pé bimoraico ($\mu\mu$), consistindo em um monossílabo pesado ou duas sílabas leves (**pan**; **loco**). Contudo, diz ela, um radical precedendo o sufix. DIM **(s)ito** sempre contém, no mínimo, duas sílabas, independente da quantidade. Isso levaria à constatação de que o molde exigido pelo DIM seria independente das condições do voc. mín: um monossílabo pesado, que satisfaz o V_{min} , não satisfaria, segundo a autora, a restrição do DIM (***pansito**), exigindo uma vogal epentética /e/ — o que contraria a afirmação de McCarthy & Prince 1991, de que o pé referente a uma operação morfológica deve ser o mesmo pé exigido pelo V_{min} :

- (36) bos bosesita (voz)
 tos tosesita (tosse)
 rey reyesito (rei)
 par paresito (par)
 myel myelesita (mel)

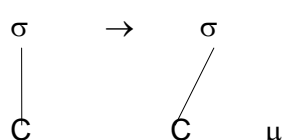
Formas como **panesito** motivam a restrição dissilábica do radical: a vogal [e] nunca superficializa no final do radical não derivado, mas sempre está

presente no DIM correspondente. Como são exigidas duas sílabas para F[σσ], radicais monossilábicos são submínimos. A Template Satisfaction (McCarthy&Prince 1990), neste caso, exige que um nó silábico seja inserido para satisfazer o pé (ver, abaixo, **a**) e que uma mora seja inserida para satisfazer a sílaba (ver **b**). Uma mora inserida recebe os traços de [e], que é independentemente motivada como a Vogal Epentética do Espanhol (Saltarelli 1970, Contreras 1977, Harris 1980):

(37) (a) Inserir σ



(b) Inserir μ



Inserir σ e inserir μ são regras básicas de argumentação requerida para satisfazer moldes, e se aplicam todas as vezes em que surgir a configuração à esquerda da seta. Essas são regras espelhadas: se a sílaba ou a mora serão inseridas à esquerda ou à direita depende do sentido de associação.

Embora Jaeggli (1980), ao estudar o Espanhol do Paraguai, não tenha encontrado esta restrição dissilábica, o Espanhol Mexicano, estudado por Crowhurst, exige que o radical que precede o DIM contenha o mínimo absoluto de duas sílabas. Se duas sílabas não podem se formar da melodia do radical, como em **pan**, a epêntese fornece o segmento necessário para satisfazer esta exigência. A superficialização, ou não, de uma consoante /s/ antes do sufixo será analisada pela autora como uma consequência da silabificação em alguns casos (korona, koronita: madre, madresita) e do OCP em outros casos (balkon, balkonsito : burdel, burdelito) Crowhurst, contudo, reconhece que o marcador do sufixo DIM é selecionado com base no gênero do radical, o que exige que o DIM possa

enxergá-lo quando se acrescenta:

(38) $\sigma \quad \sigma \quad \text{it} + \text{ET} \{a/o\}$

Ao contrário, nos demais casos,

kanoa	kano.ita	(canoa)
chamaka	chamakita	
disgustado	disgustadito	(desgostoso)

é necessária uma regra que apague o marcador, um processo morfológico geral da língua. Por que, em **chamaka**, o elemento terminal /a/ não superficializa no diminutivo **chamakita**? A ausência do /a/ se explica pela exigência de que os marcadores devem ocorrer sempre em absoluta posição final no vocábulo. O apagamento do elemento terminal se aplica para corrigir estruturas que violem este princípio:

(39) (a) * [... α]_{ET} ... β]_W — Restrição

(b) [... α]_{ET} ... β]_W → [...]_{ET} ... β]_W — Apagamento do ET

(onde α e β representam segmentos melódicos) (Crowhurst, 228)

Como, em sua teoria, a não-satisfação do molde F [$\sigma\sigma$] implicaria o aparecimento da vogal epentética antes do DIM, vocábulos dissilábicos como

uba	ubita	(uva)
monxa	monxita	(monja)

sugerem a ela que o ET esteja presente no momento em que o molde é associado ao radical. O Apagamento do ET, portanto, precisa ser ordenado DEPOIS que o

mapeamento se realizou. Uma alternativa a esse apagamento seria afirmar, como fazemos neste trabalho, que o ET **só é ligado ao radical depois da sufixação** (exceto pelo plural). Nesta alternativa, o ET não estaria disponível ao molde. Isso traz problemas óbvios para a análise de Crowhurst: se o ET não está presente quando ocorre a sufixação, radicais dissilábicos como **monxa** seriam monossilábicos quando ocorre o mapeamento, e a epêntese deveria ocorrer, produzindo ***monxesita**. Crowhurst parece estar forçando um pouco a argumentação na defesa exigência de duas sílabas para poder justificar, desta forma, a distribuição que propõe para **-ito** e **-sito** e que será, como veremos, contestada por Harris.

Uma alternativa possível à hipótese de que o ET só entre no final seria afirmar que ele é apagado sucessivamente, à medida que os sufixos são ligados, ficando sua posição disponível até o fim do processo. Depois que o molde foi satisfeito, ocorre o Apagamento do ET, deixando na representação uma sílaba sem V. toda vez que o sufixo começar por vogal, pois essa vogal ocupa a posição do marcador. Ele é apenas desligado, mas permanece flutuante até o fim do processo, quando é associado à posição final. A sílaba é licenciada associando-se a vogal /i/ do DIM à mora da qual o ET foi apagado (o que vale, no Português, para todos os sufixos). Quando ocorre o Apagamento antes de um afixo, a estrutura da sílaba que domina o ET permanece na representação. Se isso fosse correto para o Emex, não seria possível explicar padrões de silabificação que superficializam em diminutivos como **chamakita**, **pochita** e **tapyesita** (não na teoria defendida por Crowhurst, ao menos). Ela afirma (246) que evidências de que a estrutura silábica associada com um ET permanece na representação não são consistentes com a afirmação de que estruturas prosódicas que se tornam não-licenciadas por apagamento são automaticamente *stray erased* (Hayes 1989; Itô 1989). Na verdade, elementos não-licenciados figuram como livres até o fim do processo

derivacional, quando ainda podem ser salvos. Só então, findo de todo o processo derivacional, são apagados se não tiverem sido associados.

Prefiro entender que todos os **radicais** são consonânticos, e o elemento terminal apenas os completa para adquirirem o status de vocábulo. Quando houver uma derivação, essa sempre será feita **a partir do radical, e não do vocábulo primitivo**. Esta hipótese tem um apoio muito mais sólido nos dados do PB; a quase totalidade dos sufixos inicia por vogal e termina em consoante, o marcador é sempre vocálico — tudo sugere uma estrutura de concatenação natural, em que a vogal do marcador só aparece no final do radical (**radical**, aqui, denomina tanto o radical simples, como o radical expandido por sufixação). Se assim considerarmos, fica desnecessária a regra de truncamento da vogal final, porque ela não pertence ao radical. Nesse sentido, concordamos com Harris quando afirma que “**todas** as raízes, radicais e afixos do Espanhol que pertencem às categorias maiores do substantivo, adjetivo e advérbio são de fato morfemas presos: tais radicais e afixos precisam sempre sofrer afixação posterior para formar um vocábulo prosódico completo. Especificamente, precisam ligar-se a um molde prosódico”. É fundamental essa distinção entre “vocábulo” e “radical derivacional”, por permitir distinguir entre sufixos que se acrescentam a um e outro. É com base nisso que Harris descreve o contraste entre contornos acentuais produzidos cíclica e não-cíclicamente: os dois sufixos que se acrescentam ao **vocábulo** (que seriam, no Espanhol, **-mente** e **-(c)ito**) estão associados com o acento cíclico, enquanto a maior parte dos outros sufixos, que se acrescentam aos radicais derivacionais, estão associados com o acento não-cíclico

A mesma coisa valeria, afirma Harris, para o diminutivo **-ito** e **-(e) cito**, embora aqui haja certas complexidades que já foram estudadas (Jaeggli 1980). É suficiente dizer que a diminutivização precisa VER o elemento terminal do

substantivo ou do adjetivo de base a fim de que o correto alomorfe do sufixo — **-ito** ou **-cito** — seja escolhido. Note-se, nos exemplos abaixo, que o comportamento do DIM parece procurar preservar o ET excepcional - **corte** - , enquanto o mesmo não acontece com o vocábulo **corto**, que tem o seu ET coincidente com o do sufixo. Além disso, serve de argumento para a idéia de de que o DIM só se aplica ao vocábulo já pronto (a posição que defendo neste trabalho é a de que o DIM se processa do Nível 2 em diante, quando o vocábulo que recebe o DIM já tem o seu Elemento Terminal):

[(cort) _n E] _N	cortecito (*cortito)
[(cort) _a O] _A	cortito (*cortecito)

2.1.5 —Os marcadores no Português

Os marcadores mais freqüentes do Português são

- | | | | |
|------|-----------------|---------------|-------------|
| (40) | (a) O : | m | menino |
| | | f | tribo |
| | | m ou f | carrasco |
| | | nenhum | dentro |
| | (b) A : | f | menina |
| | | m | dia |
| | | m ou f | turista |
| | | nenhum | fora |
| | (c) Vs : | m | Lucas |
| | | f | simples (?) |
| | | m ou f | ourives |
| | | nenhum | antes |

(d) E:	m	mestre
	f	prole
	m ou f	imune
	nenhum	adrede

Não apresentam marcadores os vocábulos (a) terminados em consoante ou
(b) terminados em vogal tônica:

(a) **v + S:** pires, lápis, vírus, pus, cútis, nariz, verniz, arroz, cicatriz, paz, vez, luz, voz, apenas, atlas, deveras, haras, messias, piegas, quincas, Lucas, Judas, Matias, Isaías.

v + R: pomar, faquir, mártir, elixir, mulher, colher, éter, amor, etc.

v + L: anel, pastel, real, caudal, azul, anil, rol, animal, etc.

v + glide: rei, vau, nau, bacalhau, cacau, berimbau; judeu, chapéu, apogeu, céu; pai, samurai; herói, boi, dodói; etc.

(b) **-aN:** masc. : talismã, ímã, clã, afã, galã, titã, balangandã, satã.
fem.: anã, alemã, irmã, avelã (e muitas outras)

-a: sofá, tafetá, pá, cará, Pará, vatapá (e muitas outras)

-e: (/E/) jacaré, canapé, chimpanzé, boné, até, filé, café, fé, libré, maré, oboé, pé (e derivados: aguapé, buscapé, rodapé, pontapé), pajé, pangaré, picolé, ralé, rapé, ré, sé. ; (/e/) sapê, você, matinê, etc.

-o: (/O/) cipó, filó, coió, gogó, dominó, paletó, pó, dó, esquimó, trenó, nó, mó, avó, enxó; (/o/) avô, nonô, bangalô, etc.

-u: bambu, urubu, tatu, etc.- nau, pau, vau

-i: coati, siri, juriti, sucuri, abacaxi, colibri, esqui, frenesi, gibi, jaboti, javali, lambari, organdi, saci, sagüi, xixi, zumbi, etc.⁶

Examinando-se os grupos de vocábulos não-verbais formados pelo critério do marcador, verifica-se que não estão todos em plano de igualdade, mas dividem-se estatisticamente em três classes hierárquicas: um **núcleo central** de protótipos; um **núcleo periférico** de casos levemente desviantes, especialmente os vocábulos que não têm marcador, e um variado **resíduo**. Aplicando-se a classificação de Harris aos vocábulos do Português, temos, à semelhança do Espanhol:

(41)	Regular		Irregular		
	núcleo central		núcleo periférico		resíduo
	m	f	m	f	
	filhO	filhA	padrE	lebrE	problemA
	portO	portA	mar	mulher	antEs

No **central**, o ET **-o** é invariavelmente adicionado a radicais masculinos e o ET **-a** invariavelmente adicionado aos femininos, tanto animados como inanimados. No **periférico**, não existem marcadores (apenas, eventualmente, o **-e** utilizado para satisfazer a silabicidade). Assim, é impossível encontrar neles qualquer correlação entre marcador e gênero gramatical. O **resíduo** reúne todos os vocábulos que não estão no **núcleo**.

⁶Registre-se, no dialeto do Sul do Brasil, a ocorrência de **guri** (masc.), **guri + a** (feminino).

Como no Espanhol, a esmagadora maioria dos vocábulos do Português fica neste **núcleo**. O **resíduo** é muito pequeno (há subclasses, como a do fem. com marcador **-o**, que só tem dois itens - **tribo** e **libido**. A maior subclasse é a dos masc. com o marcador **-a** — com algumas centenas de substantivos).

Quanto à produtividade, o **central** e o **periférico** são produtivos, pois aceitam livremente empréstimos e neologismos. O **resíduo** tem uma limitada capacidade de aceitar neologismos; na verdade, uma nova palavra em potencial raramente é considerada verdadeiramente “portuguesa” a não ser que adira ao padrão canônico do **núcleo**.

De quando em quando, vocábulos tendem a migrar do **resíduo** para o **núcleo**. No Espanhol, por exemplo, **tribu** tornou-se masc. no **núcleo**, passando a **tribo** em alguns dialetos do sul dos EUA, e **idioma** tornou-se fem. No Português, a tradição gramatical registra, em diferentes épocas, a hesitação entre masculino e feminino para vocábulos como **planeta**, **cometa**, **mapa**, **tapa**, **diadema**; hoje, ainda é viva a indecisão quanto a **telefonema**, **pijama** etc. **Fim** era feminino na língua antiga, como atestam inúmeras passagens. Depois, talvez por influência de **jasmim**, **serafim**, **marfim**, etc., passou a masculino. O vocábulo **tribo** era usado como masculino nos séculos XIV e XV. (Em Camões, encontramos “de quem o ilustre tribo destruiu”) (Said Ali, GH: 70)⁷ Aqui, a **forma** conduziu a mudança de

⁷Um exemplo bem atual é o que vem acontecendo com a unidade de medida **grama** : apesar de fazer parte de um conjunto de vocábulos eruditos, de origem grega, todos masculinos — **telegrama**, **anagrama**, **quilograma** — , o uso normal de todos os falantes atribui-lhe o gênero feminino: **uma grama**, **duzentas gramas**, etc. No mesmo sentido, nossos gramáticos normativos desistiram de atribuir a **soja** o gênero masc. (seria **o soja** por se tratar, na verdade, de uma espécie de feijão: o **feijão soja**) . O **-a** final, reforçado

gênero, assim como pode ocorrer o contrário: no Emexicano, **modista** (m/f) produziu **modisto** (m)]. No PB, nomes com uma só forma para os dois gêneros começam a migrar para o núcleo central: uma **sujeita**, uma **indivídua**, uma **anja**, uma **monstra**, uma **carrasca**, uma **membra**; um **crianço**, um **figuro** . Não há migrações do **núcleo** para o **resíduo**. Entre o **central** e o **periférico**, ressalta-se a assimetria em quantidade: o **central** supera o **periférico** na proporção de dois para um.

A maioria dos adjetivos está no **núcleo central**, enquanto quase todo o resto fica no **periférico**, sem marcadores. Usando mais uma vez o modelo de Harris para o Espanhol, podemos distinguir algumas subclasses:

- (42) a) bonito/bonita italiano/italiana surdo/surda - **núcleo central** (o:a)
b) possível, triste, azul - **sem marcadores**
c) espanhol, português - **sem marcador** no masc., mas com **-a** no fem.
d) cosmopolita, agrícola, belga - **resíduo** - masc. e fem. com **-a**.

É importante ressaltar ainda que não existe nenhum caso diferente de (c), isto é, com o masculino em **-o** e o feminino sem marcador; nem diferente de (d), apenas com o marcador **-o** independente da concordância. O fato é que todo adjetivo com **-o** é masculino, e somente masculino. Câmara Jr. chega a afirmar que a **flexão de gênero** é “privativa aos adjetivos de radical em **-o** e a uma certa porção de substantivos de qualquer terminação” (1975:80).

pela presença do /O/, marca uma classe de vocábulos exclusivamente femininos: **loja**, **sogra**, **porca**, etc. O Novo Dicionário Aurélio registra a forma apenas como feminino.

Na subclasse dos que não têm marcador no Masc., mas apresentam **-a** no feminino, é importante notar que, durante muito tempo, os substantivos e adjetivos terminados em **-OR** e os adjetivos terminados em **-ÊS** não eram biformes:

alma pecador	gente português
minha senhor	mulher milanês
uma bela pastor	moeda francês
princesa caçador	

Alguns até hoje mantêm-se uniformes: (1) os comparativos sintéticos **melhor, maior, menor** e **pior**, e os que “etimologicamente também o são”: **exterior, superior, inferior, posterior, anterior** ⁸; (2) **cortês** e **montês**; um vestígio dessa primitiva invariabilidade dos gentílicos em **-ês** está nos advérbios **portuguesmente, inglesmente, francesmente**, nos quais, como discutiremos mais tarde, o primeiro vocábulo deste composto deve apresentar o marcador usual de Feminino.

Por sua vez, nada mais natural que os nomes terminados em **-e** sejam uniformes: **brilhante, calmante, constante, nascente**, etc.; **cônjuge, cúmplice, consorte, artífice, intérprete, herege, pobre**, etc. Alguns já mudaram de classe em todos os dialetos, ao receberem o **-a** no Feminino: **mestre, mestra; monge, monja**; outros são aceitos por uns, mas rejeitados por outros: **presidenta, parenta, ajudanta, ouvinta, clienta, comedianta**. Mário Barreto encontrou **patifa** e **biltra** em Castilhos.

⁸BARRETO, Mário. **Novos estudos da Língua Portuguesa**. São Paulo, Francisco Alves, 1911.

Na classe dos residuais, há uma gritante assimetria: um número significativo de exemplos de subst. masculinos (humanos e não-humanos) com o marcador **-a** (mapa, teorema, planeta, idioma, cometa, sistema, dia, problema, etc.) , e apenas dois femininos com o marcador **-o**: **tribo** e **libido** (o Esp. tem **dínamo**, **virago**, **nao**, **libido**, **mano** - e nenhum outro), além dos vocábulos terminados em **-ão**. **Foto** e **moto** são reduções que parecem pertencer a este grupo, mas Harris diz que este **-o** final **não** se comporta como marcador. Nos nomes que não se referem a seres vivos podemos perceber claramente a tendência de considerar o **-a** como o marcador associado ao feminino. Por exemplo, os nomes de países, regiões, estados são considerados femininos quando terminam em **-a** e masculinos em todos os demais casos:

(43) **Femininos** : China, Sibéria, Patagônia, Austrália, Alemanha, Paraíba, Europa, Ásia, Noruega, Groenlândia, Andaluzia, etc.

Masculinos:: Peru, Japão, Chile, Brasil, Goiás, Ceará, Sergipe, México, Panamá, Haiti, Marrocos, Egito, Irã, Portugal, Canadá, etc.

Said Ali (GH:65) já havia observado que são em geral masculinos os nomes oxítonos: **chá, café, tafetá, pé, dó, nó, cipó, fubá, maracujá, mal, sal, rubi, anel, mel, ar, lar, altar, lugar, chapéu, céu, calhau, grau, sarau, pau, som, dom, jardim, sol, lençol, funil, barril, papel, tonel, anzol, cinzel, cordel, dossel, ardil, covil, canil, farol, paiol, afã, armazém, desdém, harém, vintém, trem, espadim, capim, alecrim, festim, flautim, nariz, país, matiz, chafariz**, etc. ⁹ Na verdade,

⁹Excetuam-se : a) um nome em á: **pá**. (b) **fé, sé, galé, maré, ralé, libré**. (c) **enxó, mó, ilhó(?)**. (d) **cal** (e, por subentendimentos, **bacanal, saturnal** (festa), **pastoral, credencial** (carta), **inicial** (letra), **catedral** (igreja), **diagonal, horizontal, vertical** (linha) e outros. (e)

como os oxítonos não apresentam marcadores, o gênero que lhes é atribuído só pode ser o masculino, que é não marcado. Com sua argúcia característica, o autor conclui que os nomes designativos de coisas, paroxítonos e proparoxítonos, desde que não terminem em **-a** átono, são considerados do gênero masculino: **caráter, açúcar, âmbar, órgão**, etc.

Também é significativo o gênero atribuído aos substantivos deverbais, um grupo de vocábulos totalmente desvinculado de associações semânticas de sexo biológico e livre da interferência de subentendimentos, o que permite surpreender o sistema na pureza de seu funcionamento: quando recebem o marcador **-O** ou **-E**, são masculinos; quando recebem **-A**, são femininos:

(44) **Masculinos** com **-O** : amparo, atraso, arranjo, esforço, erro, começo, choro, mando, confronto, galanteio, gracejo, etc.

Masculinos com **-E** :embarque, desembarque, combate, levante, destaque, corte, transporte, encaixe, etc.

Femininos com **-A** : amarra, réplica, perda, sobra, descarga, desova, visita, escolha, etc.

Em certos casos, formaram-se dois substantivos a partir da mesma base verbal; consistentemente, mantém-se a mesma atribuição de gênero condicionada ao marcador:

(45)	Masculino	Feminino
	pago	paga
	custo	custa

colher. (f) **cor, dor e flor.** (g) **cã, lã, romã, maçã, manhã, avelã, hortelã.** (h) **nau.** (i) **cerviz, cicatriz, matriz, raiz.** (j) **foz, noz, voz.** (l) **cruz e luz.** (m) **paz, tenaz, aguarrás.**

troco	troca
grito	grita
ameaço	ameaça.

2.2 — O problema do acento

Em seu clássico estudo sobre o acento e a sílaba do Espanho, Harris (1983) define o domínio do acento como sendo o **vocábulo**, definido como [...]_X, onde X é um substantivo, adjetivo ou advérbio (Harris 83:91). Nessas três categorias, os vocábulos se compõem de um **radical derivacional** seguido ocasionalmente por um “elemento terminal” ou marcador de classe. Para o autor, isso é preferível a dizer que o domínio do acento seja o radical derivacional (isto é, (...)_X), onde a sílaba final do radical receberia o acento. Sua opção pela primeira hipótese encontra uma forte evidência no fato de que o acento na penúltima é o normal para vocábulos terminados em vogal, que constituem a maioria dos vocábulos do Espanhol.¹⁰

(46)	Subst.	Adj.	Adv.
	[(sed) _n A] _N	[(abert) _a A] _A	[(for) _a A] _A
	[(ded) _n O] _N	[(branc) _a O] _A	[(dentr) _a O] _A
	[(sed) _n E] _N	[(verd) _a E] _A	[(long) _a E] _A

¹⁰É o que ele denomina de “síndrome de **el cheapo** “ (da realização, em alguns dialetos do Espanhol nos EUA, do inglês “**cheap**” - “barato”): os substantivos, adjetivos, etc. canonicamente terminam numa vogal, seguindo um molde prosódico em que uma ou mais posições são normalmente preenchidas por um ET

[(pir)_n ES]_N

[(azul)_a]_A

[(ant)_a ES]_A

Nessa perspectiva, a regra do acento seria

(47) “**Acentue a penúltima sílaba**” - domínio: [.....]_x.

Se, por outro lado, afirmássemos que o domínio deve ser o radical — (.....)_x — a regra passaria a ser “**Acentue a sílaba final**”. Harris discute, assim, uma das questões mais importantes no estudo do acento, reduzindo o problema a uma das duas hipóteses abaixo:

(48) Regra do acento

Hipótese (a) : acentue a penúltima sílaba do domínio do vocábulo.

Hipótese (b) : acentue a última sílaba do radical .

Sua análise, como vimos, vai privilegiar a primeira delas. Como evidências para sua escolha, o autor apresenta o acento das preposições dissilábicas do Espanhol — **para**, **hasta**, **sobre**, etc. Como no Português, as preposições do Espanhol são átonas, sendo consideradas proclíticas ao seu objeto. Quando são pronunciadas isoladamente, contudo, em situações artificiais, elas recebem acento na penúltima sílaba: **pára**, **hásta**, **sóbre**. Como as preposições não contêm estrutura interna (não possuem radical derivacional), só a regra (a) — “acentue a penúltima sílaba do domínio [.....]_x “ — poderia dar conta deste contorno dado invariavelmente às preposições isoladas. Como preposições não têm estrutura interna (não têm radical derivacional), a regra “Acentue a última sílaba”produziria um inaceitável **pará**, **sobrê**. Isso favorece a regra com domínio [.....]_x .

Poder-se-ia contra-argumentar que a colocação do acento em **para** seria

apenas o reflexo de seu usual acento não-primário em frases, como em **pàra mim**, **sòbre a mésa**. Harris, contudo, menciona outro exemplo: o uso costumeiro de vocábulos apocopados e de formas hipocorísticas reduzidas, como

profesor	→	prófe	arquitécto	→	árqui
muñeca	→	múñe	Maurício	→	Máuri

Nestes casos, a forma reduzida invariavelmente recebe acento na penúltima, independente do contorno acentual dos vocábulos que serviram de base. Estas formas claramente não apresentam radical derivacional, o que sugere que a regra que os falantes estão aplicando produtiva e espontaneamente seja a Regra (a) (Harris 83:95).

Em sua análise do acento, Harris inclui a noção de **marcado** x **não-marcado**. Embora o acento possa recair sobre qualquer uma das três últimas sílabas, os dados sustentam as seguintes generalizações:

- (49) (a) O acento na penúltima sílaba é não-marcado em vocábulos terminados em vogal (**pistóla, perdída, sabána**)
- (b) O acento na sílaba final é não-marcado em vocábulos terminados em consoante (**civil, mercéd, altár**).
- (c) Os demais acentos são marcados: proparoxítonos (**epístola, pérdida, sávana**) e vocábulos terminados em consoante com acento na penúltima (**móvil, césped, ámbar**).

Harris observa que os oxítonos em vogal final (**Panamá, paletó**) constituem ainda um problema a ser resolvido, já que não encontra evidências satisfatórias para considerá-los marcados. Suas observações sobre o Espanhol são também, como veremos, válidas para o Português.

Quanto à ciclicidade, Harris defende a aplicação não-cíclica do acento para os não-verbos. Para ele, os dois casos especiais de aplicação cíclica seriam — e como poderia ser diferente? — os advérbios em **-mente** e o DIM. Sua argumentação leva em conta os padrões do acento não-primário do E (o sinal ['] indica o acento primário; o sinal [`], o secundário):

(50) (a) gèneratívo, gràmaticàlidad, Pànamá

(b) genèratívo, gramàticàlidad, àntigènèratívista

Pelos exemplos, vemos que acentos mais fracos que o primário podem aparecer na sílaba inicial (como em (a)) ou em sílabas pares, contando da direita para a esquerda a partir do acento primário (como em (b)), estando presente a condição de que acentos não-primários não podem ocorrer contiguamente ou adjacentes ao primário.

Para Harris, estes acentos secundários são atribuídos ao final de cada ciclo fonológico. Embora ele admita que seria possível situar sua atribuição mais tarde, no nível pós-lexical, o fato de que a condição de não-adjacência não se aplica **entre** vocábulos leva-o a favorecer a primeira hipótese.

Baseado nisso, Harris propõe o acento cíclico para **-mente** e DIM, já que o contorno acentual do adjetivo pronunciado isoladamente é conservado na forma adverbial, embora esteja convertido em acento secundário:

(51) formál + ménte → formàlménte (mas fòrmalísmo)

sencílllo + ménte → sencillaménte (mas sèncilléz)

histórico + ménte → històricaménte (mas hìstòricidad)

Segundo ele, a contigüidade dos acentos internos é tolerada apenas nos advérbios em **-mente**, o que não se verifica em vocábulos com outros sufixos, cujo

padrão acentual depende da posição do acento primário no vocábulo derivado.

No caso dos demais sufixos, o padrão é não-cíclico, já que é idêntico ao padrão acentual de vocábulos monomorfêmicos (vocábulos sem estrutura morfológica interna). Por exemplo, topônimos relativamente longos como **Àcapúlco**, **Tègucigálpa** ou **Tegùcigálpa** seguem o mesmo padrão não-cíclico de **fòrmalismo**. Se não há razão para construir uma regra cíclica para vocábulos monomorfêmicos, também não há razão para postular o acento cíclico para vocábulos polimorfêmicos.

No caso do DIM dos substantivos e adjetivos, o acento do primeiro constituinte não é preservado no Espanhol, mas Harris aponta a ocorrência da ditongação, fenômeno que depende fortemente do acento primário:

(52) fuérte fuèrtecito (mas **fòrtaléza**)
 viéjo viejito (mas **vejéte**)

No DIM, os ditongos continuam a aparecer mesmo com acento secundário, da mesma forma em que aparecem quando têm acento primário nos vocábulos primitivos: **miel** → **mielcita**, mas **meloso**. O radical só tem o ditongo [ie] quando acentuado; quando não-acentuado, tem a vogal simples [e] — um padrão que se repete em centenas de vocábulos (Harris, op. cit. :127). A estrutura prosódica, contudo, é **mielcíta**, não ***mièlcíta**. Como o ditongo aparece no DIM? Harris afirma que qualquer falante nativo diria que o DIM é formado a partir do vocábulo **miel** — não do radical **mel-**, presente em **meloso**. A formalização dessa intuição é simples: a estrutura do DIM é **[[miél] N cita] N**; o output do primeiro ciclo é **[miél]N**.

Enquanto os demais sufixos da língua se acrescentam aos radicais derivacionais (o constituinte (...)_x), os sufixos **-mente** e **-ito** se acrescentam ao

vocábulo pronto. Isso explica, além da oposição acento cíclico x não-cíclico, por que os marcadores, que só podem aparecer no extremo das formas derivadas (jamais no seu interior), aparecem internamente nas formações com estes dois sufixos especiais ([[(fuert)_a e]_A mente]_A).

Para ele, o input para as regras do acento é o vocábulo inteiro; daí decorre que a estrutura morfológica do vocábulo é irrelevante para fins de acentuação, pois a derivação do acento primário é idêntica em vocábulos com ou sem uma estruturação interna. Ele trata, assim, da mesma maneira, vocábulos derivados e vocábulos não-derivados, o que —diz Opasi— exclui a possibilidade de elaborar uma teoria unificada da Aplicação do Acento. Ela prefere a posição oposta: os vocábulos não-derivados se modelam a partir dos derivados por força da analogia e pela reinterpretação dos vocábulos monomorfêmicos como tendo uma estrutura interna, dado que os vocábulos derivados ultrapassam imensamente os não-derivados no Espanhol. Uma das mais fortes evidências para a natureza cíclica da Atribuição do Acento é a retenção de uma vogal ditongada que resulta de ela ter sido acentuada no ciclo precedente:

(53) fuérte → fuèrtecito (cf. fòrtaléza)
viéjo → viejító (cf. vejéte)

2.2.1 — O Acento para Bisol

Bisol segue a Teoria Métrica, que afirma que o acento não se relaciona diretamente com a vogal, mas provém de uma relação que se estabelece entre as sílabas, formando um **contorno de proeminência**; para estabelecer o algoritmo acentual do Português, torna-se necessário verificar como as sílabas se organizam em constituintes prosódicos maiores, os pés métricos. Bisol define os pés métricos

do Português como pés binários, com cabeça à esquerda (* .) — onde o asterisco indica a sílaba dominante e o ponto indica a sílaba dominada — e espousa a teoria do peso inerente da rima ramificada (Hayes 1981). Essa é a regra que estabelece:

(54) **Regra do Acento Primário** (domínio: o vocábulo)

(1) atribua um asterisco à sílaba pesada final, i. e., sílaba de rima ramificada.

(2) nos demais casos, forme um constituinte binário (não iterativamente) com proeminência à esquerda, do tipo (* .), junto à borda direita da palavra

(Bisol 1994:25).

Para a autora, a regra é a mesma para verbos e não-verbos; a diferença é que, nestes últimos, a regra é cíclica, voltando a aplicar-se toda vez que um morfema derivativo for acrescentado, enquanto nos verbos a regra espera que a palavra esteja completamente formada para operar de uma só vez (não é cíclica). Em ambos, a regra é lexical.

O modelo de Bisol, assim como o de Harris, adota o mecanismo da extrametricidade, que ela considera necessária para ajustar a palavra prosódica ao domínio das regras de atribuição do acento. Nos vocábulos não-verbais, a extrametricidade, quando existe, incide sobre exceções; ela é atribuída como um diacrítico lexical a duas classes pouco numerosas, exatamente aquelas em que Harris considera ser o acento marcado no Espanhol:

(a) vocábulos com acento na 3ª sílaba (proparoxítonas)

(b) vocábulos terminados em consoante ou ditongo, com acento não-final.

As palavras da classe (a) trazem a informação lexical [+Ex (síl)]; as do tipo (b), [+ Ex (coda)]. A Regra do Acento Primário, na verdade, compreende duas

regras distintas:

(a) regra da **Sensibilidade Quantitativa (SQ)**, que atribui um asterisco à sílaba final de rima ramificada, portadora de acento por inerência. A sílaba com **coda** — chamada de pesada — (co.lar) opõe-se à sílaba constituída apenas pelo núcleo (co.la) — chamada de leve —, na medida em que a primeira atrai o acento por seu peso silábico.

(b) regra da **Formação de Constituintes Prosódicos (FCP)**, que estabelece uma relação forte/fraco entre duas sílabas, criando o constituinte binário mais à direita da palavra.

No modelo defendido por Bisol, estas duas regras são não-iterativas. Ambas se aplicam junto à borda direita da palavra, mas não competem pelo mesmo contexto: FCP forma um constituinte binário, anexando uma sílaba leve à sílaba precedente, enquanto SQ parententiza a sílaba pesada final. Quando SQ encontra contexto adequado, a FCP não opera. O asterisco criado pelas duas regras é projetado como o acento principal da palavra, através da regra que Bisol denomina de Regra Final.

(55) Exemplo de aplicação da FCP:

/kaz + a/	/pared + e/	/borbolet + a/	léxico
ka.za	pa.re.de	bor.bo.le.ta	silabação
(* .)	(* .)	(* .)	FCP
(*)	(*)	(*)	Rfinal
[káza]	[parédi]	[borboléta]	saída

Esta regra é a que responde pelo indiscutível predomínio dos vocábulos

paroxítonos no Português. Como resultado da SQ, um considerável número de vocábulos recebe acento na sílaba final. Esta classe não recebe marcador (que a autora denomina de **vogal temática**):

(56)	/pomar/	/trofÉu/	/koronel/	léxico
	po.mar	tro.feu	ko.ro.nEI	silabação
	(*)	(*)	(*)	SQ
	(*)	(*)	(*)	R Final
	[pomár]	[trofÉw]	[koronÉI]	saída

Nas duas classes acima encaixa-se a maioria dos vocábulos do Português. Os vocábulos proparoxítonos, por sua vez, formam uma classe pouco numerosa. Estes vocábulos recebem no léxico a instrução de extrametricidade na sílaba final, tornando-se assim candidatos a receber acento pela FCP (já que a regra da Sensibilidade Quantitativa só é sensível à sílaba final):

(57)	Ex (síl)	Ex (síl)	Ex (síl)	
	/fOsfor+o/	/arvor + e/	/numer+o/	léxico
	fos.fo.ro	ar.vo.re	nu.me.ro	silabação
	< ro >	< re >	< ro >	Ex (síl)
	(* .)	(* .)	(* .)	FCP
	(* . .)	(* . .)	(* . .)	ASP
	[fOsforu]	[árvori]	[númeru]	saída

Vemos que a sílaba extraviada foi incorporada mais tarde pela regra ASP— Adjunção da Sílaba Perdida —, que junta a sílaba invisível a um pé métrico, como seu membro fraco.:

(58) **Adjunção da Sílabas Perdida (ASP)**

Anexe a sílaba extraviada como membro fraco de um pé adjacente

(Hayes1982)

Esta convenção só se faz necessária se ficarem sílabas avulsas; se a extrametricidade recair sobre consoantes ou elementos da coda, a ASP é dispensável, pois a sílaba já está presente na estrutura subjacente.

Para dar conta dos vocábulos com consoante final, mas paroxítonos, podemos atribuir a extrametricidade à consoante da coda de certas palavras terminadas em sílaba forte. Para não atrair o acento, são vocábulos que ocultam a consoante da sílaba final, que passa a figurar como sílaba leve no domínio do acento, entrando assim no padrão comum da FCP.

(59)	Ex.: (coda)	Ex. (coda)	Ex (coda)	
	/util/	/fasil/	/vizivel/	léxico
	u. til	fa . sil	vi . zi. vel	silabação
	< l >	< l >	< l >	Ex (coda)
	(* .)	(* .)	(* .)	FCP
	(*)	(*)	(*)	Rfinal
	[útil]	[fásil]	[vizível]	saída

Em **útil, fácil, visível** (< l >), tão logo estejam formados os constituintes, manifesta-se a consoante lexicalizada como extramétrica. A diferença entre **útil** e **sutil** é que a primeira recebe a marca lexical de extrametricidade sobre a consoante final. Da mesma forma, **dúvida** e **dívuda** se distinguem de **duvida** e **divida** pelo asterisco lexical que marca todas as proparoxítonas. A extrametricidade, portanto, fica restrita a irregularidades idiossincráticas.

Bisol também vê os oxítonos com vogal final como uma classe que desafia os padrões estabelecidos. Estes vocábulos parecem ir contra tudo isso. São vocábulos que só têm radical, sem marcadores, com uma vogal final plena (ao contrário das paroxítonas, cuja vogal final é reduzida). A solução, para ela, é postular a presença de uma consoante abstrata na rima final, o que os torna acentuadas pela SQ. Ou seja, esses vocábulos possuiriam na subjacência uma sílaba final bimórfica — uma rima pesada — e que, portanto, recebem acento pela mesma regra que atua em **pastel** ou **pomar**: a regra da SQ enxerga a consoante idiossincrática registrada em seu item lexical, que somente vem à superfície em palavras derivadas. Desta forma, as palavras sem vogal temática constituem uma só categoria, incluindo tanto vocábulos terminados em consoante, como vocábulos terminados em vogal plena.

Nestas últimas, quando não são de origem africana ou indígena, pode-se documentar diacronicamente esta consoante final: **fé** < **fedem**; **pé** < **pedem**; **tricô** < **tricot**; **balé** < **ballet**. Embora a autora prefira ver o “caráter idiossincrático” destas consoantes, penso que em muitos casos seremos obrigados a considerá-las previsíveis:

- (60) abecê - abecedário (de ABCD)
- abricó - abricoteiro (de abricot)
- Maomé - maometano (de Maomet)
- robô - robotizar (de robot)
- parquê - parqueteiro (de parquet)
- brevê brevetado (de brevet)
- cabaré cabareteiro (de cabaret)
- robô robotizar (de robot)
- pivô pivotante (de pivot)

filé filetear (de filet)

crochê crocheteira (de crochet)

Os monossílabos, mesmo que não postulássemos esta consoante abstrata, poderiam ser acentuados por si mesmos, em conformidade com a teoria de Halle & Vergnaud; contudo, mesmo assim eles também sugerem a presença da consoante no paradigma derivacional dos oxítonos em vogal:

- (61) chá - chaleira
nu - nudez, nudismo (Lat.)
nó - nódulo, nodoso (Lat.)
pé - pedal, pedestre (Lat.)
pá - pazada
só - solidão, solitário (Lat.)

Para a autora, parece significativo que estas palavras optem pelo sufixo **zinhV**, como as acabadas em rima ramificada (**pomar** > **pomarzinho**, ***pomarinho**). Como discuto mais abaixo, não existe esta relação obrigatória entre configuração fonológica e a seleção do alomorfe do DIM (**-inhV** ou **-zinhV**): **colher**, **colherinha**, **colherzinha**; **devagar**, **devagarinho**, **devagarzinho**; **pastel**, **pastelinho** [Portugal], **pastelzinho**; **flor**, **florinha**, **florzinha**. Contudo, é inegável que os oxítonos só podem formar o DIM com o alomorfe que tem o **Z**, assim como ocorre com outros sufixos que também apresentam variante em **-Z** :

- (62) aração > araçãozeiro (aração C > aração + eiro)
abacaxi > abacaxizeiro (abacaxi C > abacaxiz + eiro)
picolé > picolezeiro [t?] (picolé C > picolez + eiro)

sofá > sofazão

(sofá C > sofaz + ão)

Parece-me natural que, sendo a esmagadora maioria dos sufixos iniciada por vogal, como já defendemos e explicamos, o PB lance mão de uma consoante para permitir a ligação de um radical oxítono terminado em vogal com estes sufixos vocálicos. Tudo sugere, contudo, que o Português privilegiou o /z/ como a consoante padrão para esta função, em todas aquelas formas em que não se pode definir qual a consoante subjacente. Este ponto, quando for estudado, certamente vai esclarecer ainda mais a verdadeira relação entre as formas **-inhV** e **-zinhV**.

Esta consoante abstrata, no nível da palavra não-derivada, que ainda se encontra na posição de rima (**nuC**, **cafeC**), apaga-se por convenção. Na derivação, por ressilabação, passa à posição de onset e vem à superfície: **nudez**, **cafeteira**.

Quando um pequeno resíduo de vocábulos proparoxítonos terminados em consoante (raros, como **Júpiter**, **Lúcifer**) recebem a vogal epentética do plural, parecem ultrapassar a janela das Três Sílabas. Para Bisol, a Restrição da Janela funciona nestes casos como filtro, acertando **júpiteres** para **jupíteres**; **lúciferes**>**lucíferes**. Estes exemplos são mencionados nos manuais de gramática; contudo, afora o fato de serem improváveis na prática, parecem-me criações artificiais. Se alguma vez se formasse o plural desses vocábulos, o padrão previsível seria **lúcifers**, **júpiters** (à semelhança do que vimos, acima, em **revólvers**). Se defendemos que o domínio do acento é o radical, não podemos aceitar que o acréscimo do E do plural possa influir no padrão acentual. Para Bisol, a única exceção para a Restrição da Janela — casos como **rít [i] mico**, e mais **técnico**, **elíptico**, **óptico**, **cataléptico**, **anti-séptico**, **apocalíptico**, **tríptico**,

helicóptero, etc.)¹¹ — têm uma vogal epentética de entrada tardia; para ela, o fato de [rítimiku] alternar com [rítmiku], a forma da subjacência que recebeu o acento na terceira sílaba, parece indicar que o filtro da Janela de Três Sílabas somente opera no componente lexical.

2.2.2 — O domínio do acento é o radical

W. Opasi vai defender, para o Espanhol, posição diversa da de Harris: o domínio do acento é o **radical**. Seguindo a Fon. Auto-segmental, W. Opasi, que defende a ciclicidade do acento, afirma que o acento no Espanhol forma um tier auto-segmental. O traço do acento é ligado ao morfema derivacional mais à direita por uma linha de associação que pode ser deslocada - i.e, desligada do colchete derivacional prévio e religada ao novo morfema a sua direita — no momento em que um morfema derivacional adicional é introduzido. A construção morfológica dos vocábulos do Espanhol pode ser representada assim:

$$(63) \quad [(\text{Raiz}) \text{DS})_n \text{DS})_{n+1} \text{DS})_{n+2} + \text{TE}]_x$$

W. Opasi, 132

onde a raiz de uma entrada lexical pode ser sucessivamente afixada por sufixos derivacionais. (DS = Derivational Suffix; TE = Terminal Element). Para o não-verbo, o elemento terminal é o marcador; para o verbo, contudo, ele é o morfema de

¹¹Afora **helicóptero**, é significativo que todos esses exemplos (e outros, de uso mais científico) apresentem o sufixo **-ico**, cujo comportamento particular com relação ao acento pode ser um indício de que ele é extramétrico ou é um sufixo que se aplica no nível 2.

Pessoa/Número que fecha uma forma verbal. X é a categoria lexical, que inclui substantivos, adjetivos, advérbios e verbos. **É o padrão acentual contido em DS)_{n+2} que determina o lugar do acento primário de todo o vocábulo resultante.** (W. Opsi,110)

A regra que associa o acento primário flutuante (**s**) ao plano morfológico é

$$(64) \quad s \quad \rightarrow \quad \begin{array}{c} s \\ | \\ [(raiz) DS)_n + TE]_X \end{array}$$

Considerando que o acento seja cíclico, a regra do acento reaplica sempre que encontrar sua descrição estrutural. A linha de associação é truncada e religada ao morfema seguinte:

$$(65) \quad \begin{array}{c} s \\ | \\ [(raiz) DS)_n DS)_{n+1} + TE]_X \end{array} \quad \rightarrow \quad \begin{array}{c} s \\ \swarrow \quad \searrow \\ [(raiz) DS)_n DS)_{n+1} + TE]_X \end{array}$$

[110]

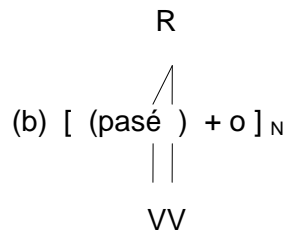
Sua proposta confirma uma série de observações presentes na obra de Harris, especificamente, e nas duas teorias mais influentes na representação do acento: o modelo da Grade (Selkirk 184, Halle & Vergnaud 1985, Harris 87) e a teoria da Construção da Árvore Prosódica (Harris 1983, Cedeño 1985). Ambos os modelos predizem que, no nível do Vocábulo, o acento não marcado no Espanhol recai na penúltima sílaba em vocábulos terminados em vogal e na última nos terminados em consoante; os casos marcados têm acento na antepenúltima, com a restrição de que tais palavras não podem ter uma rima ramificada em sua penúltima sílaba (também, no presente trabalho, Biso; Wetzels) . Além disso, o acento no Espanhol é sensível ao peso silábico.

Em sua descrição do Espanhol, todo substantivo, adjetivo ou advérbio consiste em um radical derivacional e um marcador, cujo conteúdo fonético pode estar ou não presente. Um vocábulo é expandível via afixação. Com relação aos sufixos, apenas o marcador mais à direita é dotado de um slot prosódico ao qual a vogal correspondente pode-se ligar. Da mesma maneira que a realização deste marcador é governada pelo sufixo mais externo, ela propõe que o acento primário também seja dependente do acento deste mesmo sufixo — ou, no caso de não haver sufixo derivacional, do próprio radical:

- (66) [metál + Ø]_N → metál
 [[metál + Ø]_N ist + a]_N → mètalísta
 [[[metál + Ø]_N ist + a]_N eri + a]_N → mètalistería
 [[metál + Ø]_N {i}c + o]_A → metálico

Sua formulação da regra do acento seria, portanto, “**acentue a sílaba final do radical derivacional (ou suas formas expandidas)** (125). Isso constitui, segundo ela, uma simplificação melhorada da proposta de Harris 1983. O acento recai, assim, na sílaba final do radical derivacional, a não ser que esteja marcado de forma diferente no léxico. Esta afirmativa encontra suporte no peso silábico da sílaba final dentro do colchete derivacional, antes da manifestação do assim chamado Marcador. Se considerarmos a estrutura das entradas lexicais como consistindo de um radical derivacional e uma terminação, na presente análise, então, a última sílaba dentro do colchete derivacional é necessariamente uma sílaba pesada, já que sempre contém uma rima ramificada, VC ou VV:

- (67)
- $$\begin{array}{c}
 R \\
 \diagdown \\
 (a) [(pe\acute{l} \acute{o} t) + a]_N \\
 \diagup \\
 VC
 \end{array}$$



Segundo ela, o item (b), que contém uma vogal acentuada na superfície, é o resultado de uma regra específica que proíbe vogais longas (vogais idênticas na mesma rima) no Espanhol (Harris 1987), especialmente quando se encontrem no mesmo morfema.

Portanto, sua nova proposta é: “acentue a sílaba final do radical derivacional mais à direita”. Note-se que o radical derivacional pode ser expandido por sufixação; segundo Opasi, esta proposta dá conta do fato de que o acento pode ser deslocado através da derivação. À medida que novos morfemas forem sendo incorporados, o acento pode ser removido por truncamento da linha de associação do colchete derivacional previamente mais à direita e pela ligação dela com o novo morfema à sua direita. Como o radical derivacional pode ser expandido por sufixação, isso explicaria por que o acento pode ser deslocado pela derivação. O acento primário é eliminado pela regra de Reatribuição do Acento, de modo a só restar apenas um acento primário nos itens lexicais. Através do processo de atribuição do acento secundário que opera no final de cada ciclo fonológico, o output sempre vai apresentar um dos dois padrões de acento secundário, com a restrição de que dois acentos não podem estar adjacentes. As terminações flexionais do plural, para Harris, ficam fora do domínio dos vocábulos, marcadas originariamente como extramétricas, e não mudam, portanto, o contorno acentual das formas singulares correspondentes.

Todos os sufixos observam os padrões gerais de acentuação, a não ser que estejam marcados no léxico pelo dispositivo da Extrametricidade (acima, as chaves

indicam um elemento extramétrico). Os acentos não-primários são ajustados no processo de Reatribuição do Acento, resultando em acentos secundários em sílabas alternadas. Finalmente, apenas as vogais médias acentuadas nos outputs finais são geralmente ditongadas :

(68) [véj + o] _A → viéjo

[[véj + o] _A éz + Ø] _N → vejéz

Contudo, o aparecimento de ditongos com acento não-primário é consequência de derivação no nível do vocábulo: são vocábulos completos com uma vogal ditongada (i.e., o output do estrato I, ou estrato derivacional) que entram nos estratos seguintes (estrato II - compostos, ou estrato III - formação produtiva):

(69) II [[hérb+a] _N [bon + a] _A] _N → [[hiérba] _N [buéna] _A] _N → hièrbabuéna

III [[véj + o] _A ít + o] _N → viejító

[[véj + o] _A ísim + o] _A → viejísimo

Fica claro que uma vogal ditongada mostra o efeito direto ou residual de uma vogal média acentuada. A posição da autora é consistente com a estrutura que ela propõe para o léxico do Espanhol, dividindo-o em quatro estratos: I - Derivação; II - Composição; III - Formação Produtiva; e IV -Pluralização. No estrato derivacional, não se pode fazer nenhuma predição sobre o afixo específico que vai-se ligar a um determinado radical derivacional, nem quanto à ordem dos afixos entre si. Esta natureza idiossincrática do primeiro estrato também dá conta das discrepâncias em termos da vogal ditongada: a alternância entre uma vogal não-ditongada e uma vogal ditongada só se encontra neste estrato. À medida que avançamos pelos demais estratos, vamos encontrando mais regularidade na língua, já que apenas itens lexicais completamente desenvolvidos entram nestes estratos.

Como vimos, um dos argumentos que Harris apresenta para escolher o vocábulo como domínio do acento são os vocábulos monomorfêmicos sem radical, como as preposições (**pára, sóbre, hásta**) e os vocábulos reduzidos (**prófe, árqui**). W. Opasi responde que esses não são contra-exemplos para uma proposta que escolha o radical como domínio; para ela, o padrão acentual do Espanhol pode ser regularizado a ponto de estender sua força analógica a todos os itens lexicais, incluindo vocábulos sem radical derivacional. Na verdade, eles são reanalisados como constituídos por um radical arbitrário mais uma terminação vocálica que se assemelha aos marcadores. No caso do Português, os vocábulos que sofrem esta redução não servem de argumento contra ou a favor da escolha do radical como domínio do acento, já que a sílaba tônica do vocábulo resultante não é necessariamente a penúltima:

(70)	(a)	(b)
	<u>bergamota</u> <u>berga</u>	de <u>press</u> ão deprê
	bisav <u>ó</u> <u>bisa</u>	facul <u>d</u> ade facu , facul
	bricab <u>ra</u> que <u>brique</u>	Filosof <u>ia</u> filô
	cerve <u>ja</u> <u>cerva</u>	inoxid <u>á</u> vel <u>inox</u>
	chimarr <u>õ</u> <u>chima</u>	pornogr <u>á</u> fico pornô
	churr <u>as</u> co <u>churra</u>	profissio <u>n</u> al profí
	categor <u>ia</u> <u>catega</u>	rebuli <u>ç</u> o rebú
	vestibul <u>ar</u> <u>vestiba</u>	refriger <u>an</u> te refrí
	japon <u>ês</u> <u>japa</u>	visu <u>al</u> visú

Para W.Opasi, o próprio Harris se contradiz ao sugerir que as informações sobre o acento que devem ser marcadas no léxico são informações sobre o **radical derivacional**, e não sobre um determinado conjunto de afixos (por

exemplo, os marcadores) ou como um fato sobre o vocábulo como um todo (Harris 83:99), o que ficaria claro em vocábulos que têm o mesmo radical mas diferentes marcadores: **múltiple, múltiplo; síncopa, síncope; bonita, bonito**. Esses pares são fortes evidências para a proposta de que é o radical derivacional que carrega a informação sobre o acento.

Quanto à ciclicidade do acento, ao contrário de Harris, que postula o acento cíclico apenas na sufixação no Nível do Vocábulo, Opasi prefere afirmar que ele é cíclico também no Nível do Radical (o estrato derivacional), já que é mais desejável manter uma regra unificada a defender duas teorias separadas de acento para os dois níveis de sufixação. Todos esses fatos apontam, diz ela, para a superioridade de uma teoria unificada do acento; sua proposta é a de que o acento do não-verbo e o acento do verbo sejam explicados por uma única regra, o que leva a autora, por isso mesmo, a defender que a regra de acento de todos os itens lexicais do Espanhol seja cíclica.

Lee (1994), em estudo específico sobre o Português também vai optar, no caso do não-verbo, pelo **radical** como domínio do acento. Seguindo Mateus (1983), Lee estipula a seguinte regra:

(71) Regra do Acento do Não-Verbo

- a. O domínio da regra é o radical.
- b. Acentua-se a última sílaba do domínio.

Do ponto de vista métrico, fica estipulada a cabeça à direita:

café	almoço	tonel
(. *)	(. *)	(. *)
(*)	(*)	(*)

Desta forma, salienta o autor, pode-se dar conta do acento da maioria dos casos dos vocábulos paroxítonos, com a vantagem de que os oxítonos também podem ser tratados como não-marcados — a mesma que W. Opasi encontrou na descrição do acento do Espanhol. Podemos, desta forma, reduzir as classes de acento marcado de três para duas: (1) a classe dos paroxítonos sem vogal temática (cujas últimas sílabas, embora sejam pesadas, não recebem o acento) e (2) a classe dos proparoxítonos: **túnel**, **jóvem**; **último**, **abóbora**, **árvore**.. O acento desses vocábulos pode ser assim formalizado:

(72) **Regra do Acento do Não-Verbo (marcado)**

- a. Constituinte binário
- b. Cabeça à esquerda
- c. Parsing: direita para esquerda
- d. Não-iterativo
- e. Domínio: radical.

(Lee, 1995)

A vogal temática vai ser visível na derivação, no nível flexional (Lee distingue o nível da morfologia derivacional e o nível da morfologia flexional):

túnel	jóvem	último	abóbora
(* .)	(* .)	(* .)	(* .)
(*)	(*)	(*)	(*)

Lee contesta a afirmação de Wetzels (1993) e Bisol (1992) de que a regra do acento seja sensível à quantidade da sílaba. Suas considerações sobre ser, ou não, o acento sensível à categoria lexical fogem ao escopo do presente trabalho,

que não abrange a atribuição do acento nos verbos.

Ao contrário de Harris para o Espanhol e Bisol para o Português, adoto a posição de que o verdadeiro domínio do acento no Português não é o vocábulo, mas o **radical** (como W. Opsi, para o Espanhol, e Lee, para o PB). O acento é colocado na sílaba final do sufixo mais à direita de uma entrada lexical (ou, no caso de não existir sufixo, na última sílaba do **radical** derivacional. Como já afirmei acima (na seção **Natureza do Elemento Terminal**) , os radicais do PB são em geral consonânticos; a quase totalidade dos sufixos inicia por vogal e termina em consoante; o marcador é sempre vocálico — essa configuração dos elementos do vocábulo apontam para um sistema em que a vogal do marcador só aparece no final do radical, radical esse que pode ser simples ou naturalmente expandido por meio de sufixos. Dessa forma, assim consideramos a regra do acento:

(73) Regra do acento:

Regra: Acentue a última vogal do radical.

Filtro: Evite acento na sílaba leve final.

Essa regra não dá conta das paroxítonas atemáticas (**éter, pólen, mártir**), que deverão ser marcadas especialmente. No entanto, ela abrange os demais vocábulos, incluindo os oxítonos terminados em vogal plena, uma vez que eles são considerados, como vimos, portadores de uma consoante abstrata na rima final.

2.3 — Sufixos

Como afirmamos acima, vamos considerar que todo radical é CONSONÂNTICO. Essa afirmativa se coaduna com o caráter vocálico de nossos

elementos terminais e com o fato de quase todo sufixo derivacional começar por vogal: **-ada, -agem, -al, -ança, -ando, -aria, -ário, -ável -edo, -eiro, -ense, -ês, --ento, -eco, -esco, -estre, -ez, -ice, -ico, -io, -ista, -onho, -ório, -oso, -uso, -ura** (a lista está quase completa¹²).

Dessa forma, em vez de considerarmos as palavras derivadas provenientes da afixação de vocábulos primitivos, preferimos afirmar que o input das derivações é o radical. **Campestre** é derivado do radical **camp-** mais o sufixo **-estr-**, mais o marcador **-e**. Não é necessário formar **campo** para depois, postulando o truncamento do marcador **-o**, afixar **-estre**. Além disso, ao defender o **vocábulo** como o input para a derivação, muitos autores se defrontaram com o problema de vocábulos derivados a partir de **formas presas**

O acréscimo dos sufixos parece dar-se de forma autônoma — mesmo que, entre eles, haja certas regras posicionais bem definidas. Com isso, inclusive, fica simplificada a explicação do acréscimo de um marcador aos próprios sufixos; os vocábulos derivados, neste caso, cujos radicais foram expandidos pela afixação, seguem as mesmas regras que os não-derivados:

(74) [[bibliotec] ári] **o** [[bibliotec] ári] **a**
 [[chin] ês] **Ø** [[chin] es] **a**

¹²O único sufixo importante que não começa por vogal e que constitui um problema em nossa análise seria **-dade**. Embora pudéssemos postular que sua forma verdadeira é **-idade**, como em **loquac-idade, uniform-idade**, restam explicar casos como **bel dade, bon dade, ruin dade, mal dade, leal dade** ao lado de **frugal idade, real idade**.

Os raros sufixos que não começam por vogal, **-ção, -mento e -dura** acrescentam-se a **bases verbais**, que sempre serão vocálicas, pois têm no radical uma vogal que determina a sua conjugação (a tradicional Vogal Temática)

armA dura armA ção pensA mento punl ção

A segunda hipótese, defendida por vários autores, afirma que os vocábulos derivados se formam por sufixação dos primitivos. Como estes já terão a sua vogal terminal, que chamamos de **elemento terminal** ou **marcador**, para que possa ocorrer a sufixação, é necessário postular-se que essa vogal será apagada, já que, como vimos, a esmagadora maioria dos sufixos começa por vogal. Este ponto de vista leva a um intrincado jogo entre as vogais terminais do radical e as vogais iniciais dos sufixos, ou entre as vogais terminais de um sufixo e a vogal inicial do outro. No entanto, se adotarmos a 1ª hipótese, como o fazemos no presente trabalho, o sistema será consideravelmente simplificado, como vimos.

3 — O Nível do Vocábulo

3.1 — Os prefixos

Nespor (1985) mostra que os prefixos, no Italiano, formam ω s independentes. Já no Latim e no Grego Demótico, o ω coincide com o nó terminal da árvore; nestes casos, até os compostos — vocábulos onde normalmente se verifica uma discrepância entre os constituintes fonológicos e morfológicos — constituem um ω único (Nespor & Vogel, 1986). Como veremos no presente trabalho, os prefixos são um campo propício, no PB, para estudar a falta de

isomorfia entre os constituintes prosódicos e os constituintes morfossintáticos.

Nespor (1985) ; Nespor & Vogel (1986) distinguem ainda dois tipos adicionais entre essas línguas não-isomórficas: (1) línguas como o Húngaro, p. ex., que apresentam também uma **assimetria** entre os afixos: a definição do ω precisa distinguir prefixos de sufixos; e (2) outras, como o Italiano, em que é indispensável levar em conta critérios fonológicos adicionais aos já presentes na **SLH** (Strict Layer Hypothesis) , que determina que o ω seja formado pela união de pés, os constituintes imediatamente abaixo dele na hierarquia prosódica.

No Húngaro, o vocábulo fonológico compreende o radical e os sufixos, mas os prefixos formam ω s independentes. A regra da Palatalização, por exemplo, que assimila **d, t, l e n** a um **j** , aplica-se no interior do vocábulo, mas não entre vocábulos. Assim,

(75) [men + jen] ω → me [ɲ] en mas não
 [fel] ω [jönni] ω → * fe [j]önni (“fel” - prefixo)

Nesta língua, da mesma forma que os dois membros de um composto formam ω s diferentes (embora os sufixos do segundo membro formem com ele um vocábulo único), assim os prefixos formam vocábulos independentes do radical adjacente. Numa teoria que inclua a **SLH**, este fato é uma evidência de que devem formar um ω separado.

No Italiano, por outro lado, a construção do ω precisa olhar para informações fonológicas específicas além da **SLH**. Alguns prefixos parecem formar um ω com o radical e outros não. Analisando a regra da Sonorização Intervocálica do **s**, presente no Norte da Itália, que se aplica no **interior** dos vocábulos mas não

entre vocábulos, Nespor observa que ela também não se aplica com determinados prefixos:

- (76) (a) a [z] ola “casa de botão”
 a [z] ilo “asilo”
- (b) la [s] irena * la [z]irena “a sirene”
 hanno [s]eminato *hanno [z]eminato “terminaram”
- (c) a [s]ociale
 pre [s] entire (ouvir antes)
- (d) pre [z] entire (pressentir)
 re [z] istenza

O fato de a regra não se aplicar com os prefixos **a-** e **pre-**, em (c), sugere que tanto os prefixos como os vocábulos a que estão afixados constituem *os* independentes. Por outro lado, em **resistenza** (d) é bem diferente a natureza do prefixo; em primeiro lugar, o vocábulo não é analisado pelos falantes nativos como vocábulo derivado, pois o prefixo está afixado a um radical que não é um vocábulo independente no Italiano contemporâneo; além disso, enquanto o prefixo **re-** costuma indicar “de novo”, o significado de **resistenza** não inclui essa noção. O par mínimo com o prefixo **pre-** sugere que a Sonorização do **s** só se aplica quando o prefixo não é reconhecido sincronicamente. Com base em dados como esses, as autoras postulam que, em vocábulos prefixados historicamente, que não são analisados como tal sincronicamente, o prefixo forma um vocábulo fonológico único com o radical a que está ligado (Nespor & Vogel, 1986).

Sua análise do Italiano também distingue entre prefixos terminados em **vogal** e prefixos terminados em **consoante**. Os terminados em consoante devem formar um *o* com o radical porque a condição geral de boa-formação do Italiano

que proíbe vocábulos fonológicos terminados em consoante também impede estes prefixos, em princípio, de funcionar como um vocábulo independente. Uma das evidências encontradas é uma regra que tem como domínio o vocábulo fonológico, a Assimilação Total da Nasal, que impede a ocorrência das seqüências **nr** e **nm** no interior do vocábulo, mas não as exclui entre vocábulos diferentes:

- (77) (a) in rima
con multi
- (b) *inregolare (irregolare)
*inmaturo (immaturo)

Quando estas seqüências são criadas por prefixação, aplica-se invariavelmente esta regra, demonstrando que tanto o prefixo com coda quanto o vocábulo a que ele está afixado pertencem ao mesmo vocábulo fonológico:

- (78) in + raggiungibile → i [r:] aggiungibile (inalcançável)
con + risopendente → co [r:] ispendente (correspondente)
con + mensale → co [m:] ensale (comensal)

A generalização feita para o Italiano é a de que o prefixo só vai unir-se ao vocábulo seguinte se a sua forma (neste caso, com consoante final) o impede, em princípio, de formar um vocábulo separado — o que revela a relevância de fatores fonológicos na construção do ω , principalmente as condições de boa-formação.

Por outro lado, tais prefixos que se incorporam ao vocábulo a que se ligam, ao contrário dos que constituem ω s, não podem ser **fatorados**. Como Booij (1984) já havia apontado, a condição necessária para que um elemento seja fatorado é que este elemento seja um ω ; o fato de alguns prefixos admitirem o fatoramento é

visto por Nespor & Vogel como um indício seguro de sua independência:

- (79) pro e antifascisti (profascisti e antifascisti)
 * in e amoral
 * dis e extracontento

Há alguns prefixos monossilábicos com coda, como **sub-** e **ex-**, que se comportam diferentemente, quando são encontrados em vocábulos relativamente novos. Eles não se ajustam tipicamente às regras fonológicas do Italiano e devem, portanto, ser marcados com um traço especial.

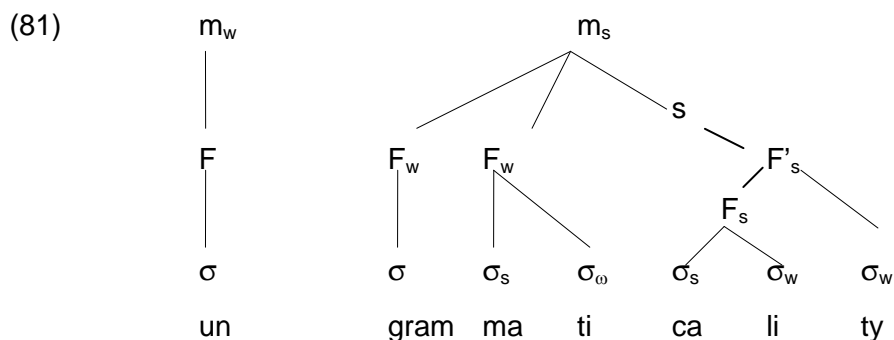
Assim, enquanto para o Húngaro só é necessária uma distinção morfológica (se o afixo é prefixo ou sufixo), a construção do ω do Italiano, além de levar em consideração as informações morfológicas, deve também considerar noções fonológicas específicas naqueles casos em que tais regras produzem constituintes que, de um ponto de vista fonológico, não são bem formados. No Italiano, a noção morfológica necessária é a distinção entre prefixo e sufixo; a noção fonológica adicional é a condição de boa formação da estrutura de um vocábulo possível. Este me parece ser o caso do PB.

Seguindo o mesmo princípio, Booij (1985) e Booij & Rubach (1984) postularam que a estrutura morfológica e a estrutura prosódica não são necessariamente coincidentes. Os limites da sílaba e do pé nem sempre coincide com os limites dos morfemas, nem o vocábulo fonológico vai sempre coincidir com o vocábulo morfológico. Para dar conta de certos problemas com os prefixos do Inglês e do Polonês, Booij & Rubach (1984) distinguiram entre afixos **ligantes** (“cohering”) e **não-ligantes** (“non-cohering”). Os primeiros se fundem com o vocábulo fonológico (por eles batizado de **mot**) que os precede ou sucede, formando um novo vocábulo fonológico; os outros são ω s independentes. Este é o

caso do prefixo **un-**, do Inglês. Considera-se o ω como o domínio da silabificação, já que, na hierarquia dos constituintes prosódicos, o nó do vocábulo fonológico domina os nós silábicos e, conseqüentemente, 2 segmentos tautossilábicos não podem pertencer a diferentes ω s. Significativamente, os limites morfológicos depois de **un-** sempre coincidem com o limite silábico, ao menos na fala cuidada:

(80) un áble (An) $_{\sigma}$ (ej) $_{\sigma}$ (bl) $_{\sigma}$

Se não fosse por esse traço não-ligante de **un-**, a silabificação em (21) não seria admissível, segundo os autores, por violar o MOP (Princípio da Maximização do Onset). Na verdade, o **n** se comporta aqui como a nasal final da primeira parte de um composto, o que também é confirmado pelo fato de que a regra de Assimilação Nasal que se aplica dentro do vocábulo fonológico não se aplica obrigatoriamente ao **n** final de **un-** em **ungrammatical**. Aqui também se encontra a solução para a atribuição do acento a **ungrammaticality**: os domínios relevantes para o acento em **ungrammaticality** são **un** e **grammaticality**; como a English Main Stress Rule especifica relações de proeminência entre as sílabas do **vocábulo prosódico** e não do **vocábulo morfológico**, a presença do prefixo **un-** não afeta o potencial de deslocamento acentual do sufixo **-ity** (**grammatical** → **grammaticality**). Sua representação prosódica é a seguinte:



Desta forma, podemos afirmar que, morfológicamente, **-ity** se liga corretamente ao vocábulo base **ungrammatical**: [[un [grammatical]] ity]. Isso não constitui um problema para a análise, porque prosodicamente teríamos (**un**) e (**grammaticality**), i.e., o sufixo está prosodicamente ligado apenas ao último vocábulo prosódico, com o qual se funde (**grammatical**) (Booij & Lieber 1993).

Admitida essa possibilidade de distinguir, para o Inglês, esses dois tipos de afixos, Booij & Rubach estipulam, para os prefixos do Polonês, que **todas as regras fonológicas**, sejam cíclicas ou pós-cíclicas, são bloqueadas por junturas de prefixos, e que a silabificação é também por elas bloqueadas. Esta generalização fica bem evidente pela operação da Maximização do Onset. Este princípio, que opera sem exceções, sem levar em consideração a estrutura morfológica, deixa de se aplicar na junção com os prefixos naquela língua:

- (82) (a) brod + a bro.da “barba”
 sejm + ik sej.mik “parlamento - dim.”
- (b) przed + operac + yj + n + y “pré-operacional”
 /pšed.o.pe.ra.tsij.ni/

Este comportamento peculiar dos prefixos pode ser explicado se assumirmos que eles próprios são vocábulos prosódicos. Fica a questão de como interpretar prosodicamente os vocábulos prefixados; os autores sugerem que, no caso, sejam tratados como **compostos fonológicos** (denominados, no artigo citado, de **mot'**), uma solução admissível para qualquer sistema lingüístico em que não haja correspondência exata entre a estrutura morfológica e a estrutura prosódica.

3.1.1 — A visão tradicional

Muitos autores da tradição gramatical do Português já sugeriam que os prefixos teriam um status diferente dos sufixos. E.C.Pereira¹³ considerava-os “palavras adverbiais que se antepõem ao tema”, com um sentido mais definido que os sufixos, produzindo, desta forma, vocábulos que ele classificava de “compostos por prefixação”. Como estas partículas adverbiais (i.e., advérbios e preposições) sempre constituem o elemento determinante do composto, acrescentando ao radical uma idéia acessória ou modificadora, os novos vocábulos assim formados se enquadrariam na classificação de compostos **sintéticos**, dentro das características clássicas dos compostos no Latim e no Grego. Said Ali¹⁴, embora preferisse ver na prefixação uma forma de derivação, admitia que não considerava bem demarcada a fronteira entre a derivação prefixal e a composição, uma vez que “os prefixos são, na maior parte, preposições e advérbios, isto é, vocábulos de existência independente, combináveis com outras palavras”. Sua relutância, contudo, em tratar assimetricamente prefixos e sufixos baseia-se em casos como **dis-**, **re-**, **in-** (negação), **pre-**, **ob-**, que, como alega, nunca foram ou já não são usados como palavras isoladas. Com a uniformização imposta pela Nomenclatura Gramatical Brasileira, em 1958, tornou-se padrão em nossas gramáticas escolares o tratamento dos prefixos e dos sufixos como **afixos**, apesar das diferenças de comportamento, evidentes mesmo sob o tipo de análise aplicada na época: os prefixos, ao contrário dos sufixos, não alteram a classe gramatical nem provocam o deslocamento do acento do vocábulo a que se unem.

Câmara Jr. foi o primeiro lingüista a discordar vigorosamente deste consenso, defendendo a assimetria entre os prefixos e os sufixos do PB. Na

¹³**Gramática Histórica**, p. 220. **Gramática Expositiva**, p. 164.

¹⁴**Gramática Histórica da Língua Portuguesa**, p. 229-30.

passagem do Latim ao Português, com a redução das preposições característica do Latim Vulgar, foi desfeito o paralelismo que existia entre o sistema dos prefixos e o sistema das preposições: no Latim, a mesma partícula poderia aparecer de forma autônoma, como preposição, ou integrada em um verbo ou em um nome, formando assim uma nova palavra (**ire ex** Epheso — **exire**). No Latim Vulgar, muitas dessas partículas deixaram de funcionar como preposição, mas continuaram a existir como prefixos, o que justifica a afirmação de Câmara Jr. de que a **prefixação** seria, na verdade, uma **composição** disfarçada por costumes ortográficos.¹⁵ Para ele, os prefixos do Português são elementos vocabulares que (1) também funcionam como preposições (**com, de, em**), (2) ou são variantes eruditas de preposições (**super** , de **sobre** ; **in-**, de **em**), ou (3) são exclusivamente prefixos (como **ex-**). (Câmara Jr. 1975: 230; 1969:39). Em sua análise, Câmara Jr. já faz uso da distinção entre vocábulo morfológico e vocábulo fonológico: a palavra composta por prefixação pode ser uma aglutinação ou uma justaposição (distinção que ele situa exclusivamente no plano fonológico). No primeiro caso, a prefixação resulta num só vocábulo fonológico; no segundo, o prefixo é um vocábulo fonológico autônomo, com acento secundário e, se de mais de uma sílaba, com a pauta vocálica de posição átona final na última sílaba. Aqui se manifesta, mais uma vez, a sagaz intuição do autor, que percebeu a necessidade, para descrever a prefixação do PB, de distinguir o plano morfológico do plano fonológico, além de estabelecer, entre os dois tipos de vocábulos formados por prefixos, uma distinção que me parece válida ainda hoje, retomada por vários autores, com a decidida vantagem teórica que a Fonologia Lexical trouxe, ao comprovar, em muitas línguas,

¹⁵Assim se explica por que determinados verbos prefixados são seguidos por preposição idêntica: **concordar com, depender de, embeber em, chegar a, condizer com, enredar em, perpassar por**, etc.

a falta de isomorfismo entre as unidades morfológicas e as unidades fonológicas.

3.1.2 — Os prefixos no PB

Como já observamos, uma das diferenças marcantes entre prefixos e sufixos no PB é a de que os prefixos não determinam a categoria lexical da palavra em que intervêm, já que essa categoria é determinada pelo constituinte que fica no lado direito¹⁶, como mostra

(83)

- | | | | |
|----|---------------------------------------|---|-----------------------------|
| a. | in + grato _A | → | ingrato _A |
| | des + estabilizar _V | → | desestabilizar _V |
| b. | real _A + izar _V | → | realizar _V |
| | real _A + eza _N | → | realeza _N |

Além disso, há evidências conclusivas de que devemos adotar para nossos prefixos um tratamento similar ao que foi proposto por Nespor & Vogel para o Italiano: em sua grande maioria devem ser considerados *os* independentes. Resta apenas determinar se o PB também apresenta prefixos do outro tipo, que integram o vocábulo fonológico a que estão afixados.

3.1.3 — A independência dos prefixos: fatoração

¹⁶Os prefixos, na maioria das línguas ocidentais, são não-especificados quanto à categoria, já que é o lado direito do vocábulo que contém as informações relevantes para a sintaxe (DS&W, 25)

Como vimos acima, Booij & Rubach 1984 dão aos prefixos do Polonês o status de morfemas comuns, do ponto de vista das Regras de Formação de Palavras (**RFPs**), mas o de **vocábulo independente** no que se refere às regras fonológicas. Desta forma, sua análise coincide com a de Nespor e Vogel (1986) para o Italiano, embora as autoras, como vimos, tenham ressaltado — o que nos parece uma observação também válida para o Português — que são vocábulos independentes apenas os prefixos assim reconhecidos pelos falantes.

É exatamente esta independência dos prefixos que vai permitir que eles também sejam fatorados no Português, o que, como vimos acima, só pode acontecer com **ws** autônomos:

(84)	pré e pós fixado	hipo e hipercalórico
	intra e extramuros	intro e extrovertido
	bi e tricampeonato	uni e tridimensional
	pró e anti aborto	macro e microeconômico
	sub e super -avaliado	min e maxidesvalorização
	in e exclusive	exo e endogâmico
	ex e importar	retro e antecarga
	supra e infraestrutura	neo e paleozóico

Uma possibilidade de classificação seria considerar os independentes os prefixos **auto-**, **contra-**, **infra-**, **neo-**, **proto**, **semi-**, **ultra-**, **ante-**, **anti-**, **arqui-**, **supra-**, **ex-**, **vice-**, **multi-**, **pós-** (**pos**), **pré-** (**pre-**), **pseudo-**, **recém-**, **co-**, **extra-**, **hiper-**, **macro-**, **micro-**, **não-**, **sub-**. O outro grupo seria formado por **in-**, **des-**, **re-**, **em-** e **a-** (todos monossílabos átonos), principalmente naqueles vocábulos em que desapareceu a consciência da prefixação. Nespor & Vogel acrescentam, ainda, que é necessário que a forma do prefixo permita que ele apareça como vocábulo autônomo, pois, segundo as autoras, o vocábulo fonológico é construído

com regras que utilizam noções morfossintáticas, mas nos casos em que essas regras produzem constituintes que são malformados do ponto de vista da fonologia intervêm noções fonológicas específicas. No PB, esta parece ser a melhor descrição.

3.1.4 — Regras que não atuam com os prefixos

Este caráter independente da maioria dos prefixos explica por que não atuam, no vocábulo prefixado, várias regras típicas do Português, semelhantemente ao bloqueio de todas as regras fonológicas na junção dos prefixos, como observou Rubach para o Polonês. No modelo que adoto, seguindo Borowsky, este fato é explicado por que os prefixos, no Português, só entram no Nível 2 (o Nível do Vocábulo), cuja fonologia, por ser anterior às operações morfológicas deste nível, independe do vocábulo a que o prefixo vai-se ligar:

3.1.4.1 — Neutralização da pretônica

Uma das regras características do PB é a Neutralização da Pretônica (Câmara Jr. 1970; Wetzels, 1991, 1992), que determina que o contraste entre as vogais médias altas e baixas desapareça em posição não-acentuada. Esta regra, contudo, não se aplica às vogais médias dos prefixos:

(85) **neutralização da pretônica**

(a) b[E]lo + eza → b[e]léza

c[E]rto + eiro → c[e]rtéiro

(b) n[E]o + liberal → n[E]o liberal *n[e]oliberal

pr[E] + aviso → pr[E] aviso *pr[e]aviso

p[O]s + graduado → p[O]s graduado *p[o]sgraduado
 pr[O]to + mártir → pr[O]to mártir *pr[o]tomártir

3.1.4.2 — Silabação e ressilabação

O prefixo **sub-** é um bom exemplo de ω independente. Sabemos que, no interior do vocábulo, o grupo **bl** é encontrado freqüentemente na posição de onset, como em (86a):

- (86) (a) bíblico bí.bli.co
 neblina ne.bli.na
 nublado nu.bla.do
 problema pro.ble.ma
- (b) sub + lingual → sub.lin.gual *su.blin.gual
 sub + locar → sub.lo.car *su.blo.car
 sub + legenda → sub.le.gen.da *su.ble.gen.da
 sub + literatura → sub.li.te.ra.tu.ra *su.bli.te.ra.tu.ra
 sub + lenhoso → sub.le.nho.so *su.ble.nho.so

O fato de não ocorrer, em (86b), **su.blo.car**, aponta a necessidade de tratar **sub-** como um vocábulo fonológico autônomo. Neste caso, podemos afirmar que o prefixo **sub-**, na verdade, é **sub[i]-**, onde a vogal epentética é inserida em conformidade com as condições de boa formação do PB, cuja rima não aceita consoante final além de /S/. Os demais prefixos em consoante — **hiper-**, **super-**, **inter-**, **ex-** — ressilabificam normalmente no nível pós-lexical: **hiper ativo** → **hi.pe.ra.ti.vo**, como **mulher amada** → **mu.lhe.ra.ma.da**; **ex amante** →

e.xa.man.te, como **luz amarela** → **lu.za.ma.re.la**. E assim por diante. Isso também explica por que **sub ordem**, **sub estação**, **sub humano** não silabificam como ***su.bor.dem**, ***su.bes.ta.ção**, ***su.bu.ma.no**.

Quando o segundo constituinte começa por vogal, **sub-** só deixa de receber o /i/ epentético quando, mais uma vez, desapareceu a consciência de sua autonomia, como em (87a), integrando-se o prefixo no vocábulo fonológico adjacente.

(87)	(a)	sub estimar	su[bes]timar
		sub ordinado	su[bor]dinado
		sub alterno	su[bal]terno
		sub urbano	su[bur]bano
	(b)	sub ordem	sub [i] ordem
		sub aquático	sub [i] aquático
		sub estação	sub [i] estação
		sub umano	sub [i] umano

3.1.4.3 — Assimilação da nasal

A idéia de que a vogal nasal é uma vogal oral seguida de um arquifonema nasal, que se deve a Câmara Jr., é adotada pela maioria dos fonólogos de nossos dias, interpretando o arquifonema como um segmento não—plenamente especificado, que espraia para a vogal precedente o traço de nasalidade. A assimilação total da nasal (como a descrita para o italiano por Nespor e Vogel 1986) também acontece no Português. Interpretando-se a vogal nasal como um grupo constituído de vogal oral e consoante nasal, consideramos o prefixo **in-** como

um exemplo de assimilação, em que este prefixo, que se realiza com vogal nasal em **infeliz, incapaz**, manifesta-se como uma simples vogal oral diante de lateral ou vibrante (l, r), por espraçamento da líquida para a posição ocupada pela nasal: in + regular > irregular; in + legal > illegal > ilegal. Isso deixa de ocorrer, contudo, com o prefixo **pan-** :

- (88) pan republicano pan leucopenia
 pan revisionismo pan lingüístico

Outro ponto interessante é que a nasal final assume o traço coronal ao passar para a posição de ataque (89a), o que não ocorre entre vocábulos fonológicos (89b). A nasal final em itens derivados não fica flutuante, pois passa da coda para o ataque, onde recebe interpretação fonética. Além disso, este prefixo também exibe uma vogal oral quando a nasal passa para a posição de ataque, como em **inadmissível, inoperante**. Isso que se verifica com **in-**, que parece ser um prefixo **ligante**, também não ocorre com um prefixo autônomo como **pan-** :

- (89) (a) tom → tonalidade [o]
 fim → finalidade [i]
 comum → comunidade [u]
- (b) pan + americano → p [ã] n americano *p [a] namericano
 pan + islamismo → p [ã] n islamismo *p [a] nislamismo

3.1.4.4 — Harmonização vocálica

Faz parte do sistema vocálico do PB o fenômeno da harmonização vocálica, em que uma vogal média pretônica se eleva por assimilação à altura da vogal alta

da sílaba imediatamente seguinte (Câmara Jr. 1970; Bisol, 1981), permitindo a ocorrência de variantes como **coruja ~ curuja, menino ~ minino**. Esta regra, que não é de aplicação sistemática, tem como domínio a palavra fonológica; não atravessa fronteira de palavras, nem compostos, nem — o que é significativo para o que estamos afirmando — prefixos:

predestinado	*pri distinado,	mas	pre distinado
hipersensível	*hipir sinsível,	mas	hiper sinsível

No entanto, se não houver a consciência da prefixação, a variante pode ocorrer:

retiro ~ ritiro	porvir ~ purvir
-----------------	-----------------

3.1.4.5 — Degeminação

Bisol descreve a degeminação no PB, um processo de sândi vocálico que se verifica entre duas vogais em seqüência, advindas de dois vocábulos fonológicos que se encontrem sob o domínio de uma categoria prosódica mais alta. A DG promove a reestruturação rítmica da fronteira vocabular, ocasionando o desaparecimento de uma sílaba por um processo de ressilabação: a sílaba final do 1º vocábulo e a sílaba inicial do 2º se convertem numa só: **me.ni.na + a.le.gre → me.ni.na.le.gre**.

A DG, como observa Bisol, pode também ocorrer no interior do vocábulo, como é o caso de compostos em que foi perdida a idéia de composição : **agua + ardente → aguardente**. No entanto, embora a autora aponte formas variantes com prefixos e com compostos reconhecidos como tal (abaixo), nossa posição é a

de que a variante de uma só vogal é rara, no caso da prefixação:

- (90) verde escuro verd[i i]scuru ou verd[i] scuru
coordenar c [o o] rdenar ou c [o] rdenar
reescrever r [e e] screver ou r [e] screver (Bisol, 7)

Em muitos casos que apresentam a mesma estrutura, a segunda variante, embora seja possível, é muito rara no dialeto das pessoas letradas:

- (91) arqu + inimigo → arqu [i i] nimigo [?] arqu [i] nimigo
anti + hitlerista → ant [i i] tlerista [?] ant [i] tlerista
co + ocupante → c [o o] cupante [?] c [o] cupante
pre + existente → pr [e e] xistente [?] pr [e] xistente

A regra da DG, portanto, tende a uma aplicação geral no contexto de V átona + V átona entre dois vocábulos fonológicos. A possibilidade de aplicação entre um prefixo e o vocábulo que o segue reforça a classificação dos prefixos do PB como **ws** autônomos. Da mesma forma, o fato de esta regra ocorrer sistematicamente entre os dois membros de compostos como **aguardente** e **viandante** e poder deixar de ocorrer em compostos como **verde escuro** ou **porta aviões**, como variante aceitável, depõe a favor da análise gradiente que faço, a seguir, dos compostos do PB.

3.1.4.6 — Neutralização da átona final

Nos prefixos terminados em vogal, encontramos o mesmo quadro de vogais da pauta átona final do PB, onde atua a regra de neutralização que reduz as cinco vogais pretônicas a apenas **três**: /a/, /e/ e /o/, as duas últimas realizadas

como [j , u]. Para Câmara Jr., a neutralização da átona final, que consiste no levantamento da vogal média, em posição final de palavra, é representada pelos arquifonemas I e U, respectivamente vogal média [-posterior] e [+posterior]. Para Wetzels, vogais localizadas em sílaba aberta final são neutralizadas por perda do traço [+aberto2] (1992:27). Neste caso, observa-se mais uma vez a distinção entre os vocábulos em que o prefixo perdeu sua autonomia, incorporando-se ao vocábulo seguinte e aqueles em que a prefixação é evidente. Os do primeiro grupo não sofrem a neutralização porque a sílaba se comporta como pretônica, como se o prefixo perdesse a sua autonomia, i.e., deixasse de ser percebido como tal.¹⁷ Já os do segundo grupo sofrem a aplicação da regra, evidenciando que o prefixo é um elemento do Nível 2:

- (92) (a) ant [e] braço * ant [i] braço
aut [o] móvel * aut [u] móvel
ant [e] datar * ant [i] datar
ant [e] por * ant [i] por
aut [o] grafar * aut [u] grafar
ant [e] passado * ant [i] passado
- (b) ante projeto → ant [i] projeto

¹⁷ Luft registra a hesitação habitual entre **pós-** e **pos-**, **pré-** e **pre-**: enquanto a ortografia oficial indica **preexistente, predeterminado, preestabelecido**, é extremamente comum encontrar-se a pronúncia **pr[É]determinado, pr[É] existente**, etc. Segundo ele, em palavras “velhas, inclusive vindas do Latim”, esses prefixos perderam toda a evidência semântica. Do nosso ponto de vista, isso implica também perder a autonomia: **pospor, postergar, poslúdio; preclaro, predizer, predominar; proclamar, proeminente, prosseguir**; etc. Em nosso meio profissional, isso transparece na hesitação entre **pr [e] tônica** e **pr [E] tônica**.

auto biografia	→ aut [u] biografia
vice campeão	→ vic [i] campeão
auto mecânica	→ aut [u] mecânica
ante diluviano	→ ant [i] diluviano
ante penúltimo	→ ant [i] penúltimo
ante ontem	→ ant [i] ontem

Podemos afirmar que nos casos em que há consciência da estrutura, X + Y, a regra atua na fronteira; onde o falante não reconhece a prefixação (principalmente em vocábulos eruditos), ela deixa de aplicar. Todas as evidências examinadas acima colaboram para afirmar o comportamento independente dos prefixos, que atuam no Nível do Vocábulo, o Nível 2.

3.1.5 — Prefixóides

Podemos enquadrar em situação semelhante todos aqueles elementos eruditos, de origem latina ou grega, que os próprios gramáticos hesitam entre classificar como prefixos, afixóides ou simplesmente como elementos de composição: **hidro, multi, neuro, micro, foto**, etc. Todos, sem dúvida, são vocábulos fonológicos independentes. Alguns, inclusive, deixam pouco a pouco de ser formas presas: a **máxi**, meu **micro**, as **múlti** (por **maxidesvalorização, microcomputador, multinacionais**). Outras admitem a formação de derivados, o que é uma evidência de que, no Português, podem ser formados vocábulos a partir de **formas presas**, dentro da linguagem científica : **hídrico, gráfico, hípico**.

Se assim analisarmos as formas prefixadas, podemos também justificar a extrametricidade da segunda consoante da coda em CCVCC, que aparece em

casos como **TRANS FORMAR**, uma vez que o / s / da segunda posição, não previsto no molde, passaria a ser agora um elemento periférico.

3.1.6 — O foco e os prefixos

É amplamente aceito pela teoria o fato de que, em diferentes línguas, afixos podem constituir ω s independentes. Como vimos, Booij & Rubach demonstraram (1984) que, em Polonês, os prefixos — não os sufixos — formam o domínio para silabificação e outras regras fonológicas. Nespor & Vogel afirmam que no Italiano prefixos — reconhecidos como tal pelos falantes — e os radicais dos compostos, mas não os sufixos, formam domínios ω separados para a regra da Sonorização Intervocálica do S. Hannahs (1991) mostra que, no Francês, a nasalização vocálica é sensível ao limite entre os prefixos e o radical, se os prefixos forem analisados semanticamente. Booij & Rubach (1984), ao discutirem o paradoxo de **ungrammaticality**, apontam para um caminho semelhante. Relembrando: morfologicamente, **-un** é subcategorizado como ligado a um adjetivo; o vocábulo deveria ser colchetado [**[un]** + **[grammatical]_A** + **ity]_N**. Este colchetamento também tem suporte semântico. Contudo, como as regras fonológicas exigem que os afixos stress-changing devem ser ligados antes dos stress-neutral, o colchetamento deveria ser **[un + [**[grammatical]_A** + **ity]_N]_N**. Como vimos, Booij & Rubach resolvem isso mostrando que, se **un** e **grammaticality** são ω s separados, então ambos os colchetamentos podem ser mantidos em planos separados, formando domínios para diferentes conjuntos de regras simultaneamente.¹⁸ Além**

¹⁸Isto é, a correta estrutura morfológica **[[un[grammatical]]ity]** deixa de ser um problema fonológico, porque o domínio relevante para o acento é (**un**) e (**grammaticality**); embora

disso, esta análise explica por que, na fala cuidada, certos prefixos do Inglês resistem à silabificação com seus radicais, como **un.able**, **un.altered** e **un.erring** (Booij&Rubach, 1984).

Essa noção de que a analisabilidade semântica pode exercer um papel crucial na determinação do ω , sugerida por estes autores, vai ser expandida pelo estudo de Wennerstrom (1993) sobre as relações entre a analisabilidade semântica e o foco, que acrescenta importantes argumentos para a afirmação de que os prefixos devem ser considerados ω s independentes.¹⁹ Selkirk (1984) já havia notado que o pitch focal pode associar-se, no Inglês, a unidades menores que os vocábulos, desde que esta unidade seja semanticamente analisável, tais como os prefixos negativos **in-**, **un-** e **non-**. Bolinger (1986) postulou que, quanto menos um afixo estiver ligado ao radical, mais facilmente ele pode ser acentuado de maneira independente. O fato de que os prefixos podem ser focados sugere que as combinações prefixo + radical — sempre que o prefixo for analisável semanticamente — têm a estrutura (X) ω (X) ω . A tradicional divisão dos afixos em classes não resiste ao teste do foco; nem mesmo a sensibilidade ou neutralidade com relação ao acento determinam a possibilidade de um prefixo ser focado. O fator chave é, na verdade, sua analisabilidade semântica. Só quando um vocábulo prefixado perde sua transparência semântica é que pode assumir características de um vocábulo unitário. Várias regras do domínio do ω no Inglês — acento,

morfologicamente **-ity** se acrescenta à base completa **ungrammatical**, prosodicamente ele se liga apenas ao último vocábulo prosódico, com o qual se funde: (**grammatical**). Booij & Lieber 1993: 36.

¹⁹O foco nos permite distinguir material novo ou contrastivo no discurso do que já é informação dada ou conhecida pelos interlocutores (Halliday, 1967; Jackendoff, 1972; Selkirk, 1984, entre outros).

silabificação, redução da vogal e distribuição alofônica — são sensíveis aos limites dos prefixos analisáveis, em um quadro muito semelhante ao que estamos descrevendo para o Português. Na análise de Wennerstrom é a independência semântica do prefixo com relação ao radical o que determina a sua independência prosódica em **ungrammaticality**. Isso explica a diferença na silabificação entre **un.able** e **e.nable**, onde **un-** é analisável com relação a **able**, e a regra do Onset não se aplica — exatamente como no PB temos **sub.legenda**, mas **su.blinha**.

Dessa forma, Wennerstrom defende a utilização do foco como uma forma de diagnóstico da questão dos domínios prosódicos. Além disso, ela introduz uma importante restrição à idéia de Selkirk: os sufixos, mesmo que analisáveis, não podem ser focados. A aplicação do princípio do foco vai pôr em xeque a divisão dos afixos do Inglês em cíclicos, sensíveis ao acento, e não-cíclicos, stress-neutral, consagrada por Chomsky & Halle 1968 e Halle & Vergnaud 1987, entre outros; mais ainda, restringe o conceito tradicional de afixo a uma descrição puramente morfológica, já que a razão para o comportamento diferente dos prefixos com relação ao foco é o fato de eles, ao contrário dos sufixos, constituírem um ω separado de seu radical.

Contrariando a classificação tradicional dos afixos, tanto **in-**, **de-** e **con-**, (stress sensitive) quanto **dis-**, **non-**, **inter-** e **un-** (stress neutral) podem ser focados, enquanto nenhuma categoria de sufixo pode. Parece que qualquer prefixo com sentido pode receber um pitch focal. Prefixos da Classe I e da Classe II (Siegel, 1974) podem ser focalizados nos exemplos abaixo, porque contêm um contraste com o material prévio do discurso, condição necessária do foco (apresentamos, abaixo dos exemplos do Inglês, casos similares no Português) :

- a. That country has both **IN**ternal and **EX**ternal problems.

This function is DEcreasing here, but INcreasing there.

Sometimes his behaviour is rational, but at other times it's completely IRRrational.

b. É um medicamento tanto para uso INterno, quanto EXterno.

O quadro das PREtônicas é diferente do quadro das POStônicas.

Na redação, REescrever é mais importante escrever.

Como qualquer ω pode receber o pitch focal, o prefixo assim adquire a categoria de vocábulo fonológico. Da mesma forma, é de se esperar que os radicais possam ser focados separadamente dos seus prefixos. Nos exemplos abaixo, os prefixos, sendo redundantes, são levemente desacentuados, enquanto os radicais contendo os contrastes informacionais são focados:

a. John is against everything. He is antiWOMAN, antiMINORITY, antiGAY.

b. Esta erva é tida como antiFEBRIL, antiASMÁTICA e antiALÉRGICA.

É possível ainda manipular as frases para colocar a informação contrastante em um vocábulo sintaticamente isolado, e não no sufixo, em que o foco pode facilmente recair no vocábulo que contém o material inovador:

a. Andy is smart, but Mike is even MORE smart.

b. Ele é esperto, mas seu irmão é ainda MAIS esperto.

Isso sugere que nada há no contexto em si que requeira o foco no radical; é o ω que contém o contraste semântico que recebe o pitch; por essa razão, Wennerstrom postula que radical + sufixo tem, no Inglês, a estrutura composicional $(X+X)_{\omega}$.²⁰

²⁰É necessário distinguir entre o foco relacionado com a estrutura informacional do discurso e o foco denominado acento contrastivo: qualquer sílaba (e, eventualmente, mesmo um simples segmento) pode receber proeminência para propósitos metalingüísticos como

Bolinger (1986) refere-se a um “grau de fusão” entre os componentes de vocábulos que podem variar de falante para falante. Se uma combinação prefixo + radical é fundida para um falante, o prefixo não pode exercer um papel independente na estrutura informacional do discurso e não será focado. Por outro lado, uma combinação que não está fundida sempre permite o foco no prefixo. Wennerstron propõe que o status de ω , e subseqüentes mudanças fonológicas, é livre para ocorrer em situações de fusão. Além disso, o status de ω não é inerente em cada prefixo por si mesmo (como Booij & Lieber 1993 acreditam), mas depende de **se o prefixo é analisável semanticamente com relação a determinado radical**. Isso permite que um mesmo prefixo seja analisável em alguns vocábulos, mas não em outros. Esses prefixos são problemáticos para análises de classe ou níveis, evidentemente. Esta é a mais importante contribuição do foco para nosso estudo: o foco confirma que não é possível fazer predições abstratas sobre cada afixo, já que entra um fator semântico— a analisabilidade — que faz com que um mesmo afixo se comporte de maneira diferente. Vale lembrar que esta distinção que vale para os prefixos vai valer também para os compostos: onde se perdeu a consciência dos elementos, temos apenas um vocábulo fonológico.

3.2 — Compostos

repair, esclarecimento do ouvinte ou efeito estilístico — casos que não interessam à nossa discussão: Did you say careFUL or careLESS? How should I refer to a person from Cyprus? a CypriAN? a CypriOT?

3.2.1 — Vocábulos simples, compostos e frases

A indecisão que sempre esteve associada aos compostos — sua delimitação, suas flexões, às vezes até mesmo sua existência como **vocábulo** e não como **frase** — nasce do território incerto em que eles são formados: exatamente no limite entre a morfologia e a sintaxe. Aliás, as construções dos compostos são mais assemelhadas às construções da sintaxe. Como Bloomfield já advertia, “as gradações entre um vocábulo e uma frase podem ser muitas; muitas vezes não se pode fazer uma distinção rígida. As formas que classificamos como compostos exibem alguns traços que, em sua língua, caracterizam vocábulos unitários em contraposição a frases” (Bloomfield, 227). No Português, como na maioria das línguas, não há critérios — fonológicos, morfológicos ou semânticos — que possam ser usados **isoladamente** para determinar o limite entre **compostos** e **não-compostos**, como veremos abaixo.

De outra parte, o fato de falarmos em **vocábulos compostos** (em todas as línguas) parece apontar para a idéia obrigatória de que eles constituem parte do **léxico**. Sobre isso não há dúvida alguma. O que, contudo, se discute na Fonologia Lexical é em que componente eles são formados — se no componente lexical ou fora dele. Na primeira hipótese, sua formação se dá em algum lugar **antes** da sintaxe; resta o problema de determinar em que nível se localiza este tipo de formação vocabular (no estrato cíclico ou pós-cíclico) e definir sua posição relativa para com a afixação, a flexão e outros processos morfológicos. Na segunda hipótese, que é adotada neste trabalho, sua formação acontece no pós-lexical, ou seja, no componente sintático; neste caso, é necessário explicar de que maneira ingressam no léxico.

Neste trabalho, defendo a segunda posição: a de que não existe, no Português, mecanismo **morfológico** para a **formação** de compostos. O output de nossas regras morfológicas é sempre **um** vocábulo morfológico, ao passo que todos os compostos são formados de **dois** (raramente mais do que isso). Dois vocábulos prontos, que já passaram por toda a derivação, começam a ser usados na forma de uma expressão habitual; esta expressão, por força de regras **semânticas**, passa a ser analisada pelo falante como um todo e é lexicalizada. Como esses vocábulos estavam ligados por uma relação sintática, é natural que a expressão que veio a se tornar um composto reflita as relações sintáticas de onde ela proveio: ou **N + modificador**, ou **V + complemento**, ou **modificador E modificador** (coordenação). É esta origem sintática, aliás, o fator que dificulta a delimitação precisa entre o que já é vocábulo composto e o que ainda é uma simples estrutura frasal.

3.2.2 — Objetos morfológicos e palavras sintáticas

O que afirmamos acima, adequado à descrição do Português, parece não corresponder aos dados de outras línguas. Por exemplo, DS&W afirmam que os compostos no Inglês podem ser de dois tipos — os que constituem **objetos morfológicos** e os que são **palavras sintáticas** — que funcionam como **frase** na morfologia e como **palavra** na sintaxe, podendo ser criados pela regra que denominam Nonmorphological Word-Creation Rule:

(93) $Y \rightarrow X P$

onde Y representa a categoria lexical e XP representa as categorias lexicais máximas (VP, NP, AP, PP).²¹ Esta regra prediz que qualquer unidade sintática

²¹Aplicando esta regra para o PB, Lee (1995) diz que $Y = [+N]$, i.e., N ou A.

pode ser reanalisada como uma palavra. Segundo os autores, o critério para distinguir entre os dois tipos é a **posição do núcleo**. Nos compostos que são **objetos morfológicos**, o núcleo fica à direita, como nas derivações; nos compostos que são **palavras sintáticas**, o núcleo fica à esquerda :

(94) [[wolf]_N [children]_{N,pl} [[break]_V [down]_P]_V

A posição de DS&W é a de que não existem nas línguas românicas os dois tipos que postulam para o Inglês; nelas, todos os compostos são **palavras sintáticas**. É o que defendemos no presente trabalho, para o Português Brasileiro: todos são sintaticamente transparentes, mas funcionam como vocábulo, já que podem ser inseridos na posição X⁰. Nesta posição, os compostos tem interpretações diferentes da simples **frase** (em **pé de moleque**, **pé** não é uma parte do corpo, como na sintaxe).

3.2.3 — A posição do núcleo nos compostos no PB

Lee (1995), em sua análise, não aceita a afirmação de que todos os compostos do PB sejam frases reanalisadas; para ele, como veremos, haveria também, à semelhança do Inglês, compostos que são **objetos morfológicos**. Antes de entrar propriamente em sua proposta, vamos examinar os compostos do PB quanto à existência e posição do seu núcleo. Como vimos, o critério para distinguir entre os dois tipos de compostos do Inglês é a **posição do núcleo**: à direita nos compostos que são **objetos morfológicos** e à esquerda nos compostos que são **palavras sintáticas**. **Esquerda** e **direita** devem ser entendidas aqui à luz da estrutura do sintagma nominal do Inglês: nas relações de modificação, o modificador fica sempre à esquerda do núcleo. Se fôssemos aplicar este critério para o PB, teríamos de inverter as combinações: nos **objetos morfológicos**, o

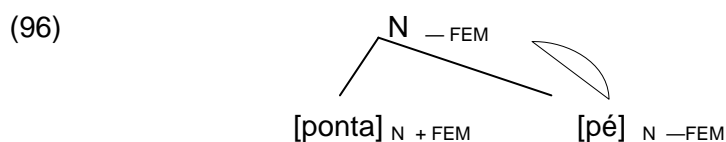
núcleo ficaria à esquerda; nas **palavras sintáticas**, o núcleo ficaria à direita. Contudo, como veremos, o critério da posição do núcleo não é válido para o PB, que segue outros parâmetros, já que os compostos ou (1) apresentam núcleo à esquerda, ou (2) apresentam núcleo à direita (menos comuns), ou (3) não têm núcleo.

3.2.3.1 — Compostos com núcleo à direita

A Convenção IV de Lieber , aplicável ao Inglês, determina que, se dois radicais são irmãos (isto é, formam um composto), traços do radical à direita infiltram para o nó que domina esses radicais . No PB, isso se verifica em casos pouco numerosos:

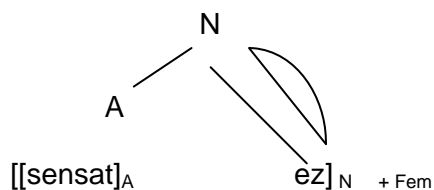
- (95) ponta pé (m.) (f. + m.)
 cafei cultura (f.) (m. + f.)
 vaso constrição (f.) (m. + f.)
 vara pau (m.) (m. + f.)
 agua pé (m.) (f. + m.)

Nestes compostos, a categoria do todo é determinada pelo nome à direita, dentro do postulado pela Conv. IV:



Parece sedutor defender esta parametrização para o PB, pois ela estaria também de acordo com a estrutura básica das palavras **derivadas** do PB, em que a categoria e os traços do afixo mais à direita rotulam o nó mais alto, como em

(97)



A estrutura representada em (96), contudo, como afirmamos, não é muito freqüente no PB. E C Pereira afirma que esta é a forma mais comum no Alemão, no Inglês e no Latim; no Português, os vocábulos que seguem este processo são, em sua maioria, formações eruditas, de origem latina e grega.

Os compostos mais comuns com núcleo à direita são os do tipo A + N, como em

(98)	baixo relevo (m.)	alto relevo (m.)
	primeiro ministro (m.)	vangloria (f.)
	segunda feira (f.)	salvo conduto (m.)

Os compostos assim formados são nomes, com todos os traços correspondentes, e não adjetivos. É que aqui atua uma relação de **modificação** entre os seus membros e, neste caso, o núcleo pode ser obtido sem ser necessário fixar parâmetros em qualquer direção. Cedeño propõe para o Espanhol, em casos semelhantes, uma modificação da Convenção IV de Lieber, que também é válida para o PB, já que ambas as línguas não tem posição fixa, como o Inglês, para o modificador:

(99)

Numa configuração de modificação, os traços de N infiltram para o nó

da árvore, independente da posição que ocupa no composto.²²

3.2.3.2 — Compostos com núcleo à esquerda

Nos compostos em que há relação de modificação ente seus membros — N + N ou N + A —, a configuração mais produtiva no PB é **núcleo + modificador**, seja este um **adjetivo** ou um **nome** com valor de adjetivo:

(100)(a) N + Adj

amor perfeito sangue frio

senso comum estado maior

(b) N + N

homem rã sofá cama

navio escola beira mar

Em (b), é muito fácil determinar o núcleo. Os três primeiros exemplos são formados com elemento **masculino** à esquerda e **feminino** à direita, mas os compostos são **masc.** Em **beira mar**, dá-se exatamente o inverso. Os do tipo (a) são verdadeiros compostos **endocêntricos**: **sangue frio** designa um subconjunto do significado dos elementos contidos ou designados pelo substantivo **sangue** (cf. Selkirk, 1983). Quando falamos de **sangue frio**, há o sentido de que **sangue**, e não algo ou alguém fora do composto, adquiriu a característica de **frieza**; portanto, o elemento qualificado **sangue** deve ser o núcleo do composto. O mesmo se pode

²²Cedeño, 593.

dizer de **navio escola**, que é um **navio** que funciona como **escola**; o 2º elemento define o 1º, assim determinando, semanticamente, que o núcleo é **navio**.

3.2.3.3 — Compostos sem núcleo

Como vimos acima, não basta examinar as categorias dos membros que participam da composição; é necessário também levar em consideração a **categoria do vocábulo assim formado**. As combinações que geram **adjetivos** (geralmente A + A; às vezes, N + A) são **exocêntricas**, como o Ing. **redhead**. **Redhead** não é uma **head** que é **red**, mas **alguém** que tem estas características. **Boca mole** não é uma **boca** que é **mole**, mas alguém que fala (e age) sem firmeza. Aqui fica bem manifesta a característica fundamental de um composto exocêntrico: como bem explica Bloomfield (236), a construção implica precisamente que o objeto não pertence à mesma espécie que o núcleo (**boca**): significa, na verdade, **alguém** que possui determinado objeto (o 1º membro) de determinada qualidade (o 2º membro). Note-se que, neste caso, numa seqüência como **um boca mole**, o gênero do artigo não concorda com o núcleo e sim com um nome ausente no sintagma mas subentendido, “que deve ser tomado como o ocupante do nó vazio”. Lemle acrescenta que este mecanismo que o PB apresenta de criar nomes a partir de adjetivos só existe “porque é possível haver adjetivos ligados a nós nominais vazios sujeitos a interpretação” (Lemle, 105). Da mesma forma, **surdo mudo** é atribuído a alguém que está fora do composto.²³

²³Cuidado: em **surdo mudo**, é necessário distinguir entre (1) o **adjetivo** composto, exocêntrico — **alguém** que é **surdo** e **mudo** — e (2) o **substantivo** composto, endocêntrico, com núcleo à esquerda: o **surdo** que é **mudo**. Por não perceber esta

Na falta, portanto, de um núcleo claramente distinguível — que, neste caso, está sendo referido por **implicação** ou **metáfora** —, devemos considerar **sem núcleo** estes compostos com funções adjetivas. Segundo Cedeño, esses vocábulos seriam gerados pela regra

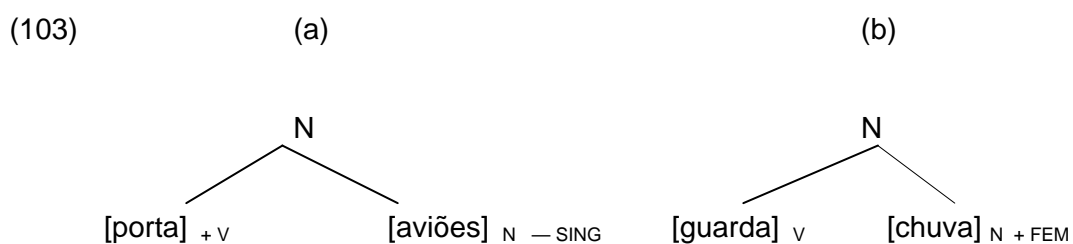
$$(101) \quad A \rightarrow \{ \text{Adj} \} A$$

$$\{ N \}$$

Da mesma forma, os compostos V + Comp não têm núcleo à direita ou à esquerda:

- | | | |
|-------|-------------|--------------|
| (102) | ganha pão | porta aviões |
| | toca discos | beija flor |
| | salva vidas | arranha céu |

. Se postulássemos o núcleo à direita, faríamos predições incorretas para o PB. Por exemplo, **porta aviões** e **guarda chuva** seriam

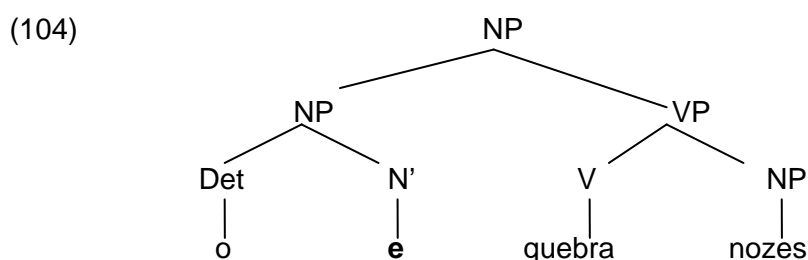


Em (a), o nome à direita é plural, e este traço deveria infiltrar até o N; no entanto, é um N singular (**um** porta aviões); em (b), **chuva** faria todo o N ser

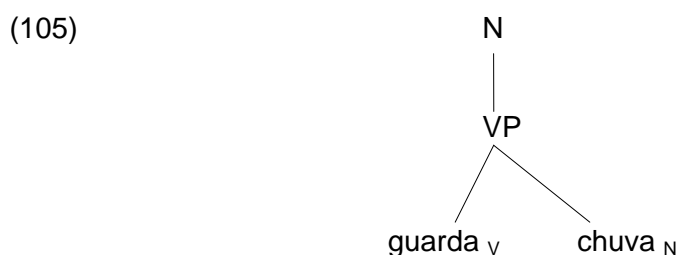
distinção, como vimos, a gramática escolar considerou esse vocábulo uma exceção; Lee, pela mesma razão, caiu em equívoco.

feminino, quando é indiscutivelmente masculino. Se, por outro lado, considerássemos como núcleo o membro à esquerda, os compostos acima receberiam equivocadamente o traço de V.

Para Cedeño, o composto V + Comp, o mais produtivo do Espanhol (e do PB, sem dúvida), seria assim estruturado:

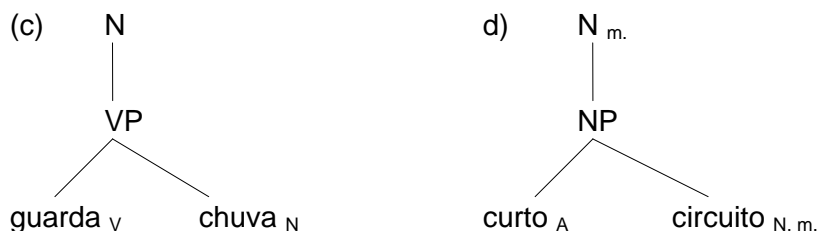
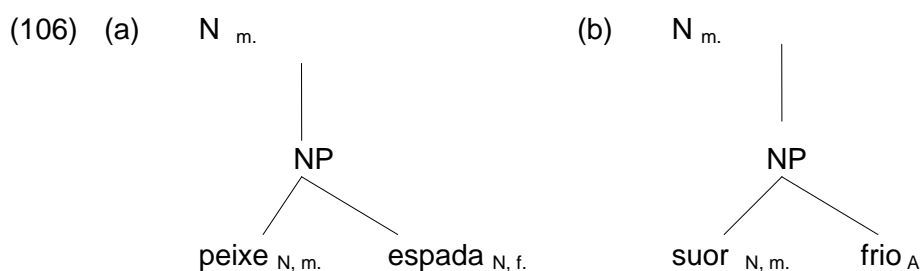


A presença aqui de um sujeito NULL (**e**) é determinada pelo próprio sistema flexional do Português e licenciada pelo determinativo **o** (artigo). Nesta análise, então, os compostos exocêntricos V + Comp devem ser parametrizados para receber os traços do núcleo à esquerda de uma NP vazia — o que é feito pela regra acima. Villalva conclui que este tipo de composto é **sem núcleo, pois interpreta** sua estrutura como



Como, para ela, o traço **default** dos compostos do Português é [+N] masculino, a categoria lexical e o gênero masculino dos compostos V+ Comp são totalmente previsíveis. Tudo nos leva, portanto, a considerar adequada para nossos compostos a descrição de Villalva, que, ao examinar o P Europeu, chega à

conclusão de que o composto pode ter o núcleo à direita, à esquerda ou simplesmente não ter núcleo algum:



Todos os exemplos acima são justificados por Villalva pela regra da formação de palavra não-morfológica, já que o núcleo da palavra sintática infiltra para o composto resultante. No caso de (c), como não existe núcleo, o composto assume o traço default, que é [+ N, + m.]. Não existem, portanto, compostos do tipo objetos morfológicos no Português²⁴. A posição diversificada do núcleo em

²⁴Na verdade, Villalva aponta o caminho para negar a existência de objetos morfológicos em qualquer língua. A diferença quanto à posição do núcleo, usada como critério por DS&W, pode ser explicada pela sintaxe: seria a estrutura interna da NP de cada língua o que determinaria a posição do núcleo. No Inglês, o modificador fica sempre à esquerda do núcleo, enquanto no Português o modificador pode ficar à direita ou à esquerda.

nossos compostos não é traço determinante de uma distinção como a que DS&W fazem para o Inglês. Confirmando o que aqueles autores sugeriram para as línguas românicas em geral, Villalva conclui que todos os compostos do Port. são palavras sintáticas reanalisadas e, como tal, formadas no componente sintático. Como veremos adiante, estas criações da sintaxe vão, a partir de determinado momento, ingressar no léxico.

3.2.4 — A análise de Lee

Em seu estudo sobre os compostos do PB, Lee (1995) não aceita a posição de Villalva; para ele, aceitar que o processo de composição tenha como resultado apenas palavras sintáticas não daria conta da opacidade para a descrição e a operação sintática ,nos casos que envolvem compostos que teriam as características de verdadeiros objetos morfológicos. Como explicar que determinados compostos funcionam como “unidade única” ? Para justificar essa diferença de comportamento, Lee postula a existência de **compostos verdadeiros** (que chama de **compostos lexicais**, correspondentes aos **objeto morfológicos**) e de **pseudocompostos** (estes sim, e só estes, correspondentes às palavras sintáticas reanalisadas de DS&W).

A partir desta distinção, Lee pretende explicar vários fatos que perturbam a descrição dos compostos no PB:

- 1) Podem ter **dois** acentos (**tóca** **díscos**)
- 2) Podem flexionar-se entre os constituintes (**garotas** **propaganda**)
- 3) Só podem ser vocábulo [+ N] (N, A; mas *V)
- 4) Podem formar DIM entre constituintes (guardinha noturno)

5) Podem flexionar-se mais de uma vez (**homens rãs**).

Para ele, os **compostos lexicais** formam-se no léxico e são **sintaticamente opacos**: (a) comportam-se como uma **palavra única**; (b) não permitem flexão interna; (c) não admitem derivação no 1º constituinte; (d) não mantêm concordância entre os seus componentes; (e) podem, como palavras comuns, servir de base para derivações.

Da outra parte, os **compostos pós-lexicais** formam-se no componente pós-lexical (sintaxe) e são **sintaticamente transparentes**: (a) permitem flexão interna; (b) admitem derivações no 1º constituinte; (c) mantêm a concordância entre seus componentes. Só estes últimos é que seriam as palavras sintáticas reanalisadas de que fala Villalva, nascidas da atuação de regras de formação de palavras não-morfológicas, propostas por Di Sciullo & Williams (1987).

Essas seriam as configurações dos **pós-lexicais**:

(107) **N + (prep.) + N** — sofá cama homem rã
trem bala garota propaganda
fim de semana pé de moleque

N + A — bóia fria carro forte
 mesa redonda pão duro

A + N — curto circuito
 primeiro ministro
 boa vida

A + A — surdo mudo

Em todos estes compostos percebe-se a estrutura sintática que lhes deu origem. Note-se que os dois primeiros têm o núcleo à esquerda; o terceiro tem o núcleo à direita. Em todos eles existe a relação de **modificação**. O último exemplo, **surdo mudo**, foi mal classificado por Lee, como veremos adiante²⁵

Lee acredita que haja compostos **formados** dentro do léxico, correspondentes aos objetos morfológicos de DS&W. Segundo ele, este grupo de compostos apresentaria as seguintes formações:

(108) **N + N** — auto peça
cine clube
ferro via
rádio táxi

A + A — ítalo brasileiro
médico cirúrgico
econômico social
sócio cultural

V + N — guarda chuva
porta voz
pára quedas

²⁵Não há razão para colocar em dois grupos distintos, como faz Lee, **surdo mudo** e **médico cirúrgico**. Ambos são compostos A + A, com o mesmo comportamento de seus constituintes. Lee, como veremos, incorreu num velho equívoco de nossas gramáticas descritivas: confundiu Nomes e Adjetivos compostos.

Qual o critério para afirmar que estes compostos são diferentes dos pós-lexicais? Como vimos acima, Villalva (e Cedeño, para o Espanhol) comprovaram que não é possível fixar uma parametrização rigorosa para a posição do núcleo nos compostos do PB. Lee também acrescenta que a utilização da clássica dicotomia entre compostos **endocêntricos** e **exocêntricos** também não traz suporte à divisão que pretende justificar. Tanto entre os compostos lexicais, quanto entre os pós-lexicais, Lee encontra endocêntricos (a) e exocêntricos (b) :

(a) ferrovia, rádio táxi (lex.) bar restaurante (pós-lex.)

(b) puxa saco (lex.) boa vida, pé de moleque (pós-lex.)

Para distingui-los, então, Lee lança mão de critérios principalmente **morfológicos**: a possibilidade de flexão (ou não) do 1º membro; a ocorrência de derivação interna; a afixação do DIM ao 1º elemento; e a concordância entre os dois elementos. Dentre as evidências que Lee apresenta para se opor à posição de Villalva, duas, de imediato, não podem ser levada em consideração: o **plural** e a **concordância**.

3.2.5 — Contestação da análise de Lee

3.2.5.1 — Flexão interna dos compostos

Lee afirma que nos compostos lexicais só há flexão à direita (**rádio táxis**, **ferro vias**, **italo brasileiros**, **guarda chuvas**); nos pós-lexicais, pode haver flexão no 1º constituinte: **primeiros ministros**, **boas vidas**, **fins de semana**, **trens bala**, etc.).

Essa afirmação sugere que a análise de Lee baseou-se em um **corpus**

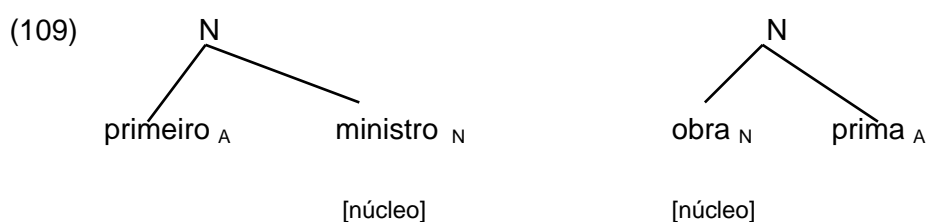
muito limitado. Certamente o plural não pode ser usado como evidência segura para uma análise dos compostos no PB, tal é a hesitação que os falantes, como os gramáticos, demonstram ao tentar determinar quais as formas aceitáveis. A razão dessa incerteza é, sem dúvida, o caráter sintático dessas formações, que permite interpretações diferentes das relações entre os constituintes e possibilita aplicações divergentes da regra do plural. Além disso, atua aqui a possibilidade de reanálise de uma geração para outra: no composto em que uma geração percebe X + Y, outra pode perceber só o conjunto (Contreras). Isso fica bem evidenciado nas intermináveis discussões, na tradição gramatical, sobre qual seria o plural de **guarda marinha** (**guardas marinha**, **guardas marinhas** ou **guarda marinhas**); **navio escola** (**navios escola**, **navios escolas**, **navio escolas**); **decreto lei** (se **decretos lei** ou **decretos leis**; por que não **decreto leis**?); entre muitos outros.

3.2.5.2 — Os compostos N + N

Lee distingue dois tipos de compostos com esta estrutura: (a) **ferro via**, **auto peça** (lexicais, em que só o 2º flexiona), e (b) **sofá cama**, **homem rã** (pós-lexicais, em que a flexão ocorre no 1º). Como vimos, essa possibilidade de variação do 1º elemento é usada por Lee como pedra de toque para identificar os pós-lexicais — a flexão **interna** do composto elimina a possibilidade de considerá-lo como um objeto morfológico uno. Parece-me uma posição absolutamente correta; no entanto, inadequado é concluir que a **não-variação** do 1º elemento dos compostos de (a) seja suficiente para situar sua formação dentro do léxico e não na sintaxe, como os outros. Em outras palavras: o fato de **homem rã** formar o plural no seu 1º membro (**homens rãs**, ou **homens rã**) e **auto peça** não, é apenas uma evidência positiva a favor da classificação de **homem rã** como pós-lexical, mas não uma evidência negativa que nos leve à conclusão de que **auto peça** seja

lexical. Essa diferença de comportamento não nos parece suficiente para colocar os compostos de (a) no léxico e os de (b) na sintaxe. Em ambos está presente a mesma relação **núcleo — modificador**; em (a) o núcleo está à direita, enquanto em (b) ele está à esquerda. Tanto em (a), como em (b), o núcleo apresenta flexão.

O fato de o modificador no PB não ter posição fixa em relação ao substantivo — podendo vir tanto à direita (preferencial) quanto à esquerda, é o responsável pela existência desses compostos que, apesar de parecerem diferentes, são realizações da mesma estrutura de modificação. Isso fica bem claro nos compostos de **substantivo e adjetivo**, que podem ser tanto **N + A** quanto **A + N** (embora o núcleo seja sempre o N): **salvo conduto, primeiro ministro; obra prima, onça pintada**.



O modificador, como vemos, mantém com o núcleo a relação de concordância característica dos adjetivos em relação aos substantivos. Nota-se no PB a tendência natural de interpretar os compostos segundo as relações mais usuais dentro do SN. Essa estrutura **Substantivo + Adjetivo**, que é uma relação sistemática de modificação no PB, faz com que, em compostos **N + N** com núcleo à esquerda, um dos constituintes — o não núcleo — seja acertadamente interpretado como **A**, podendo até ocorrer a concordância com o núcleo (nos exemplos abaixo, ambas as flexões são usuais, mesmo com pessoas letradas):

(110) escola modelo — escolas modelo ou escolas modelos

palavra chave	—	palavras chave	ou	palavras chaves
operário padrão	—	operários padrão	ou	operários padrões
café concerto	—	cafés concerto	ou	cafés concertos

Silveira Bueno (202) aponta, inclusive, casos de concordância de **gênero** do 2º constituinte:

(111)	palha (de) trigo	palha triga	palhas trigas
	palha (de) milho	palha milha	palhas milhas
	pedra (de) raio	pedra raia	pedras raias (meteorito)
	sapo (de) concha	sapo concho	sapos conchos (cágado)

Leite de Vasconcelos, um dos mais atentos pesquisadores da antiga escola filológica, já registrava essa hesitação, documentando casos como **farinha triga, palha centeia, pera marmela, rosa padra [!]** (de **rosa do padre**).²⁶

3.2.5.3 — Compostos N + N, com núcleo à direita

Como vimos acima, E. Carlos Pereira (GH) afirma que os tipos sintéticos (determinante + determinado) são bem raros na composição vernácula, embora constituam o tipo clássico no Latim e no Grego, bem como no Inglês e no Alemão:

(112)	van glória
	prea mar
	baixa mar
	gentil homem
	salvo conduto

²⁶ **Opúsculos**, I, 438 - Citado por S. Bueno.

livre arbítrio
baixo relevo
alto relevo
livre pensador
vara pau
clara bóia
bom senso

Quando os compostos têm o núcleo à direita, como nos exemplos de Lee, não ocorre a concordância opcional do N que está servindo de modificador:

(113) auto peças cine clubes ferro vias

Note-se que a posição do núcleo sempre varia (à esquerda ou à direita). O A, quando fica à esquerda, pode deixar de flexionar (**livres pensadores, livre pensadores, livre arbítrios**, embora **altos relevos, primeiros ministros**). O N modificador (antes ou depois) não deveria variar; no entanto, quando fica na direita, é interpretado como **adjetivo** e ocorre a dupla flexão.

A principal característica de compostos como **homem rã** e **guarda noturno**, como vimos, é que o elemento à direita fica numa relação do **tipo modificador** em relação ao da esquerda. Em outras palavras, o membro da direita semanticamente qualifica o da esquerda. N+N: **homem rã** é um homem que recebe os atributos de uma rã ou age como uma. N + Adj. : **guarda noturno** refere-se a um guarda que exerce suas atividades à noite. Ou no tipo Adj + N, **alto relevo**, o membro da direita é modificado pelo adjetivo da esquerda: é um **relevo** que é **alto**. Os exemplos acima teriam as seguintes interpretações:

(114) a. Este é um homem que parece ou age como uma rã.

- b. Este é um guarda que é noturno.
- c. Este é um relevo que é alto.

Aqui há uma relação de qualificação, tanto morfológica quanto semântica, entre os membros do composto. Desta forma, o núcleo pode ser obtido sem fixar parâmetros em qualquer direção.

3.2.5.4 — A indefinição entre N e A

A falta de limites precisos, no PB, entre Substantivos e Adjetivos, também contribui para obscurecer o quadro de nossos compostos. Por exemplo, sobre o plural de **democrata cristão**, Luft, o mais lúcido representante dos gramáticos descritivistas, diz que há duas possibilidades: se o interpretarmos como A + A, nos moldes de **médico cirúrgico**, o plural seguirá [[A + A] + s]: **democrata cristãos**; “a outra hipótese - que soa melhor - com flexão dupla deve ser interpretada como [substantivo + s] [adjetivo + s], isso é, concordância nominal: os democratas (que são) cristãos” - **democratas cristãos**.

Este exemplo ilustra a interferência de aspectos semânticos e sintáticos na decisão quanto à forma do plural — que, no caso, como em muitos outros semelhantes, depende da definição, por parte do falante, de qual é o **núcleo** do vocábulo: se for A + A, temos uma relação de simples **adição**, num composto sem núcleo (**alguém** que é **democrata E cristão**); se, por outro lado, for N + A, o composto passa a ter núcleo à esquerda, e a relação é a de **modificação** (o **democrata** que é **cristão**)²⁷. A nosso ver, o autor atribuiu pouca relevância à

²⁷Veja-se, a respeito, a grande quantidade de casos analisados por Zélio dos Santos Jota, em seu **Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa** (546-86). A tentativa de

natureza sintática dos compostos, fato que o levou a examinar esses vocábulos a partir, apenas, da **categoria lexical de seus constituintes**, sem levar em conta que, como toda a tradição gramatical já advertiu, N e A, no PB, são categorias sem limites precisos. Lemle (102) considera este um dos casos fronteiros de classificação das palavras no Português, já que todo adjetivo que modifica um N referente a um ser humano pode exercer o papel de nome, “incorporando o conceito de pessoa ao seu próprio sentido, que passa a ser: uma pessoa com a qualidade expressa pelo adjetivo” (os **ricos**, os **maus**, o **avarento**, o **brasileiro**, etc.).²⁸ Desta forma, um A que forma com um N um sintagma muito coeso semanticamente e de uso muito freqüente pode ocupar o **núcleo** de um SN, incorporando o sentido do adjetivo e do nome:

(115) O **pobre** sofre mais com frio.

Os **franceses** têm muito orgulho de sua literatura.

É evidente que isso também ocorre com os compostos. É o caso de **surdo mudo**, que já perturbou muitos gramáticos e veio também atrapalhar a análise de Lee. Este vocábulo não é, como ele afirma, um A + A, pós-lexical, que teria a

sistematização deste autor, que representa o pensamento gramatical tradicional, é infrutífera, mas é um eloqüente exemplo da total indecisão dos falantes do PB a respeito do plural dos compostos.

²⁸Esse processo ocorre mesmo com certos adjetivos referentes a [— HUM], que acompanham com tal freqüência determinados nomes que “acabam incorporando em si o sentido desse nome, cuja presença física torna-se até dispensável” (Lemle, 102): o **combustível** (material), os **móveis** e **imóveis** (bens), um **longo** (vestido), e assim por diante.

(b)	o puro sangue	cavalo puro sangue
	os puros sangues	cavalos puro sangue [?* cavalos puros sangues]
	o peles vermelha	índio pele vermelha
	os peles vermelhas	índios pele vermelha [?* índios peles vermelhas]

Quando usados como modificador, sua invariabilidade é idêntica a de qualquer substantivo usado na mesma posição sintática: **meninos prodígio** (ou, contra a norma escolar, ***meninos prodígios**); **funcionários fantasma** (ou ***funcionários fantasmas**). No entanto, como vimos, esta é uma leitura educada; é cada vez mais freqüente a reanálise desse tipo de construção, dando ao N à direita a mesma concordância que qualquer modificador assumiria, ocorrendo a flexão também do 2º elemento: **palavras chaves**, **horas aulas**, **cor de rosas**, etc. e, **ipso facto**, cavalos **puros sangues**, cavalos **puro sangues**, índios **peles vermelhas**, índios **pele vermelhas**.

3.2.5.5 — Os compostos A + A (x e y)

Lee situa os compostos do tipo A + A entre os compostos lexicais; uma das evidências, diz ele, é a “falta de concordância “ entre os constituintes. Enquanto nos pós-lexicais do tipo A+ A, A+ N e N + A “o gênero e o número de seus constituintes sempre coincidem” ((65): **surdos mudos**, **mesas redondas**, **boas vidas**) , nos compostos lexicais **italo brasileiro**, **italo brasileira**, **italo brasileiros**; **judeu americano**, **judeu americana** esta concordância não ocorre. Aqui também parece ter havido equívoco nos dados de que o autor dispunha: os compostos A + A (sem entrar no mérito de serem lexicais ou pós-lexicais) sempre

austriaco-ungarico	→	austro-ungarico
orticolo + frutticolo	→	ortofruticcolo
agrario + minerario	→	agro-minerario
anarquista + socialista	→	anarco - socialista
vegetale + minerale	→	vegeto-minerale

No Português, no lugar do sufixo, também aparece, quase invariavelmente, o Elemento Terminal -o:

(121)	infantil + juvenil	→	infanto juvenil
	verbal + nominal	→	verbo nominal
	cerebral + visceral	→	cérebro visceral
	labial + dental	→	lábio dental
	muscular + membranoso	→	músculo membranoso

Isso poderia erroneamente sugerir a hipótese de que não há, na verdade, supressão do sufixo do 1º elemento, mas apenas o acréscimo do sufixo ao elemento da direita; o adjetivo teria a seguinte derivação:

[cérebro + víscera] al]_A

[[lábio + dente] al]_A.

A posição do acento seria, desta forma, mais facilmente explicada; o sufixo formador do adjetivo seria acrescido ao composto **uma só vez, à direita** .

Morfologia Prosódica — que Thornton denomina de **accorciamento** — reduziu o 1º membro ao tamanho do voc. mínimo, o /i/ é explicado.

Aparentemente, isso favoreceria a idéia de Lee de que estes compostos formam-se no léxico. No entanto, essa hipótese não se sustenta com exemplos como **materno infantil**, resultante da coordenação de **maternal** e **infantil** (sendo ambos adjetivos, com sufixo *-al*), e não de **materno** e **infante** (adjetivo e substantivo), porque compostos coordenados serão sempre [X e Y]. Defendemos que estes compostos sofrem a perda do sufixo do primeiro membro **depois de formados**. Em fenômeno similar ao de uma faturação, o 1º radical não precisa apresentar o sufixo; este só aparece no membro à direita, mas vale para os dois.

Além disso, colaborando com a idéia de que há uma redução **posterior** do composto, persiste sempre a possibilidade de não se formar o composto, deixando transparente a estrutura sintática deste tipo de coordenação : **labial e dental** , **maternal e infantil**.

Este tipo de construção em que o 1º membro, geralmente de origem latina, é reduzido teve amplo emprego literário, erudito, para formar adjetivos indicando relações entre diferentes nacionalidades (Câmara Jr. 1975: 216):

(122) franco prussiano	indo americano	nipo chinês
anglo americano	teuto brasileiro	sino japonês
luso brasileiro	nipo germânico	euro africano
afro brasileiro	teuto nipônico	afro europeu

Os gentílicos reduzidos (**teuto**, **anglo**, **sino**, **franco**, etc.) vêm do Latim (**teutoni**, **anglus**, **sinae**, **francus**) e estão, por isso mesmo, presentes em vocábulos de todas as línguas ocidentais. Podemos acrescentar ao grupo outros elementos fixos de composição, também de uso próprio da comunidade científica:

euro, ínfero, súpero, génito, vésico, etc.³¹ São, portanto, itens lexicais que, à semelhança dos vocábulos comuns, saem prontos do Nível 1 e podem participar da formação de compostos.

Note-se que a ordem dos elementos não é fixa — a aliança entre a Alemanha e o Japão poderia ser denominada de **nipo germânica**, ou **nipo alemã**, ou **teuto nipônica**, ou **teuto japonesa**. Além disso, é restrito o número de adjetivos gentílicos que têm essa forma reduzida : **argentino, boliviano, uruguaio**, p. ex., não têm; para **brasileiro**, já se experimentou **braso, brasílio e brasílico**, certamente por analogia, mas seu emprego não passou de tentativas isoladas. Emprega-se, com naturalidade, “amizade **brasileiro paraguaia**”, “relação **argentino chilena**”, seguindo-se a tendência atual de forma compostos de A + A com ambos os elementos intactos:

(123)	técnico burocrático	médico cirúrgico
	político partidário	cubano soviético
	cívico eleitoral	econômico financeiro
	médico odontológico	árabe israelense

Havendo, como afirmamos, **redução** (ou **supressão**) , seria este um fortíssimo argumento para a hipótese da formação dos compostos **fora do léxico**: os sufixos já se ligaram a ambos os radicais que entram na combinação; só depois que os vocábulos **prontos** coordenaram-se para formar o novo vocábulo é que

³¹O Formulário Ortográfico que abre o PVOLP(1943) chama **anglo, greco, ínfero, póstero, súpero**, etc., curiosamente, de “prefixos que representam formas adjetivas” .

ocorre a redução. Isso, aliás, é possível só no campo pós-lexical, pois o processo morfológico do PB não admite regra de supressão de morfema.

Podemos assumir que a supressão do sufixo se dá na sintaxe; o composto se lexicaliza já com a sua nova forma, e os dois componentes, portanto, são reanalisados no Nível 2, onde o 1º membro recebe o ET -o e volta a receber o acento automático.

Também é necessário justificar por que em vários vocábulos o acento do 1º é proparoxítono: :

- (124) vegetal animal → végeto animal
- literário recreativo → lítero recreativo
- inferior anterior → ífero anterior
- posterior palatal → póstero palatal

Essa posição marcada do acento, na antepenúltima sílaba, condiz com o caráter alatinado, erudito, dessas formações autônomas de nosso léxico, próprias do vocabulário científico. Podemos considerá-los casos especiais, fora do sistema do PB — tanto que existem, como vimos acima, com a mesma acentuação, em outras línguas (Ing. **ífero lateral**, **génito urinary**, **vésico** - ver OED; Fr. **génito-urinaire**, **vésico-rectal**; etc.), sendo utilizados nas mesmas circunstâncias.

Seja reduzido, seja integral, o adjetivo composto, uma vez formado, passa a flexionar apenas **à direita**. O que explica essa ausência de flexão do 1º membro? Onde houve redução, ainda se poderia apontá-la como a razão: causas **sociais e econômicas**, mas causas **sócio-econômicas** (**sócio**, que é a redução de **social**, fica invariável). Entretanto, nos compostos em que os dois adjetivos estão meramente coordenados, ambos com seus sufixos, qual seria o motivo? Por que

“conseqüências **econômicas e financeiras**”, mas “ **econômico financeiras**”? Se postularmos que houve um alçamento destes compostos para o Nível 2, a presença da marca de flexão apenas na borda direita do composto está de acordo com nosso sistema flexional.

Este é um tipo de composto extremamente instável , que pode ser desfeito a qualquer momento sem que haja **descomposição semântica**. Neles, é quase impossível distinguir o que é **frase** e o que é **vocábulo**. **Econômicas e financeiras** ou **econômico financeiras** — a escolha entre as duas alternativas não parece alterar nada do significado da expressão, como ocorreria com **beija flor**, em que, apesar da persistência do significado dos componentes (já que é uma ave que **beija as flores**), o composto é facilmente distinguível de uma seqüência “x **beija flor**”. Uma reunião **política e partidária** é o mesmo que uma reunião **político partidária**. Sandmann (139) já havia observado que os dois constituintes estão rigorosamente no mesmo nível — não há Determinante, nem Determinado; a prova é que se pode inserir uma conjunção (E) entre eles, como vimos. Além disso, pode-se formar um composto com **vários** componentes: **franco luso brasileiro, sócio econômico culturais**. Acrescento a ausência de uma ordem fixa entre os componentes:

(125) relação **palestino israelense** ou **israelense palestina** ³²
causas **sócio políticas** ou **político sociais**

Por ironia, este composto A + A foi um dos exemplos usados por Lee como argumento para postular a existência de **compostos lexicais** — exatamente

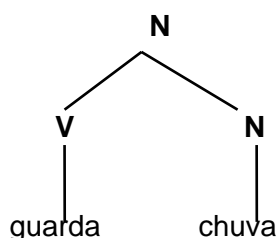
³²Nos conflitos ocorridos em Jerusalém, em setembro de 1996, o jornal ZH usou, em manchete, a forma “**israelo - árabe**” .

estes que parecem mais próximos da sintaxe que os demais. Como afirmamos acima, a **presença** de flexão interna é um sinal seguro do caráter pós-lexical de qualquer composto; contudo, a **ausência** da flexão nesta posição **não** é indício necessário de que o composto tenha sido formado fora da sintaxe (portanto, como quer Lee, no componente lexical — seja cíclico, seja pós-cíclico).

3.2.5.6 — Os compostos V + Comp

A divisão defendida por Lee, necessária para a justificativa do nível α e do nível β , esbarra também na errônea interpretação dos compostos de V+N, que constituiriam para ele a composição II. Ao analisá-los, Lee baseia-se em Câmara Jr. para dizer que o elemento verbal é representado, nesses casos, pelo **radical verbal + vogal temática** — ou seja, “não carrega traços de modo, tempo, pessoa ou número” (Lee, 70). Isso lhe permite incluí-los entre os **compostos lexicais**, já que uma das características principais deste grupo é a ausência de flexão entre os constituintes. Dessa forma, estariam situados, segundo o modelo adotado por Lee, no nível α , onde coloca “todos os processos derivacionais, a flexão irregular e alguns processos de composição, aos quais se podem acrescentar os sufixos derivacionais”(12). Por essa razão, em **guarda chuva** Lee encontra apenas 1 vocábulo morfológico, com a seguinte estrutura:

(126)



Já em **vaivém** — composto V + V — reconhece que as formas verbais **vai**

e **vem** deixam entrever a presença da flexão. Comparando (a) **vaivém** com (b) **quebra quebra**, argumenta que em (a) isso não traria problema, pois a flexão verbal irregular acontece no mesmo nível em que ocorre a composição (nível α); no entanto, mesmo assim Lee reluta em admitir que o V em **vaivém** tenha traços de tempo/modo, pessoa/número, pois isso implicaria também admitir que o mesmo acontece com formas verbais como **quebra quebra** — o que prejudica sua análise, que situa a flexão **regular** no nível β . Para preservar seu modelo, admite (aliás, acertadamente) que a solução seria classificar este tipo de composto entre os **compostos lexicalizados**.

Sua análise, no entanto, está em desacordo com a compreensão que os falantes têm dos vocábulos V + Comp. Nos compostos V+N, há uma estrutura sintática usual de Vtrans. + complemento. O constituinte verbal, neste caso, é a **3ª pessoa do singular** — e não, como Câmara Jr. afirmava, o simples tema do verbo. Gramáticos tradicionais discutiam se essa forma verbal era Imperativo ou Indicativo, uma vez que na maioria dos casos essas duas formas são idênticas. Embora haja exemplos de imperativo no PB, a esmagadora maioria é sentida como Presente do Indicativo. O que não há dúvida é de que se trata de uma forma verbal com traços de flexão:

- (127) (a) vem-cá (caranguejo)
salve-rainha
não-me-toques (arbusto)
- (b) foge-foge (correria)
põe-mesa (inseto)
cospe-cospe (peixe)
vai-não-vai (indecisão)

vai-da-valsa (ir no vai-da-valsas: ao léu)

- (c) lança-perfume
toca-discos
mata-borrão
quebra-nozes
vira-lata
conta-gotas

Em (a), temos o Imperativo; em (b), o verbo está claramente **conjugado** no Presente, 3ª pessoa do sing. (cf. foge, **fugir**; põe, **pôr**; cospe, **cuspir**; vai, **ir**); tudo nos permite pensar que acontece o mesmo em (c). Aliás, essa é a interpretação natural desses compostos:

- (128) (aparelho que) toca discos
(papel que) mata borrão
(cachorro que) vira lata
(utensílio que) quebra nozes

Estes fatos vêm reforçar nossa posição de que os compostos V + N, como também os demais, são formados como estruturas sintáticas que se lexicalizam posteriormente.

3.2.5.7 — Derivação dos compostos

Na teoria de Lee, uma das características mais marcantes dos compostos que ele chama de **lexicais** é que, ao contrário dos **pós-lexicais**, deles podem formar-se derivados por sufixação:

- (129) [[fotograf] N ar] V
[[puxa saco]A] ismo] N

[[rádio táxi] N ista]N

Para Lee, os compostos que chama de pós-lexicais não podem fazê-lo, a não ser por raros prefixos: **ex homem rã, super primeiro ministro** (Lee; a propósito de **super-** e de **ex-**, cita Booij & Lieber 1992, que os consideram palavras prosódicas independentes. Nespor e Vogel falam de algo semelhante para o italiano). Como já observamos, Lee pensa que aí reside uma das peculiaridades que justificam a postulação de que um grupo de compostos formado dentro do léxico (os objetos morfológicos) constituem a base para processos derivacionais:

(130) pão duro → pão durismo pão duragem
dedo duro → dedurismo dedurar
rádio táxi → rádio taxista
puxa saco → puxa saquismo
pára quedas → pára quedismo

Por não levar em consideração o quadro fluido do plural dos compostos no PB, Lee aqui se depara com a o problema de **pão duro, dedo duro**. Segundo seu critério, estes vocábulos seriam compostos pós-lexicais por admitirem morfema plural entre seus constituintes, mas, ao contrário do que seria de se esperar em sua análise, também podem servir de base para derivações como **pão durismo, dedurar** (por haplogogia de **dedodurar**). Para justificar esses contra-exemplos, propõe considerá-los **compostos lexicalizados**, que ele equipara a expressões idiomáticas, “estruturas lexicalizadas, passando a integrar o léxico da língua como se fossem itens **lexicais**” — do tipo **conto do vigário**: ao derivar **pão durismo**, a entrada seria **pão duro**, de tal maneira que não acontece * **pães durismos**. Contudo, essa explicação, apesar de sua simplicidade, é rejeitada por ele, que a julga circular, uma vez que implicaria a existência de três entradas

lexicais diferentes: **pão, duro** e **pão duro**. Sem aceitar essa conclusão — que nos parece a única satisfatória — Lee conclui que é melhor deixar em aberto a questão dos compostos lexicalizados.³³ Sua análise não percebeu que problema aqui é o mesmo de qualquer derivação a partir de compostos, como **guarda chuvada, porra louquice, puxa saquismo**, etc. — parece não ser possível evitar a inclusão do composto como **entrada lexical**, como pretende Lee.

Esta capacidade de formar derivações — que Lee aponta como uma característica que separa os compostos lexicais dos demais — é o ponto crucial da análise dos compostos, não para classificá-los em grupos distintos, mas para ajudar-nos a determinar a posição desse tipo de vocábulo na estrutura do léxico do PB. Como acontece com qualquer palavra comum, certos compostos, ao se lexicalizarem, alçando-se ao Nível 2, podem formar palavras novas através de afixação:

- (131) porra louca → porra louquice
- guarda chuva → guarda chuvada
- bossa nova → bossa novista
- sem vergonha → sem vergonhice
- fã clube → fã clubista
- dom juan → dom juanismo
- primeiro mundo → primeiro mundista

³³A flexão que ele registra como significativa, **pães duros**, e sobre a qual baseia seu raciocínio, não é a usual no PB, que prefere **pão duros, dedo duros** (no feminino, **pão dura, pão duras**).

meio campo → meio campista

estado novo → estado novista

sem cerimônia → sem cerimonioso

cara dura → cara durismo

cinema novo → cinema novista

puxa puxa → puxa puxeiro

quinta essência → quinta essencial

pai d'égua → paidegual, apaideguado.

Uma solução seria postular que é o 2º elemento que sofre a derivação, não o composto todo. Os dois radicais constituintes não passam por todo o ciclo. Shaw diz que cada constituinte do composto passa por suas derivações normais, e **só depois** os componentes se reúnem para formar um só vocábulo (esta unidade não é assegurada por critérios morfológicos ou fonológicos, mas sintáticos e , acima de tudo, semânticos). No entanto, os dados do PB sugerem que essa solução, apesar de adequada, necessita incluir o fato de que o composto, depois de formado, foi lexicalizado, e a a derivação **olha** agora para o composto como um todo. Por exemplo, do composto **bossa nova** (/bOssa nOva/) é possível derivar **bossa novista** (/bOssa novista/). O sufixo **-ista** liga-se comumente a nomes de movimentos do mundo artístico ou do mundo intelectual, para indicar os seus adeptos ou seguidores (**impressionista, marxista, budista**). Como vemos, é o composto **bossa nova** (importante movimento de renovação da música popular brasileira dos anos 60), e não apenas o adjetivo **nova**, que vai servir de base para a derivação, que se processa com a sufixação regular à direita — ou seja, com a

afixação apenas ao 2º elemento, que será reexaminado pela regra do acento e sofrerá a mudança automática da vogal média /O/ → /o/. No 1º membro, **bossa**, o acento atribuído continua, podendo manter, **ipso facto**, a vogal /O/. Para que ele não sofra também a regra do acento, será necessário postular uma regra que mantenha o limite do vocábulo prosódico — o que conseguimos facilmente admitindo que o composto foi incluído no Nível do Vocábulo por alçamento. O composto, uma vez formado, passa a ser também entrada lexical e, como tal, pode servir de base para as derivações, no Nível 2. O mecanismo dessa derivação vai depender do grau de estabilidade do composto, mas, de qualquer forma, ela só se aplica **ao membro da direita, porque o composto está sendo visto como um todo.**

Uma forte evidência de que estamos diante de um novo vocábulo são as formações sufixais que se estabelecem: as derivações **saquismo** (puxa saquismo), **durismo** (cara durismo, pão durismo), **louquice** (bicha louquice), **vergonhice** (sem vergonhice), por exemplo, não existem como formas livres no léxico. Nestes exemplos, os sufixos **-ismo** e **-ice** estão usados como **pejorativos**, exatamente como em **consumismo, machismo, alarmismo**, etc.; **criancice, gramatiquice, bacharelice**, etc. — em consonância com a carga pejorativa dos compostos **puxa saco, cara dura, sem vergonha**, que serviram de base para a derivação:

(132) [[cara] [dura]] ismo
 [[sem] [vergonha]] ice

No mesmo sentido, em **guarda chuvada**, o sufixo **-ada**, usado em formações que significam “golpe dado com”, foi adicionado ao objeto **guarda chuva**:

(133) [[guarda] [chuva]] ada

Também é significativo que o composto, quando é Adjetivo, admite a formação especial com **-íssimo**:

(134) pão duro → pão duríssimo

grã fino → grã finíssimo

Se nestes casos é possível alegar que o sufixo se acrescenta normalmente ao adjetivo que está à direita — o que seria normal, no quadro do PB —, em **sem vergonhíssimo**, por exemplo, é o Substantivo **vergonha** que recebe **-íssimo**, confirmando o fato de que o composto já entrou no léxico e passou a ser interpretado como uma só unidade lexical: a derivação está olhando para o todo. Se a base para a derivação é o composto, resta explicar de que maneira só o 2º membro é considerado nas operações morfológicas e fonológicas. Depois de entrar no léxico, os compostos — em variadas gradações — parecem perder o limite **morfológico** e são vistos como palavra **simples** (embora conservem os limites prosódicos), o que explica a derivação normal à direita.

O que resta indiscutível é que a maioria deles continua apresentando **dois** vocábulos prosódicos (cf. a manutenção dos acentos, a não ocorrência da neutralização das vogais, etc.). A evolução típica de um composto do PB parece passar por estágios bem definidos:

1º - O germe do novo composto é formado na sintaxe, no momento em que dois elementos passam a ser usados, com grande regularidade, como um sintagma comum.

2º - O composto entra no léxico: de **sintagma** passa a **palavra sintática**.

Mantém intactos os dois domínios prosódicos e os dois domínios morfológicos.

3º - O composto é alçado para a morfologia, no Nível do Vocábulo; ocorre a gradativa passagem dos dois domínios morfológicos a um só, transferindo a flexão, a derivação e o DIM para a direita do novo vocábulo.

Este modelo aponta para os vários pontos de imprecisão que encontramos na análise dos compostos na maioria das línguas. Por exemplo, a passagem do 1º para o 2º estágio reflete a fronteira imprecisa entre **sintagma** e **vocábulo** (**papel almoço, papel cuchê, papel acetinado** são vocábulos?). Na passagem do 2º para o 3º, situam-se as hesitações já registradas quanto ao plural dos compostos (**livres pensadores** ou **livre pensadores; sofá caminha** ou **sofazinho cama?**). Quando o composto entra neste estágio, ocorre, muitas vezes, a perda da consciência da composição, uma vez que a perda do acento do 1º elemento dificulta o seu reconhecimento como radical isolado.³⁴

Esta hipótese reflete a inegável importância da **história** individual de cada composto e parece ser a justificativa para a antiga distinção entre **justaposição** e **aglutinação**; esta última vai situar-se, na verdade, no 3º estágio de nosso modelo. Câmara Jr. (1969:39) já tinha observado que “a aglutinação é a morte de uma justaposição na história da língua”. Mateus é mais específica: “A distinção entre **justaposição** e **aglutinação**, que se baseia no fato de a estrutura fonológica dos compostos conter ou não fronteiras de palavra, resulta, provavelmente, do fato de essa transformação ser progressiva e gradual e, por hipótese, dependente da evolução do valor referencial do composto” (390).

³⁴ Com certeza não são todos os falantes que reconhecem em **corrimão** ou **planalto** os radicais que os constituem (**correr** + **mão**, **plano** + **alto**).

Vocábulos como **penalta, pern longo, planalto, pontiagudo, boquiaberto** representariam exemplos do último estágio dessa evolução:

(135) 1^o — [pláno]_N + [álto]_A

2^o — [[pláno] [álto]]_N

3^o — [planálto]_N

Vemos, assim, que a grande variedade do quadro dos compostos não se deve aos diferentes níveis de sua **formação**; não há compostos lexicais e pós-lexicais, como quer Lee. Todos os compostos são formados no nível pós-lexical, e sua diversidade se deve aos elementos que integram cada um deles e, mais ainda, ao estágio de lexicalização em que o composto se encontra. Isso é que explica as diferentes análises que deles faz o falante — com as variantes, as gradações intermediárias, as hesitações — e deixa prejudicada qualquer tentativa de uma análise puramente sincrônica, como tentou Lee.

3.2.5.8 — Diminutivo dos compostos

Pelo que expusemos na seção anterior, também ficam prejudicadas as conclusões de Lee sobre a formação do DIM. A formação do DIM no 1^o ou no 2^o membro não nos autoriza a distinguir compostos lexicais de pós-lexicais (para ele, os primeiros se comportam como elemento único: **guarda roupinha**; os pós-lexicais têm um núcleo que pode conservar seu estatuto de palavra independente: **homenzinho rã, horinha extra**.). Poderíamos postular que o DIM vai-se aplicar sempre ao núcleo, quando houver; nos compostos sem núcleo (como V + Comp), o

DIM só aparece à direita. Contudo, a tendência, como vimos acima, de lexicalizar os compostos, alçando-os para o Nível 2, faz co-existirem com as formas de (136): a diferença entre (a) e (b) é apenas o nível de lexicalização que se está atribuindo aos compostos listados. Os exemplos em (b) são tratados como vocábulos já pertencentes ao Nível 2, o Nível do Vocábulo:

		(a)		(b)
(136)	sofá cama	→	sofazinho cama	ou sofá caminha
	.obra prima	→	obrinha prima	ou obra priminha
	peixe rei	→	peixinho rei	ou peixe reizinho
	pão de ló	→	pãozinho de ló	ou pão de lozinho
	homem rã	→	homenzinho rã	ou homem rãzinha

Quanto à formação de domínios morfológicos e domínios prosódicos, Lee propõe a seguinte taxonomia para os compostos:

(137)	(a) composição I (ferrovia, espaçonave)	1 morfológico 1 prosódico (só 1 acento)
	(b) composição II (puxa saco)	1 morfológico 2 prosódicos (2 acentos)
	c) pós-lexical (primeiro ministro)	2 morfológicos 2 prosódicos (2 acentos)

Se concordarmos com Villalva, que afirma que **todos** os compostos são **palavras sintáticas** reanalisadas, não vemos razão para aplicar ao PB — como faz Lee — a distinção que Di Sciullo & Williams fazem (para o Inglês) entre

compostos lexicais (objetos morfológicos) e **compostos pós-lexicais** (palavras sintáticas). No PB, não há duas instâncias diferentes para a criação de compostos, uma no léxico e outra fora dele. Todos os compostos se formam na sintaxe. O quadro acima não corresponde, como é a intenção de Lee, aos **níveis** de formação dos compostos; ele apenas reflete os diferentes estágios em que os compostos se encontram: os dois tipos diferentes que Lee encontrou no PB e classificou segundo a distinção de Williams não se devem ao fato de terem sido **criados** em níveis diferentes, mas sim ao fato de se encontrarem em diferentes **estágios** dessa lexicalização progressiva. **Todos** os compostos nascem como **palavras** sintáticas — ou melhor, como **sintagmas**; todos vão-se lexicalizando; todos apresentam, inicialmente, a marca de sua origem: dois vocábulos morfológicos e fonológicos **prontos**, que se uniram semanticamente. Não se trata, portanto, de dois **radicais** que se concatenam por uma regra WRF, mas de **dois vocábulos**, com elementos terminais e flexão próprios.

. Parece que há um momento em que determinada **seqüência** passa a ser encarada como um **todo** — e, se falamos em **momento**, entramos obrigatoriamente na dimensão temporal: é um processo; há uma **passagem** da sintaxe para o léxico, o que nos permite supor que diferentes gerações ou mesmo falantes individuais façam análises diferentes de uma mesma seqüência de vocábulos. Uma vez formado o composto, passa a fazer parte do léxico e pode ele mesmo servir de base para derivações, embora na maioria dos casos continue guardando os limites dos vocábulos morfológicos que o constituem. Acrescente-se que esta derivação a partir de vocábulos compostos é pouco produtiva, à exceção dos adjetivos gentilícios derivados de topônimos compostos. Nota-se uma direção de tendência bem clara: a progressiva estabilização do item assim formado, em direção à **unidade**, até chegar ao ponto em que se perca a consciência da

composição e todos os processos morfológicos e fonológicos individuais do 1º elemento deixem de se manifestar; qualquer aplicação de regra, a partir daí, vai se efetuar sobre o todo indivisível.

Este processo de lexicalização do composto pode ser percebido em vários exemplos em que os falantes fazem diferentes interpretações do vocábulo já formado, atribuindo maior ou menor transparência aos seus constituintes, pronunciando-os ora como um todo, ora mantendo a individualidade de seus constituintes.

No PB, no dialeto do Sul, por exemplo, temos compostos como

- (138) (a) tele fóné
 tele patía
 tele visão
 tele gráma
- (b) téle atriz
 téle novela
 téle tema
 téle jornalismo

Os vocábulos do grupo (a) são compostos que já atingiram o último estágio do processo. Constituem um único vocábulo morfológico e, sem dúvida, um único vocábulo prosódico, como se pode perceber pela existência de um só acento e pelo fechamento da vogal média do radical /tEle/. A partir da década de 70, contudo, este radical passou a ser usado com outro significado além do original (“distância”), em vocábulos em que significa, de maneira abreviada, **televisão**. Nos vocábulos do grupo (b), a composição fica transparente, com o acento duplo e a manutenção da vogal aberta. Mais recentemente, a oferta de serviços por telefone produziu um

novo grupo de compostos com **tele**, já aqui significando **telefone**, com as mesmas características dos compostos do grupo (b):

(139)	tele chaveiro	/tÉle chavéiro/
	tele serviço	/tÉle serviço/
	tele amigos	/tÉle amigos/ ³⁵

Outra evidência dessa verdadeira flutuação da análise dos compostos pode ser encontrada na ortografia, principalmente no discutido emprego do hífen. Como já observei anteriormente (Moreno 1977), não existe um critério unitário quanto ao seu emprego; os ortógrafos divergem entre si e do que ficou estabelecido no PVOLP de 1943. Câmara Jr. (1969) afirma que “o emprego deste sinal gráfico é incoerente e confuso”. No dicionário Aurélio Eletrônico, por exemplo, encontramos

(140) (a)	pedra angular	(b)	pedra - mármore
	pedra filosofal		pedra - pomes
	pedra lascada		pedra - ímã
	pedra de toque		pedra - sabão

É evidente que, em muitos casos, o hífen está sendo usado para distinguir o **composto** do simples **sintagma**, principalmente quando existe uma clara individualidade semântica: **cachorro-quente**, **pé-de-moleque**. Contudo,

³⁵Numa sala de aula com 100 alunos, solicitei que lessem em voz alta 4 vocábulos escritos em quadro-negro. Todos, em uníssono, leram **telefóne**, **telepatía**, mas **tÉlenovÉla**, **tÉlechavéiro**. Da mesma forma, ao ditar **oleoduto** como /oleoduto/, a maioria pediu confirmação de que eu estava ditando o que eles chamam de /Óleo dúto/.

escrevemos **sanguessuga**, **girassol**, **passatempo**, **vaivém**, mas **pára - sol**, **sangue - frio**, **passa - pé**, **vai - volta**, sem nenhuma motivação semântica. Ao lado de **vaivém**, encontramos a forma paralela **vai-e-vem**; escreve-se **anteontem** e **antes de ontem**.³⁶

É inútil tentar ver os compostos como o produto de uma regra de formação de palavra (RFR) que tenha a propriedade de unir dois radicais. Não haveria, assim, como explicar por que alguns radicais se combinam e outros não. Na verdade, os constituintes do composto são **vocábulos prontos** (já flexionados, ou com ET — em suma, prontas: o output do componente lexical) que se unem por razões semânticas, geralmente mantendo a estrutura sintática que lhes deu origem. Com o passar do tempo — portanto, diacronicamente —, vão assumindo traços de unidade morfológica e fonológica, à medida que desaparece a consciência de sua construção. O todo é reanalisado como uma coisa só, e começam as **perdas** dos traços individuais de cada componente, especialmente do elemento da esquerda (mesmo quando este era o núcleo), em vista de sua posição de 1º membro de uma formação do Nível 2. Muda o acento, muda o vocalismo, cai o Elemento Terminal, etc.

3.3 — Sufixos Especiais

Há muito se reúne **-zinhV** e **-mente** — talvez **-íssimo** — numa categoria de **sufixos especiais**, devido a várias peculiaridades fonológicas e morfológicas. Da mesma forma que **-mente**, **-zinhV** parece ter o status de um vocábulo morfológico

³⁶ Este é o motivo por que deliberadamente evito usar hífen ao grafar os compostos examinados no presente trabalho.

independente, apesar de receber um **tratamento ortográfico** idêntico ao de um simples sufixo derivacional (Leite; Moreno; Wetzels). A isso se acrescenta que também há indícios de que ele se combine com o vocábulo já flexionado, e não apenas com radicais, já que vocábulos no DIM apresentam um ET à esquerda de -**zinhV** e as eventuais alterações morfofonêmicas desencadeadas pela formação do plural:

(141)	(a)	livr [o]	livr [o]	zinho
		frad [e]	frad [e]	zinho
		erv [a]	erv [a]	zinha
	(b)	coração	coração	zinho
		corações	coraçõe	zinhos
		pap[E] l	pap [E]l	zinho
		pap [E] is	pap [E] i	zinhos

Esta estrutura de vocábulo + vocábulo é em tudo similar à estrutura de um composto (Moreno 1977; Brakel 1981); sua configuração ortográfica também coincide com a de compostos como **passatempo**, **girassol**, **pontapé**, etc.

Bisol (1997:20) diz que os sufixos especiais entram no nível 2 e, assim como os compostos, apresentam dois acentos, dos quais o da esquerda é interpretado como acento secundário. Em **câfezinho**, o acento original **café** retrocede uma sílaba para evitar choque com o acento primário; mantém-se em **càlmaménte** ou apaga-se em **sozinho**. Para ela, essa é uma das evidências que sustentam a hipótese de composição defendida por Leite (1974), Luft (1976), Moreno (1977) e Lee (1995). Esses sufixos especiais desenvolvem-se como palavras independentes e, mais tardiamente, ou seja, em nível subsequente ao dos sufixos derivativos, no Nível 2, incorporam-se à palavra pronta como um processo

lexical, com características flexionais e posicionais ao mesmo tempo.

3.3.1 — Advérbios em -mente

O vocábulo **mente**, como todas as análises diacrônicas confirmam, é um substantivo comum que, além de seu emprego habitual, combina-se com adjetivos já flexionados no feminino, formando uma **frase fonológica** (2 vocábulos fonológicos - 2 **ws**), em tudo semelhante à estrutura dos compostos, como definimos acima. Isso lhes atribui um curioso **status** de frase (tanto sintática, como fonológica), já que não é transparente para os falantes. Veja-se, aliás, sobre o mesmo **mente**, Harris 1983 e Roca 1986 para o Espanhol, e Vogel & Scalise 1982 para o Italiano.

Câmara Jr. considerava a formação dos advérbios em **-mente** como um mecanismo geral do Português, proveniente do Latim Vulgar, destinado a derivar advérbios de adjetivos. Para ele, o **mente** que se combina com o adjetivo era inicialmente o ablativo do substantivo feminino **mens** (“mente”). O adjetivo concorda em gênero com o substantivo **mente**, que tem nesta construção o sentido geral de “maneira, modo”. No Latim Literário clássico já se encontra o início dessa construção, mas ainda sem a significação diluída e genérica do substantivo **mente** (**alta mente** - “com um estado de alma superior”).

Câmara Jr. classifica a construção no Português como uma **locução**: dois vocábulos fonológicos e mórficos distintos, usados em bloco como uma unidade secundária; o acento do adjetivo tem sempre um rebaixamento de intensidade. Essa construção particular é o que vai permitir a coordenação de dois ou mais adjetivos, subordinados a um único vocábulo **mente** no fim da seqüência: **firme, serena e corajosamente**. Câmara Jr. observa que é mera convenção da língua escrita fazer um só vocábulo do adjetivo e **mente** (Câmara Jr., 1975:123-4).

Independente de ser esta ou não a melhor análise diacrônica, é inegável que os advérbios em **-mente** constituem um caso especial dentro da formação de palavras do Português. Em primeiro lugar, embora o seu acento mais proeminente — aquele que é mais prontamente interpretado como acento principal — recaia sempre no elemento da direita (**-mente**), o acento primário do primeiro membro é mantido: ao acento secundário não é dado modificar a posição de um acento primário no interior de um composto, mesmo que disso resulte uma seqüência não-binária— o que vale para os advérbios em **-mente** (Collischon, 50):

- (142) lo'. gi . ca. men'. te (* lo. gi'. ca. men'. te)
 ra'. pi . da. men'. te (* ra. pi'. da. men'. te)

da mesma forma,

eclesiasticamente	misticamente
filosoficamente	incredulamente
retoricamente	ultimamente
vividamente :	vívidamente [par mínimo]

O mesmo se verifica no Espanhol, como descrevem Roca (1986), Harris (1983), Cedeño, entre outros. Roca atribui a esses advérbios um ordenamento pós-lexical, formados pela soma de dois morfemas já com acento primário, o que explicaria a ocorrência de choques acentuais ou a existência de dáctilos internos, desconsiderando o ritmo trocaico imposto pelo algoritmo do acento secundário (Roca:345):

- (143)

*	*
* *	* *
feliz mente	felicissimo

* * * titanicamente	* * * * titanicidad
-----------------------------	-------------------------------

O contorno acentual dos advérbios em **-mente**, para este autor, é o resultado da união de dois componentes com dois acentos primários no input, o primeiro dos quais é subsequente rebaixado de hierarquia, provavelmente como uma consequência automática da Regra do Acento Principal, que passa a ser interpretado como primário, ficando indistinguível apenas perceptualmente do acento secundário.

Harris também considera **-mente** como um sufixo que merece um status especial, já que, em sua análise do Espanhol, este sufixo e o DIM **-ito** e **-(e)cito** são os únicos que justificam a necessidade do acento cíclico, enquanto os demais sufixos estão associados com o acento não-cíclico. Para Harris, contudo, os advérbios em **-mente** diferem dos DIM pelo fato de poderem apresentar sílabas acentuadas adjacentes: **formàlménte**, **èficàzménte** (cf. ***papèlito**, ***mièlcíta**). Como acentos adjacentes podem ocorrer no âmbito frasal (**Josè báila**, **và prònto**, **mùy mál**), o autor propõe que os advérbios em **-mente** não sejam considerados vocábulos unitários; sua estrutura seria [[...] _A [mente] _C] _A, onde C é uma categoria cíclica, provavelmente Substantivo. Dessa forma, explica-se por que eles tem acento frasal, e não a relação de proeminência observada nos vocábulos simples.

Collischon considera esta composição um processo pós-lexical. Para ela, cada membro do composto traz o seu acento do Léxico e não há perda deste acento no processo de composição. Uma regra de acentuação vai atribuir proeminência ao acento do segundo membro através do acréscimo de uma terceira linha à grade e da atribuição de um asterisco sobre esta linha ao acento primário do

segundo membro do composto. Observe-se que **musicalmente** pode ser **mùsicalménte** (onde se pode ver o reflexo do acento prim. de **música**, convertido em secundário) ou **musìcalménte** (acento secundário atribuído por pés trocaicos a partir do acento principal). Existem as duas variantes.

3.3.1.1 — As vogais médias baixas

É significativo que se mantenham, antes de **-mente**, as vogais médias baixas do radical, que, como vimos, perdem um traço de abertura quando o radical recebe qualquer outro sufixo. Wetzels (1992) e Abaurre & Wetzels (1992) explicam este fato, que também ocorre com palavras que envolvem **(z)inhV** e **-íssimV**, — **belíssima** [bElísima], **poetinha** [poEtíña], **somente** [sOménte] — considerando esses sufixos palavras fonológicas independentes: ω (**bela**) ω ω (**íssima**) ω . Como o domínio da neutralização de vogal não-acentuada é o vocábulo prosódico (Wetzels 1991), ela se aplica antes que o acento do primeiro componente seja apagado ou deslocado; dessa forma, a regra da neutralização não pode se aplicar às vogais médias, que ainda estarão acentuadas. Considerando-se que a neutralização não se reaplica, o [E] é preservado em **b[E]líssima**, **b[E]lamente**, **mulh[E]rzinha**. (Abaurre & Wetzels, 13).³⁷ Esta descrição de Wetzels e Abaurre pode ser coerentemente inserida no modelo de Borowsky, restringindo-se o abaixamento da vogal ao Nível 1, o Nível do Radical.

³⁷Wetzels (1992: 24, nota 3) observa, prudentemente, que talvez um estudo mais aprofundado sobre a relação entre a fonologia e a morfologia do PB possa vir explicar esses fatos fazendo uso de níveis lexicais; salienta, contudo, que encontrou nenhuma evidência independente para uma explicação desses fatos em termos de estratos lexicais.

3.3.1.2 — Marcadores à esquerda de -mente

Uma importante particularidade morfológica de **-mente** é a ocorrência, antes dele, do marcador , o que, como vimos na seção correspondente, é o último morfema à direita de um vocábulo morfológico. Nos advérbios em **-mente**, temos um vocábulo composto do tipo ADJ + N (Cedeño,576) — o que, na minha análise, mantém a estrutura de sintagma, inclusive com o fenômeno da concordância —, em que o primeiro elemento, sempre um adjetivo, recebe a vogal terminal [a], associada com o gênero feminino:

(144)	claro	clarA	mente
	pesado	pesadA	mente
	filosófico	filosoficA	mente

Harris (1983:90) observa que este ET só aparece no interior do advérbio se o adjetivo tiver um; isto é, se o adjetivo apresentar os dois gêneros, **-mente** acrescenta-se apenas ao feminino do adjetivo. Isso nos permite facilmente verificar que a vogal antes do sufixo é realmente um ET e não algum tipo de vogal de ligação :

(145)	vão	vã	vãmente
	conservador	conservadora	conservadoramente
	cru	crua	cruamente

Nos adjetivos uniformes, isso pode ser verificado mediante a evidência das formas construídas a partir dos superlativos, em que aparece a terminação do feminino:

(146)	triste	tristíssimo	tristíssima	tristissimamente
	regular	regularíssimo	regularíssima	regularíssimamente

feroz ferocíssimo ferocíssima ferocissimamente

***Crumente** e ***conservadormente** são malformados apenas por puras razões morfológicas, já que são fonológica e semanticamente impecáveis. Assim, dado que o ET só aparece no output do Nível 1, quando o vocábulo está pronto, temos uma evidência de que **-mente** se acrescenta ao vocábulo, não ao radical. Harris, ao estabelecer que os sufixos derivacionais ligam-se a **radicais** — o constituinte (...) _x — e não a **vocábulos** — o constituinte [...] _x, já havia feito a ressalva quanto a **-mente** : “O caso relativamente raro em que um sufixo se acrescenta no nível do vocábulo pode ser claramente exemplificado com o sufixo **-mente (fuerte mente, formal mente)** (1983:92). A principal propriedade morfológica do marcador é que a sua ocorrência assinala um vocábulo completo derivacionalmente; “os marcadores não podem ser seguidos por nenhum outro sufixo, derivacional ou flexional, exceto pelo **-s** plural” (Harris 1991:30). São as derradeiras unidades morfológicas possíveis em um substantivo ou adjetivo”.

O aparecimento dos afixos de flexão na posição periférica justifica-se por ser uma posição que permite o acesso da sintaxe à informação que aí se encontra e que é indispensável à aplicação da regra sintática de concordância. (DiSciulo & Williams, 70). Sabe-se que os afixos mais relevantes para a sintaxe aparecem após os afixos menos relevantes. Os afixos relevantes sintaticamente aparecem na periferia dos vocábulos porque apenas lá podem seus traços determinar os traços do vocábulo como um todo, e apenas quando os traços do afixo determinam os traços do todo ele pode influir nas propriedades sintáticas deste todo. Os morfemas flexionais — e aqui devemos incluir os marcadores, ou elementos terminais — são os que participam na sintaxe: um afixo pode determinar as propriedades de um vocábulo, e a sintaxe pode determinar a distribuição dos

vocábulo de acordo com essas propriedades. Para que um afixo possa determinar as propriedades do seu vocábulo, ele deve aparecer na última posição de cabeça (“the head of the head of the head ...”), o que explica por que ele deve aparecer após os afixos derivacionais.

Mira Mateus, ao tratar **-zinhV** e **-mente** como sufixos, e não como elementos independentes, é obrigada a admitir que há formas em que um sufixo de flexão precede um de derivação, ou um sufixo avaliativo (embora, como se vê nos exemplos que a autora apresenta, a necessidade de os afixos flexionais ocuparem a posição periférica continua atendida, já que os internos, neste caso, são sintaticamente irrelevantes):

a. [[[antig] [a] suf. flex.] [mente] suf. der.] ADV

b. [[[maci] [o] suf. flex] [zinh] suf. AVAL. [o] suf. flex.] ADJ

Jensen e Stong-Jensen sugerem que determinadas línguas admitem que as regras de derivação possam ter acesso a formas flexionadas. Este acesso, no Português, deverá ser restrito a constituintes da palavra — como **[mente]** e **[zinhV]** — com um estatuto especial, apresentando algumas características de palavra (acento próprio) e outras de afixo (não ocorrem isoladamente). No caso do DIM, **zinhV** não é head, mas apenas um adjetivo. Aliás, para DS&W, DIM, assim como os prefixos, são não-especificados quanto à categoria. Note-se que eliminamos este caráter aberrante de **-mente** e de **-zinhV** no momento em que deixamos de vê-los como simples sufixos e passamos a considerá-los itens independentes, que participam de um outro tipo de formação.

3.3.1.3 — A possibilidade de faturação

Harris (1983:129) registra também no Espanhol o fato de que **-mente** pode aparecer apenas no último advérbio de uma seqüência: “Los muchachos trabajaron **rápida e eficazmente**”. O adjetivo **rápida** [fem. sing.] não está concordando com **muchachos**, como faria um adjetivo normal, mas sim com a base **-mente**, à qual está associado descontinuamente. Este fenômeno, análogo à fatoração que registramos para os prefixos, admite, inclusive, a intercalação de vocábulos entre um adjetivo e outro: “ele caminhava lenta, **muito** lentamente”.

3.3.2 — O DIM: -inhV e -zinhV

Quanto ao caso de **-inhV** e **-zinhV**, é visível, na tradição gramatical do Português, a ausência de uma opinião consolidada. Se, por um lado, a semelhança semântica e fonética entre eles faz com que muitos autores os considerem como alomorfes de um mesmo sufixo DIM, por outro lado, sua distribuição e o seu comportamento com respeito à flexão nominal levam vários outros a considerá-los entidades diversas.

3.3.2.1 — Distribuição

Se considerarmos **-inhV** e **-zinhV** como formas de um mesmo sufixo, estaremos diante do que a Morfologia clássica, que considerava o morfema como uma classe de morfes, denomina de **alomorfia** (Nida; Matthews:82 ss; Spencer:6). Embora essa conceituação tenha sido relegada pelos estudos atuais, que falam de **morfema** como uma simples unidade utilizável na descrição sintática ou fonológica, continua a ter valor para quem procura entender as várias formas que um morfema pode assumir numa determinada linguagem (Matthews, 84) . Neste caso, os dois alomorfes para o DIM podem apresentar algum padrão distribucional com relação aos radicais do Português, baseado em fatores fonológicos ou morfológicos, ou simplesmente obedecer à escolha livre dos falantes, sujeita a fatores semânticos,

psicolingüísticos, etc. Outra possibilidade é considerar a existência de dois morfemas diferentes, **-inhV** e **-zinhV**, embora o idêntico valor semântico que possuem e a semelhança de sua configuração fonética pareçam apontar naturalmente para a hipótese de um só morfema.

No caso do DIM, se **-inhV** e **-zinhV** forem duas formas de um mesmo sufixo, teremos de determinar quais os contextos que condicionam sua ocorrência. Bisol (1992) vê no **acento** esta condicionante; Crowhurst, em seu estudo sobre o DIM no Espanhol Mexicano, condiciona a ocorrência de **-ito** e **-sito** — em tudo análogos aos nossos **-inhV** e **-zinhV** — à relação do vocábulo primitivo com o molde mínimo daquela língua. Câmara Jr. (1977), Leite (1974) e Minuzzi (1993), aproximadamente na mesma linha, associam a ocorrência dos alomorfes à estrutura da sílaba final do radical.

Para que fossem um mesmo afixo, bastaria que a distribuição das duas formas fosse fonologicamente definida — que **-inhV** e **-zinhV** tivessem sua ocorrência condicionada por traços fonológicos ou prosódicos dos radicais a que se acrescentam. No entanto, veremos que, se essa distribuição obedeceu, algum dia, a critérios nitidamente definidos, o quadro alterou-se de forma a ser possível, hoje, um mesmo radical receber indiferentemente qualquer uma das duas formas. Maurer Jr. afirma que **-zinhV** (que considera análogo ao **-cito** do Espanhol) teria sido apenas uma variante de **-inhV**, que, durante o desenvolvimento da língua, teve seu uso estendido a tal ponto que chegou a adquirir autonomia. Inicialmente, diz ele, **-zinhV** só era empregado em certas posições fonéticas em que **-inhV** não podia ocorrer por ser “mal-soante”; todavia, foi-se popularizando a ponto de poder substituí-lo, embora facultativamente, em muitos casos, em qualquer posição.

Essa dupla possibilidade, compartilhada por dezenas de milhares de radicais no Português do Brasil, nos levaria à hipótese de que estariam em

relação de variação livre, escolhendo o falante uma delas indiferentemente. Contudo, parece haver, apesar de tudo, um padrão de distribuição razoavelmente definido, o que nos permite supor que outros fatores que não os fonológicos estejam servindo de parâmetro para essa escolha. Leite (1974:112ss) sugere que o falante possa estar seguindo um padrão morfológico.

Câmara Jr. considera **-inhV** como a forma básica do DIM no PB, sendo **-zinhV** obrigatório apenas depois de **vogal tônica** (e formando, diz ele, uma justaposição) ; em todos os demais casos, é possível optar livremente entre as duas formas: **salinha, salazinha** (1977) . Essa descrição é genérica e não tenta, como vemos, traçar limites nítidos para a distribuição dos dois alomorfes. Já Yonne Leite, em sua abordagem gerativista do acento (1974), esboça uma nova regra de distribuição, considerando que a formação regular do DIM se faz com o acréscimo de **-zinhV** às formas (entenda-se: radicais) terminadas em vogal e **-inhV** às formas terminadas em consoante:

(147) dis[k] + o → dis [k] + inho
 va[k] + a → va [k] + inha
 caf[E] → caf [E] + zinho)

Em seu trabalho, a autora não se preocupa em estudar a possibilidade da ocorrência de ambas as formas com o mesmo radical.

Em seu artigo sobre o acento no Português, Bisol (1992), ao definir o padrão morfológico dos vocábulos não-verbais, divide-os em duas grandes classes : (1) vocábulos terminados em vogal (para a autora, vogal temática ou marca de gênero), com acento na segunda sílaba contada a partir da borda direita, que constituem o padrão geral e fazem o DIM em **-inhV**; e (2) vocábulos sem vogal temática, que fazem o DIM em **-zinhV**. No primeiro grupo excetuar-se-ia uma

subclasse de vocábulos com acento na terceira sílaba (proparoxítonas) que, apesar de apresentar vogal temática ou marca de gênero, optam pela forma **-zinhV**:

(148) (1a)	redondo →	redondinho	* redondozinho
	bonde →	bondinho	~ bondezinho (?)
	gordo →	gordinho	* gordozinho

(1b) Subclasse das proparoxítonas:

número→	numerozinho	*numerinho
lâmpada→	lampadazinha	*lampadinha
cérebro→	cerebrozinho	*cerebrinho ³⁸

(2)	pomar →	pomarzinho	*pomarinho
	jornal →	jornalzinho	* jornalinho
	irmão →	irmãozinho	—
	açúcar →	açucarzinho	*açucarinho (mas açucrinha - pop.)
	troféu →	trofeuzinho	* trofeuinho
	café →	cafezinho	* cafeinho

³⁸Os asteriscos são da autora. A grande maioria dos falantes aceita **redondozinho**, **gordozinho**, etc. — veremos que esta é uma opção disponível no PB. Muitos falantes, além disso, aceitariam **cerebrinho**, **açucarinho**. **Lampadinha** é tão aceitável que foi o nome dado, nas revistas Disney, ao assistente do professor Pardal, na tradução das histórias infantis do Pato Donald. Lee (1995:75, nota) observa que **lampadinha**, **numerinho**, **arvinha** (<árvore), **chacrinha**, **facinho** (<fácil), **papelinho** são formas encontradas na fala cotidiana. A meu ver, **rapidinho** e **musiquinha** são muito mais freqüentes que a forma recomendada, **rapidozinho** e **musicazinha**.

Esse quadro distribucional, segundo Bisol, comportaria algumas exceções. Na Classe 1, raros vocábulos admitiriam **-zinhV**. No grupo das proparoxítonas, os raros que aceitam **-inhV** “já passaram por um processo de elisão que as converteu em paroxítonas” : **chácara** → **chacra** → **chacrinha**; **abóbora** → **abobra** → **abobrinha**. Finalmente, na Classe 2, poucos aceitam **-inhV**, implicando, em certos casos, mudança de significado (como **mulherinha**, que assume carga depreciativa, comparado a **mulherzinha**). Essa distribuição das formas **-inhV** e **-zinhV**, assim definida, é utilizada pela autora, como vimos, como uma forma de caracterizar a divisão dos vocábulos em duas classes (**com** ou **sem** vogal temática), já que sua intenção é unificar a estrutura silábica subjacente dos vocábulos sem vogal temática para apoiar suas generalizações sobre o acento. A ocorrência de uma ou de outra forma, assim, parece ter um condicionamento fonológico concreto.

Moreno (1977), em estudo específico sobre o DIM, contesta essa regularidade, defendendo a inexistência de um padrão de distribuição complementar das duas formas. Esta seria a descrição do DIM:

(a) todos os vocábulos podem receber **-zinhV**;

(b) só os vocábulos paroxítonos com a vogal do marcador podem também receber **-inhV**, alternantemente.³⁹

³⁹ Está por ser estudada a semelhança entre a distribuição do DIM **-inhV** e **-zinhV**, de um lado, e do AUM **-ão**, **-zão**, do outro. Os mesmos nomes que admitem **-inho**, admitem **-ão** e, como seria de esperar, **-zinhV** e **-zão** têm a mesma distribuição (embora o AUM seja muito menos empregado).

Dessa forma, é considerada a possibilidade de alternância das duas formas para o maior grupo de vocábulos nominais do PB, os paroxítonos temáticos. A regra acima prevê que não recebem **-inhV** apenas os vocábulos terminados em vogal tônica (o único caso, para Câmara Jr., em que a escolha de **-zinhV** é obrigatória) e os proparoxítonos, apesar de apresentarem radical consonantal seguido de marcador. Esta posição é a que mantenho no presente trabalho, ampliando a possibilidade de usar **-inhV** com algumas proparoxítonas. É impossível deixar de reconhecer a preferência pela forma **-inhV** para os radicais consonantais; contudo, há tantos exemplos em sentido contrário que seriamente duvido que o quadro distribucional dos dois alomorfes do DIM possa servir de base para dividir os vocábulos nominais em classes ou grupos nitidamente definidos. Os exemplos abaixo ilustram o que afirmo:

3.3.2.3 — Vocábulos temáticos

(149) (a)	uma	uminha	umazinha
	nua	nuinha	nuazinha
	chuva	chuvinha	chuvazinha
	alma	alminha	almazinha
	muro	murinho	murozinho
	samba	sambinha	sambazinho
	poeta	poetinha	poetazinho
	triste	tristinho	tristezinho
	bife	bifinho	bifezinho
	carne	carninha	carnezinha
(b)	rápido	rapidinho	rapidozinho
	música	musiquinha	musicazinha
	lâmpada	lampadinha	lampadazinha

	pêssego	pesseguinho	pessegozinho
(c)	óculos	oclinhos ⁴⁰	oculozinhos
	abóbora	abobrinha	aboborazinha
	xícara	xicrinha	xicarazinha
	chácara	chacrinha	chacarazinha
	fósforo	fosfrinho	fosforozinho
	cócega	cosquinha	cocegazinha

Nos vocábulos atemáticos, não entra **-inhV** nos terminados em vogal ou glide, mas pode ocorrer com os que terminam em consoante:

(150)	(a)	sofá	—	sofazinho
		manhã	—	manhãzinha
		café	—	cafezinho
		siri	—	sirizinho
		cipó	—	cipozinho
		bambu	—	bambuzinho
	(b)	degrau	—	degrauzinho
		bacalhau	—	bacalhauzinho
		lei	—	leizinha
		vôlei	—	voleizinho
		papai	—	papaizinho
		mamãe	—	mamãezinha

⁴⁰A pronúncia não-cuidada produz **oclos**, **abobra**, **xicra**, **chacra**, **fosfro**, **cosca**.

	rei	—	reizinho
(b)	devagar	devagarinho	devagarzinho
	colher	colherinha	colherzinha
	flor	florinha	florzinha
(c)	álcool	al[k]inho	alcoholzinho
	açúcar	açu[k]rinho	açucarzinho
	revólver	revolvinho	revolverzinho

Os exemplos acima são observáveis facilmente no uso atual do PB. Uma recorrida pelos exemplos e formas citadas por gramáticas tradicionais confirma o fato de que as duas formas são opções à disposição do falante. Santos Jota⁴¹, por exemplo, apresenta, como vocábulos que fazem o DIM de ambas as formas:

(151)

aba	abinha/abazinha	copo	copinho/copozinho
frade	fradinho/fradezinho	gato	gatinho/gatozinho
golpe	golpinho/golpezinho	lapa	lapinha/lapazinha
língua	lingüinha/linguazinha	menino	menininho/meninozinho
mestre	mestrinho/mestrezinho	monte	montinho/montezinho
negro	negrinho/negrozinho	parede	paredinha/paredezinha
pato	patinho/patozinho	pedra	pedrinha/pedrazinha
pente	pentinho/pentezinho	pobre	pobrinho/pobrezinho

⁴¹Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa, p. 446-461.

poeta	poetinha/poetazinho	porco	porquinho/porcozinho
prato	pratinho/pratozinho	rabo	rabinho/rabozinho
ramo	raminho/ramozinho	rapariga	..inha/ ...zinha
rocha	rochinha/rochazinha	roda	rodinha/rodazinha
tubo	tubinho/tubozinho	vara	varinha/varazinha

Reforçando a idéia de que há grandes variações no julgamento do falante, o autor recomenda apenas a forma **-zinhV** para os vocábulos abaixo (nos parênteses, acrescentei a forma em **-inhV**, também aceita hoje e, em alguns casos, até preferida):

(152)	asno	asnozinho	(asninho)
	bago	bagozinho	(baguinho)
	bando	bandozinho	(bandinho)
	beato	beatozinho	(beatinho)
	cela	celazinha	(celinha)
	cunha	cunhazinha	(cunhinha?)
	drama	dramazinho	(draminha)
	efeito	efeitozinho	(efeitinho)
	história	historiazinha	(historinha)
	inseto	insetozinho	(insetinho)
	ministro	ministrozinho	(ministrinho?)
	rede	redozinha	(redinha)
	rua	ruazinha	(ruinha)
	saia	saiazinha	(sainha)
	tiro	tirozinho	(tirinho)
	vaga	vagazinha	(vaguinha)

Além disso, ao arrepio do que se convencionou como tradicional, só recomenda **-inhV** para **animal (animalinho, e não animalzinho!)** e **lugar (lugarinho, e não lugarzinho!)**; também registra ambas as formas para os seguintes vocábulos:

(153)	lágrima	lagrimazinha	lagriminha
	máscara	mascarazinha	mascarinha
	armário	armariozinho	armarinho
	negócio	negociozinho	negocinho
	história	historiazinha	historinha

Essa é a opinião dos mais importantes gramáticos tradicionais. Para Eduardo Carlos Pereira, o **Z**, que ele denomina de “consoante de ligação”, é obrigatório se a palavra terminar por vogal acentuada ou por ditongo: **pezinho, mãozinha, pazinha, avozinho, reizinho, veuzinho** — observação que parece encontrar unanimidade dentro da doutrina. Por sua vez, considera facultativa, nos demais casos, a intercalação do **Z** entre o sufixo [-inho] e a palavra: **livrozinho, ervazinha, folhazinha, nomezinho, peixezinho**. Said Ali (55) vai chegar à mesma conclusão, embora seguindo outro caminho: observa que o sufixo **-inho** é usado com vocábulos terminados por vogal pura átona, que é suprimida (**livrinho**). No entanto, diz ele, não serve este sufixo para as palavras terminadas em vogal nasal, em vogal pura tônica ou ditongo. É necessário substituí-lo então por **-zinho**: **jejunzinho, pazinha, liçãozinha, paizinho, mãezinha**. E conclui: “Pode-se usar este sufixo **-zinho** também **para os demais substantivos, a que se junta diretamente, e é em geral a forma preferida** “ [o grifo é meu].

3.3.2.3 — Alterações morfológicas

Embora a tradição gramatical em geral tenha considerado o DIM como uma derivação sufixal comum, um analista arguto como Said Ali já havia registrado seu comportamento diferente, dividindo os sufixos em dois grupos: de um lado, os sufixos do diminutivo e do aumentativo; do outro, todos os demais sufixos (Said Ali, 1969). Modernamente, várias análises do PB (e outras do Espanhol, e do Italiano) terminam considerando **-zinhV** e **-mente** como exceções entre os sufixos (Wetzels, Arcangeli, Lee, Moreno). O mesmo, aliás, faz Mateus, que, além disso, separa dos sufixos o grupo dos sufixos **avaliativos** (DIM, AUM, etc.).

3.3.2.4 — DIM e categoria gramatical

Uma das características mais marcantes do DIM é que ele não altera a categoria gramatical do item a que se acrescenta, comportamento excepcional para um sufixo. Como vimos, nos vocábulos nominais os sufixos ligam-se invariavelmente aos radicais derivacionais, determinando mudanças recursivas na categoria do radical. Como Cedeño observou para o Espanhol, o último sufixo acrescentado transfere sua categoria e subcategoria ao vocábulo inteiro, o que sugere que as derivações do Espanhol, assim como as do Português, são preferencialmente com cabeça à direita. Por exemplo,

$$[[\text{periferi}]_a]_N \quad [[\text{periferi}]_{N\text{ic}}]_o]_A \quad [[\text{periferi}]_N\text{ic}]_A\text{idad}]_N]_N$$

No entanto, em ambas as línguas alguns sufixos comportam-se excepcionalmente: os sufixos DIM, AUM e pejorativos não alteram a categoria; ela é herdada da forma base. DiSciullo & Williams registram que, no Esp., o DIM pode ligar-se a quase todas as partes do discurso e que o vocábulo resultante pertence à

mesma categoria do vocábulo a que o DIM está ligado:

(154)	adjetivo:	poco	poquito
	subst.:	chica	chiquita
	advérbio	ahora	ahorita

Isso significa que o DIM não determina a categoria do vocábulo derivado e, portanto, não pode ser cabeça, mesmo que ocupe a posição mais à direita. É que os sufixos diminutivos, da mesma forma que os prefixos, são não-especificados quanto à categoria (DS&W, 27). Cedeño lembra que, como vimos acima, a Convenção II afirma que todos os traços de um afixo, incluindo os traços de categoria, infiltram-se ao primeiro nó ramificado que domina este morfema; contudo, a Convenção III de Lieber explica esses sufixos excepcionais: se um nó ramificado deixa de obter traços pela Conv. II, os traços do próximo nó rotulado mais baixo automaticamente vai infiltrar-se ao nó ramificado não-rotulado. (Cedeño, 578-81). É realmente uma situação excepcional, no sentido de que é o morfema da esquerda que fornece à árvore sua categoria e seus traços.

3.3.2.5 — A metafonia [o] / [O]

No caso de **-inhV**, como registrei em trabalho anterior (Moreno 1977), também podemos encontrar sinais de flexão antes do sufixo, observáveis naqueles vocábulos em que ocorre uma alternância no radical entre vogal média baixa/alta, na relação **masculino/feminino**, ou na relação **singular/plural** (**sogro/s[O]gra**, **sogrinho/s[O]grinha**). Como essa alternância não ocorre em todos os nomes similares (**lobo/loba**), poderia ser considerada como condicionada lexicalmente,

“ao menos do ponto de vista sincrônico”. Podemos formar alguns subgrupos na classe dos substantivos e dos adjetivos:

(155) (a) /o/ no singular e /O/ no plural

povo	pOvos	olho	Olhos
fogo	fOgos	jogo	jOgos
porto	pOrtos	miolo	miOlos
osso	Ossos	poço	pOços
tijolo	tijOlos	cornos	cOrnos
corvo	cOrvos	corpo	cOrpos

(b) /o/ no singular e no plural

almoço	bolo
broto	choro
coco	dorso
esboço	escova
estojo	gosto
gafanhoto	lodo
logro	mofo
morro	nojo
pescoço	piloto
piolho	polvo
repolho	rolo
rosto	soldo
sopro	soro

(c) /o/ no masculino, /O/ no feminino e /O/ no plural

canhoto	canhOta	canhOtos, canhOtas
porco	pOrca	pOrcos, pOrcas
choco	chOca	chOcos, chOcas
ovo	Ova	Ovos, Ovas
fosso	fOssa	fOssos, fOssas
morno	mOrna	mOrnos, mOrnas
grosso	grOssa	grOssos, grOssas
novo	nOva	nOvos, nOvas
torto	tOrta	tOrtos, tOrtas
composto	compOsta	compOstos, compOstas
gostoso	gostOsa	gostOsos, gostOsas ⁴²

Câmara Jr. descreveu essa alteração na vogal tônica de certos vocábulos, quando recebem a marca do plural — a vogal média fechada passa a vogal média aberta — como não condicionada pelo mecanismo fonológico atual da língua. Sua origem, segundo ele, é a metafonia que se verificou, no Latim, nos nomes de vogal tônica em **O** breve, por influência do [u] átono final do masculino singular. A diferença de timbre entre o singular e o plural ganhou rapidamente o caráter de traço morfológico redundante com o **S** flexional, para opor **singular** : **plural** ou **masculino** : **feminino** . Daí **ovo**/[O]vos, **grosso**/gr[O]ssos, **forno**/f[O]rnos, além dos adjetivos com o sufixo **-oso**, que fazem o plural em [O]sos e o feminino em [O]sa. Do ponto de vista da descrição atual, há assim uma abertura do timbre do **O**

⁴²Vale para os vocábulos terminados em **-posto** e **-oso**: **imposto**, **disposto**, **exposto**, **oposto**, **pressuposto**, etc.; **misterioso**, **criterioso**, **penoso**, **danoso**, etc.

tônico no plural, em complemento à marca do plural pela desinência (Câmara Jr., 1975: 80-1). Embora não seja um mecanismo geral e firme, e entre os nomes que são exclusivamente substantivos muitas vezes não apareça (**lobo/loba/lobos**), não há dúvida de que está associado indissolavelmente à flexão, já que não houve metafoia em palavras invariáveis. Câmara Jr. conclui com uma pertinente advertência, válida ainda hoje: a preocupação de explicar o quadro da metafoia exclusivamente pela fonologia não parece cabível; é preciso levar em conta o valor morfológico que cedo adquiriu o fenômeno fonético para se explicar melhor essa situação.

Lopes (155) ensaia uma interessante descrição do fenômeno, que ela caracteriza como uma mudança metafônica na qualidade da vogal que às vezes acompanha a alternância sing/plural e masc./feminino: alguns substantivos com [o] médio alto no singular têm [O] médio baixo no plural, e adjetivos com uma alternância [o] - [O] entre o masculino singular e o feminino (singular e plural) têm [O] baixo também no masculino plural. Como Câmara Jr., ela considera que o fato não pode ser explicado por uma regra sincrônica de harmonia vocálica ou constraint fonotático. Quando a regra da metafoia estava operante, o /o/ tinha sido levantado a /U/ apenas na posição final, não antes de um /z/; agora, contudo, o contexto fonético e fonológico relevante é o mesmo no singular e no plural: **novo** [novU], **novos** [nOvUs]. Não há adjetivos sempre com [O] médio baixo, mas sim um bom número com médio alto [o] invariável, e poucos substantivos com [O] tanto no singular como no plural, mas muitos com o médio alto [o]. A partir daí, a autora postula um [O] médio baixo subjacente para os substantivos e adjetivos com alternância, com uma regra elevando /O/ para /o/ no singular masculino. A regra, portanto, manda elevar /O/ para /o/ quando seguido de /u/ e não seguido de /z/ (em vez de : abaixar /o/ para /O/ quando seguido de /u+z/:

(156) O → o / _____ Cu# ou O → o / _____ C + u masculino] N, ADJ

A favor do levantamento está o fato de que ele é foneticamente motivado, enquanto o abaixamento seria motivado apenas para o feminino dos adjetivos, não para o plural masculino dos adjetivos ou o plural dos substantivos. Além disso, levantar /O/ para /o/, em vez de abaixar /o/ para /O/ tem a vantagem de que a forma subjacente é a forma predominante na superfície, onde há uma alternância 1:3. A autora diz que prefere assim, mesmo que o /O/ escolhido para a subjacência não seja o segmento que ocorre na forma não-marcada do singular. (Lopes,156)

Como se vê, não se pode definir exatamente a direção desta alternância (se levantamento da vogal no singular masculino — o que nos parece a hipótese mais sintonizada com a teoria dos traços de abertura das vogais médias, de Wetzels — ou abaixamento da vogal no feminino e plural) e precisar seu alcance e seus limites. Contudo, é indiscutível que, quando ela aparece no feminino ou no plural, é uma marca redundante, suplementar ao processo flexional. Para nosso trabalho, o importante é o fato de que, onde quer que ela ocorra, é mantida com -**íssimo**, -**mente** e **DIM**, o que pode ser facilmente entendido se considerarmos que são elementos independentes, que se acrescentam a um vocábulo já pronto:

(157)	(a)	porco	porquinho	p[O]rcos	p[O]rquinhos
		sogro	sogrinho	s[O]gra	s[O]grinha
	(b)	gostoso	gost[O]sa	gost[O]samente	
		penoso	pen[O]sa	pen[O]samente	
	(c)	gostoso	gostosíssimo	gost[O]sa	gost[O]síssima

penoso penosíssimo pen[O]sa pen[O]síssima

3.3.2.6 — As duas formas de DIM

Enquanto **-zinhV** liga-se a uma base dotada de marcador e já flexionada, o alomorfe **-inhV**, por outro lado, não se liga a um vocábulo completo, mas ao radical . Em outras palavras: os dois alomorfes do DIM parecem ligar-se a elementos distintos, o que parece indicar uma natureza de sufixo para **-inhV** e de **vocábulo** para **-zinhV**. A situação de **-inhV** é ímpar: ele não é **obrigatório** em nenhum caso; pode ser selecionado, juntamente com **-zinhV**, nos vocábulos paroxítonos, embora entre eles persista uma importante diferença: enquanto **-zinhV** é pós-lexical, ligando-se a vocábulos que já adquiriram sua vogal terminal, **-inhV** se comporta como sufixo derivacional, ao acrescentar-se aos radicais, que, como afirmamos acima, são predominantemente **consonânticos**. O problema é que ele não se comporta como um sufixo comum, ao que parece.

O que torna **-inhV** um sufixo diferente dos demais é a presença da metafonía que acompanha redundantemente o feminino e o plural de certos vocábulos, a manutenção das vogais médias baixas, apesar do deslocamento do acento tônico, e seu comportamento especial quanto ao ET. Tudo nos sugere que este sufixo entre no Nível 2, em cuja fonologia podemos situar a regra da Metafonia, já que ela precisa olhar para o elemento terminal (que está presente no final do Nível 1). É oportuno repetir que, no modelo de Borowsky, a fonologia do Nível 2 precede toda a Morfologia deste nível.

Já vimos que a estrutura do vocábulo nominal do Português aponta para uma predominância esmagadora de radicais consonantais; em consonância com isso, os elementos terminais são vocálicos e a quase totalidade dos sufixos

derivacionais também inicia por vogal. Estes sufixos, por sua vez, também são consonantais, de modo que, ao integrarem o radical a que se ligam, possa ser mantida a mesma estrutura que vai receber outro sufixo ou o próprio elemento terminal. **-inhV** é que vai ficar junto com os outros sufixos, dentro dos limites lexicais, e tem restrições para sua ocorrência: só pode se ligar a **radicais** consonantais, seguidos de marcador, como, de resto, a maioria dos sufixos do Português, que — não por coincidência — começam por vogal.

No caso dos sufixos, os Elementos Terminais que se manifestam são apenas [o] e [a], embora o vocábulo nominal primitivo admita também o [e], como vimos. Estes dois marcadores vão situar os vocábulos derivados no núcleo de nossas classes morfológicas, onde o [o] corresponde ao masculino e o [a] corresponde ao feminino. O sufixo **-inhV** foi acusado de comportar-se de maneira estranha porque, enquanto todos os sufixos teriam sua própria vogal final, ele preservaria a vogal da base (Moreno, Minuzzi). Na verdade, os sufixos não têm **sua** vogal final. O sufixo se acrescenta ao radical para formar outro radical; o elemento terminal vem no fim de tudo, como marcador de vocábulo (como a última operação que faz surgir um vocábulo). **-inhV** não muda o vocábulo a que se acrescenta; ele apenas é uma espécie de extensão dele, como parece ser típico dos avaliativos.:

(158)	poet [a]	poetinh [a]
	trib [o]	tribinh [o]
	dent [e]	dentinh [o]
	tard [e]	tardinh [a]
	Carl [os]	Carlinh [os] (mas também Carlinho)
	Marc [os]	Marquinh [os] (mas também Marquinho)
	Jarb [as]	Jarbinh [as])

Qualquer análise do DIM deverá levar em conta esses dois aspectos: enquanto **-inhV** adota a VT (o Elemento Terminal) da base (com exceção do -e), **-zinhV** mantém uma relação de **concordância** com o gênero da base. Quando a base tem marcador, o sufixo **-inhV** vai conservá-lo, independentemente do gênero. Se não houver marcador (**colher-colherinha**), ou se este for /e/ (**doce:docinho**), o marcador que **-inhV** vai apresentar já é por **concordância**. Isso parece apontar que os casos desviantes, que realmente precisam ser explicados, são aqueles em que **-inhV** simplesmente repete o ET da base: **poetinha, tribinho, Marquinhos**, etc. Quando **-inhV** é acrescentado a uma base adverbial, o marcador do sufixo será [a] ou [o], característicos do núcleo central do léxico do Português, ao qual pertencem os sufixos DIM. Devemos ressaltar que os sufixos do DIM só podem receber dois marcadores — **o** e **a** — como todo e qualquer sufixo do PB que apresente elemento terminal associado ao gênero.

(159)	cedo	cedinh [o]
	agora	agorinh [a]
	tarde	tardinh [o]
	devagar	devagarinh [o]

. No caso das proparoxítonas, **-zinhV** se acrescentaria ao vocábulo já flexionado, daí preservando a VT já acrescentada — embora ela continue **concordando** em gênero: acróbata - acrobatazinho.

As bases que recebem **-zinhV** mantêm seu marcador e conservam as eventuais alterações morfonêmicas do plural. Quando este sufixo DIM se liga a um substantivo, a relação que se estabelece é de pura concordância, idêntica à de qualquer adjetivo. Embora tudo aponte para sua condição de vocábulo morfológico, Minuzzi lembra que, ao contrário dos adjetivos genuínos, ele não pode ser frasal, já

que não pode se ligar por coordenação a dois substantivos, como **réguas e canetas novas**, que pode ser interpretado como **réguas novas e canetas novas**; **canetas e reguazinhas** não pode ser interpretado como **canetazinhas e reguazinhas**. Seu comportamento lembra mais um elemento de um composto, do tipo **Subst. + Adj.**, que mantém relação de concordância interna mas também não pode ser fatorado: **cirurgião-médico, cirurgiã-médica; plantões e cirurgiões-médicos** (que não se entenderá como **plantões-médicos e cirurgiões-médicos**).

Outro fato especial com relação ao DIM é alternância entre vogais médias altas e baixas (almoço/almOço; gelo/gElo). Essas vogais médias baixas só são observáveis em posição tônica; como vimos acima com relação a **-mente**, nos vocábulos derivados, o fato de a maioria dos sufixos do PB alterarem a sílaba tônica faz com que elas sejam substituídas por vogais médias altas: caf [E]:caf [e] zal; b[E]lo: b [e] leza. Contudo, com o DIM **-inhV** e **-zinhV** as vogais baixas são mantidas, embora o padrão acentual do substantivo seja alterado: caf [E]:caf [E]zinho; b [E] la: b [E] linho. Este fato vem confirmar a afirmação de Wetzels de que a Regra da Neutralização da Pretônica atua antes da formação do DIM. Como nosso modelo situa o DIM no Nível 2, o acréscimo de **-inhV** preserva a vogal baixa.

Todas essas diferenças tinham levado Moreno (1977) e Postma (apud Minuzzi) a sugerir que **-inhV** e **-zinhV** fossem tratados como dois elementos distintos, não simples alomorfes. Contudo, a forte semelhança fonética e a idêntica significação indicam, como hipótese mais provável, o fato de que são uma coisa só. A diferença é que um dos alomorfes do DIM — **-inhV** — se acrescenta ao (.....)x, o outro — **-zinhV** — se acrescenta ao [.....]x, na distinção estabelecida por Harris, como veremos mais abaixo.

3.3.2.7 — Crowhurst e Harris

Uma tentativa de estabelecer, para o Espanhol Mexicano, critérios prosódicos para a distribuição das formas do DIM, **-ito** e **-zito**, muito semelhantes ao DIM do PB, é o trabalho de Crowhurst (1992). Sua teoria é a de que só se trata de um único sufixo — a diferença entre as formas se justificaria por que a consoante /s/ deixa de realizar-se em alguns contextos. Para a distribuição dos dois alomorfes, encontra uma restrição prosódica na formação do DIM: segundo ela, o radical que precede o DIM deve ter um **mínimo absoluto de duas sílabas** — e sobre esta afirmação constrói toda sua análise. Quando um nome temático em V contém mais de duas sílabas, o sufixo DIM tem a forma **-ito**, e não há superficialização do ET antes dos sufixos:

chamaka	—	chamakita
kanoa		kano - ita

Tomando **chamaka** → **chamakita** como exemplo, argumenta que **chamakasita** superficializa **chamakita** porque o /s/ não superficializa, uma vez que houve a satisfação do molde, independente do DIM: ao truncar o /a/ em **chamaka**, pela regra do Apagamento do Elemento Terminal, fica um nó silábico (e sua mora) sem conteúdo segmental. A sílaba vazia seria então completada pelo segmento silábico mais próximo: o /i/ de **-sita**. A Vogal /i/ ressilabificaria com a consoante final /k/, ocasionando o apagamento do /s/. Contudo, quando a melodia não satisfaz esse mínimo exigido (com radicais monossilábicos), uma vogal epentética [e] superficializa do lado direito do radical, e, com ela, superficializa também o /s/ inicial do sufixo:

pan	panesito
pes	pesesito
myel	myelesita

Essa exigência de duas sílabas, no entanto, contrasta com o vocábulo mínimo no Espanhol, que Crowhurst define como um **pé bimoraico** [μμ]; dessa forma, os menores vocábulos de conteúdo (“content words”) consistem de **um monossílabo pesado** ou **duas sílabas leves (pan; loco)**. Como os radicais antes do DIM sempre precisariam conter ao menos **duas sílabas**, um monossílabo pesado, que satisfaz o vocábulo mínimo, seria insuficiente para satisfazer a restrição do DIM, pois não pode ser formado ***pansito**. É evidente que essa afirmação de Crowhurst vem a contrapelo da teoria: se essa descrição for acurada, chegaremos à arriscada suposição de que as restrições que operam na morfologia prosódica do EMexicano seriam independentes de outras exigências prosódicas da língua, contrariando a idéia geralmente aceita de que o pé relevante para uma operação morfológica deva ser o mesmo pé relevante para o molde do vocábulo mínimo.

Além desta forte objeção teórico, a tentativa de Crowhurst de ligar a diminutivização a restrições prosódicas fica enfraquecida por saber-se que em outros dialetos do Espanhol não existe a restrição dissilábica (ver o artigo de Jaeggli sobre o Esp. do Paraguai). Além disso, como ela ressalva (e Harris 1994 faz questão de pôr em maior evidência), há vocábulos monossilábicos que não deflagram a epêntese (**mugre > mugrita**, e não **mugrecita**; da mesma forma, **sangre, sangrita; leche, lechita; ambre, ambrita**), ao mesmo tempo em que existem vocábulos que admitem os dois alomorfes (**pye, pyesesito, piesito; dyente, dyentesito, dyentito**). Sua tentativa de sistematizar o DIM a partir do número de sílabas, assim, mostra-se vã e, como observa Harris, não vai além da idéia geralmente aceita de que o padrão silábico deve ter **algum** papel na formação do diminutivo.

O maior mérito do trabalho de Crowhurst foi provocar a resposta de Harris,

que, em seu artigo de 1994, chega à mais acurada descrição do problema. Ele sugere que a distribuição de **-itV** vs. **-(e)citV** obedece muito mais ao léxico e à estrutura morfológica do que à fonologia (Harris 1994:184). Não há regra fonológica ou conjunto de regras como aquele que Crowhurst usa para derivar **-itV** de **-(e)citV** pelo apagamento do /s/. Em vez disso, as formas do sufixo são **alomorfes** no sentido de variantes de um morfema selecionadas em bases não-fonológicas (ele teve uma pista disso no fato de que as condições que engatilham as derivações “fonológicas” em Crowhurst são específicas a morfemas; referem-se a e manipulam elementos morfológicos particulares, muito mais do que elementos fonológicos enquanto elementos morfológicos (Nota 10 - p. 189).

Em nome da clareza, Harris formula uma regra de alomorfia, cujos dois casos estão (disjuntivamente) ordenados pela convenção familiar de aplicação da regra (o constituinte morfológico Σ é o vocábulo “não-flexionado”, que contém minimamente o radical com seu marcador de classe, mas não a flexão do plural **-s** (Harris, 1991)):

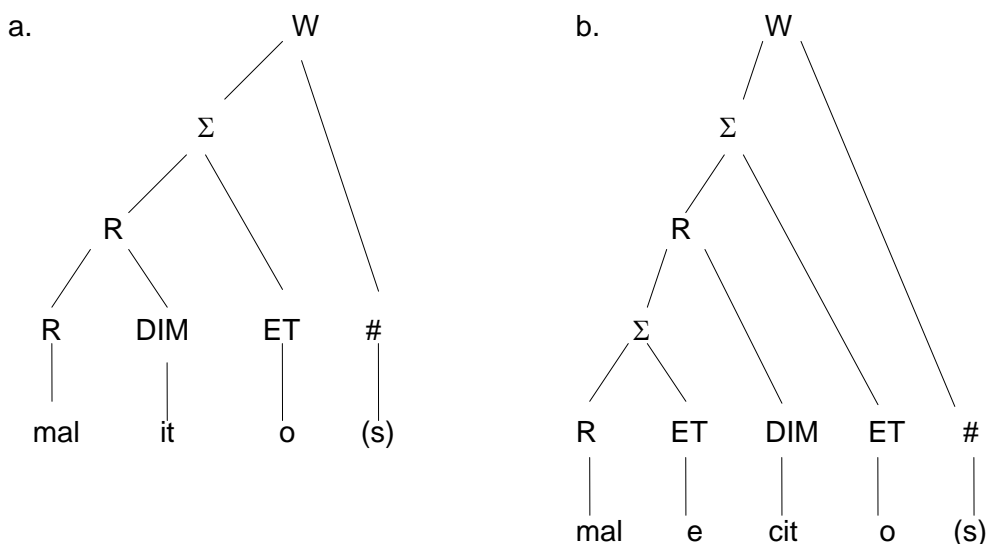
(160) DIM \rightarrow cit /] Σ —
 it (default)

Esta regra é a entrada para o sufixo DIM no léxico/vocabulário, onde estão armazenadas a realização fonológica e outras propriedades idiossincráticas do morfema. Como já vimos, os Elementos Terminais são sufixos com a forma de **-V**, **-s** e **-Vs**; esses sufixos não têm significado ou função no sentido ordinário do termo. Servem apenas como identificadores fonológicos de várias classes de formas lexicalmente arbitrárias em que estão distribuídos todos os radicais de

substantivos, adjetivos e advérbios, bem como os sufixos derivacionais do Espanhol.

Duas configurações morfológicas em que se aplica a regra podem ser ilustradas abaixo, onde **R** representa **raiz/radical**, **#** é número e **W** domina todo o vocábulo flexionado:

(161)



Como vemos, o **DIM** é um sufixo da categoria **R** (e portanto tem um elemento terminal a sua direita) que seleciona tanto **R** como **Σ** como sua left sister. Em (a), o **DIM** é ligado no componente morfológico da gramática **[mal]_R** ; em (b), contudo, é ligado a **[mal ET]_Σ** .

Harris faz um importantíssimo reparo aos dados de Crowhurst, chamando a atenção para um fato que ele considera comum: um mesmo falante distribui esses alomorfes de forma caprichosa, que deve diferir das preferências e exclusões de

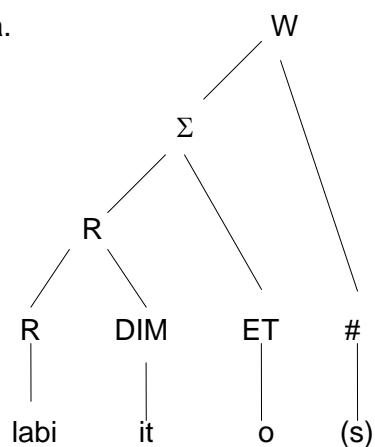
outro falante para os mesmos itens:

(162)	(a)	indio	*indiíto	*indiecito	indito
		sabio	*sabiíto	sabiecito	*sabito
		labio	labiíto	labiecito	?labito
		apio	apiíto	apiecito	*apito
		amplio	ampliíto	*ampliecito	*amplito

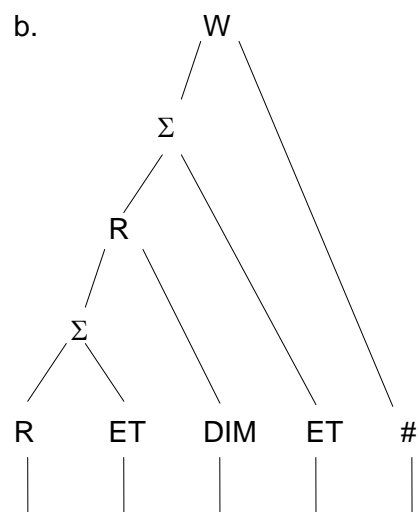
(b)	flor	florcita	florequita	florita
	flan	flancitoflanecito	*flanito	
	Juan	Juancito	*Juanecito	Juanito
	col	colcita	colecita	*colita
	sal	*salcita	salecita	*salita

Como ele observa, não há dois exemplos iguais nessa lista. Quanto à alomorfia, a diferença entre **labiíto** e **labiecito** repousa na estrutura morfológica de (a) vs. (b):

(163) a.



b.



Seria uma propriedade lexical da raiz **labi-** e raízes similares como **api-** que ambas as estruturas sejam aceitáveis. Por outro lado, raízes como **ampli-** preferem a estrutura (a), raízes como **sabi-** preferem (b) e o diminutivo lexicalizado **indito** bloqueia ambas para a raiz **indi-**. Já no grupo (b), exceto pelo nome próprio **Juan**, todas as raízes preferem sistematicamente a estrutura (b). O ET /e/ é optional na maioria desses casos se o segmento final do radical puder ser silabificado sem ele (finalmente, um pouco de fonologia! - diz ele). O IMPORTANTE É QUE A FORMAÇÃO DO DIMINUTIVO ESTÁ CRIVADA DE ESCOLHAS LEXICAIS ARBITRÁRIAS. Inclusive radicais com final em consoante, com o ET **-o** ou **-a**, tradicionalmente descritos como recebendo **-itV** sem exceções, estão livres para formas inesperadas como **fres[k]ecito**, tão bom ou melhor que **fres[k]ito**, para **fres[k] +o**. (Harris, 1994:186).

Harris se fixa no fato de o segundo grupo preferir sistematicamente a estrutura (b). Por exemplo, em

-itV		-citV	
mono	monito	chingón	chingoncito
corona	coronita		

Crowhurst e outros trabalhos exploram a generalização de que **-itV** aparece com vocábulos terminados em vogal (o tamanho do radical é irrelevante) e **-citV** aparece com vocábulos consonantais dissilábicos ou maiores. Os exemplos (extremamente numerosos) poderiam ser, contudo, explicados com igual precisão pela seguinte generalização, que não menciona a consoante final: **-itV** é selecionado pelos radicais da Classe I e II; **-citV** é selecionado por radicais dissilábicos ou maiores da Classe III (relembrando a classificação de Harris: Classe

I - marcador **-o** ;Classe II marcador **-a**; Classe III - marcador **-e** ou \emptyset).

Qual das duas generalizações os falantes realmente usam, a primeira (“fonológica”) ou a segunda (“morfológica”) ? Há evidências que nos levariam a privilegiar a segunda:

(164)	corona/coronita	chingona/chingoncita
		llorona/lloroncita
		huevoona/huevoncita
		cabrona/cabroncita

Harris destrói o argumento de Crowhurst: **corona** e **llorona**, por exemplo, terminam em vogal, mas sua estrutura interna é crucialmente diferente. **Corona** tem um radical feminino não-sufixado, seguido por um ET **-a**; **llorona** consiste no radical **llor-** seguido pelo sufixo **-on**, que pertence ao subconjunto dos itens da Classe III que selecionam **-a**, se femininos, mas não têm ET se masculinos (como os demais vocábulos da lista acima: **chingón**, **llorón**, etc.). Vemos então que é a classe morfológica, e não a relação vogal/consoante no final do vocábulo, o que corretamente seleciona entre **-itV** ou **-citV** nos vocábulos acima (Harris, 1994:187).

Vejam os outros exemplos do efeito da classe na alomorfa dos diminutivos. Exemplos como **tigre/tigrito**, **madre/madrecita** e **llorón/lloroncito** demonstram que as bases da Classe III invariavelmente transferem seu gênero, mas não seu marcador, para o sufixo. O marcador do sufixo é sempre o não-marcado para o respectivo gênero (**-o** masc., **-a** fem.). O grande grupo de vocábulos masculinos que excepcionalmente pertencem à Classe II (**guía**, **mapa**, **poema**) tem sistematicamente diminutivos masculinos com a mesma terminação: **guiíta**, **mapita**, **poemita**. Desta forma, as bases masculinas da Classe II, diferentemente

das bases da Classe III, evidentemente transferem seus marcadores para os sufixos. A extensa discussão sobre os marcadores em Crowhurst não nos fornece elementos para explicar isso, mas o que vimos acima sim: **guiíta** tem a estrutura (185a), onde o marcador que segue a **-it** está estruturalmente adjacente ao constituinte **R** que contém o radical **gui-**, que designa a Classe II. Por outro lado, **madrecita** tem a estrutura (185b), em que o ET após **-cit** não está estruturalmente adjacente ao radical **madr-**, que pertence à classe III; neste caso a classe é apontada pelo gênero, que é sempre transferido ao DIM.

Os diminutivos do advérbio, que não têm gênero, seguem o padrão: **tarde/tardecito; temprano, tempranito; ahora/ahorita; cerca/cerquita; lejos/lejositos. Tarde** (classe III) seleciona **-(e)citV**; as bases da Classe II impõem o marcador **-a**, como seria de esperar; nos outros casos, o marcador do sufixo é o default **-o** (1991b - não tenho)

No presente trabalho, definimos, para o DIM no Português, a forma **-zinhV** como possível em todos os casos, e **-inhV** como forma alternativa só para os radicais consonânticos, o que vale dizer que só podem receber **-inhV** os vocábulos que admitam também ET. Como se vê, a distribuição dos alomorfes do DIM no Espanhol é bem diversa no PB, já que aqui as duas formas não se distribuem pelas classes morfológicas numa relação de exclusão. Como afirmamos acima, todos os radicais são consonantais, coerentemente com um sistema em que os elementos terminais são sempre vocálicos e os sufixos derivativos, próprios para expandir os radicais, sempre iniciam por vogal. Neste quadro, **-inhV**, que é um sufixo do Nível 2, vai-se comportar como qualquer outro sufixo da LP. O que passa a ser necessário explicar é o **-zinhV**, que tem a capacidade de ligar-se a qualquer vocábulo de qualquer classe morfológica. Como funcionam, já sabemos: quando (em vocábulos que têm marcador) usamos o radical para derivar o DIM,

selecionamos a forma **-inhV**. Quando usamos o vocábulo inteiro, já com Elemento Terminal (ou sem ele), selecionamos **-zinhV**⁴³. Nos casos em que há a possibilidade de empregar os dois alomorfes (a grande maioria, como vimos, vocábulos paroxítonos formados de **radical + ET**), a opção por uma ou outra forma (variável de falante para falante) não é sistematizável morfológica ou fonologicamente. É verdade que há uma tendência bem mais forte em selecionar **-inhV**; a opção por **-zinhV** tem a conseqüência de preservar o padrão silábico e o Elemento Terminal do vocábulo que está servindo de base. Não podemos afirmar que esse efeito seja uma motivação presente na escolha do falante, embora haja casos em que a seleção de **-zinhV** pareça uma evidente estratégia para preservar o Elemento Terminal, indispensável para o reconhecimento do vocábulo :

(165)	ponta pontinha	ponte pontezinha
	mato matinho	mate matezinho
	moto motinho	mote motezinho
	lenta lentina	lente lentezinha
	seda sedinha	sede sedezinha

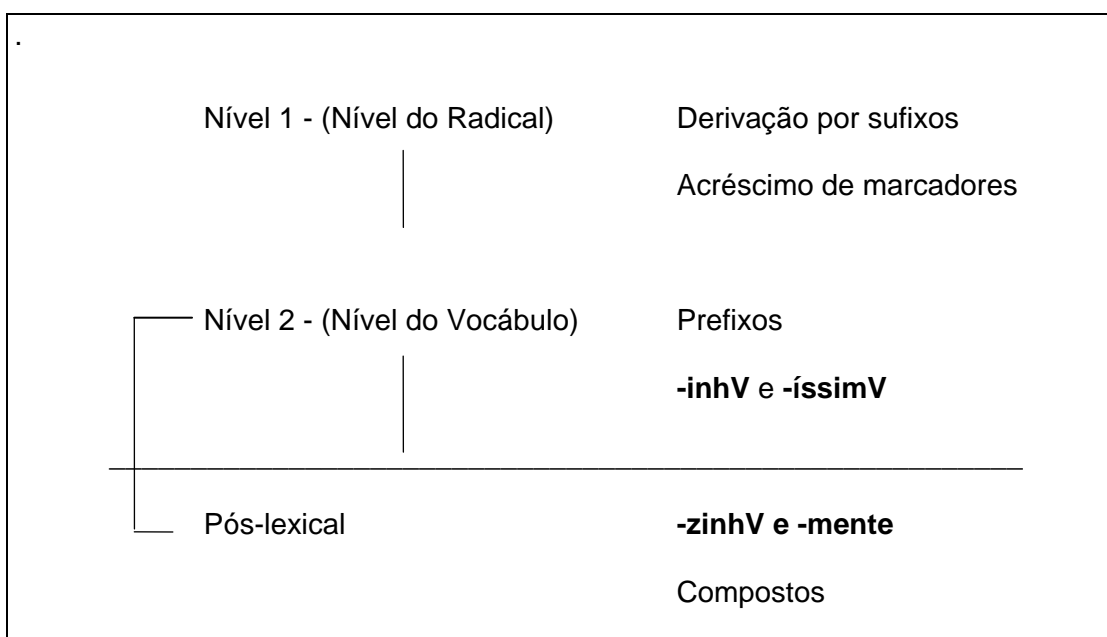
Fica evidente que **-zinhV** pode-se juntar a todas as formas exatamente porque ele só aparece depois que o vocábulo está pronto, com Elemento Terminal e tudo. Enquanto **-inhV** é um sufixo especial, pois vai ligar-se à base no Nível do Vocábulo, **-zinhV** tem o status de um vocábulo independente — tanto fonológico

⁴³ É significativo que DIM que usam **-inhV** podem ser intensificados com o acréscimo de **-zinhV** (**pedacinho**, **pedacinhozinho**; **menininho**, **menininhozinho**), mas o inverso não pode ocorrer (*pedaçozinh(o)inho, *meninozinh(o)inho), o que reforça o caráter tardio das formações com **-zinhV**.

quanto morfológico — e a estrutura em que aparece é a estrutura típica dos compostos do PB.

4 — Conclusões

Ao longo deste trabalho, dediquei-me a demonstrar de que maneira o estudo dos vocábulos não-verbais do Português necessita distinguir o domínio fonológico do morfológico e pode beneficiar-se com um modelo não-standard de Fonologia Lexical, como o de Borowsky. Além disso, propus uma reorganização de nosso léxico, que fica assim distribuído:



Como vimos, os compostos, apesar de serem formados pós-lexicalmente, podem ingressar no Nível 2, lexicalizando-se. Essa possibilidade de ingressarem itens pós-lexicais no léxico já foi sugerida por muitos autores (Kiparsky, 1982; Kaisse & Shaw, 1985; Halle & Mohanan, 1985; Pulleyblank, 1985; Rubach, 1985; entre outros), que sentiram a necessidade de admitir alguma recursividade do nível sintático para a morfologia, quase sempre — e não por acaso — para lidar com

problemas relativos aos compostos.

Os marcadores de palavra — ou elementos terminais —, que aparecem à direita da maior parte dos substantivos, adjetivos e advérbios do Português, estão desvinculados da função específica de marcar o gênero. Ligam-se aos radicais (simples ou expandidos por sufixação), constituindo a última operação morfológica do Nível 1.

No Nível 2, os prefixos e os sufixos especiais **-inho** e **-íssimo** constituem vocábulos fonológicos independentes; as formações de que participam deixam clara a estrutura de concatenação de morfemas, que são, por sua vez, output do Nível 1. **ZinhV** e **mente**, por outro lado, são considerados vocábulos especiais (o 1º é análogo a um adjetivo; o 2º, a um substantivo) que participam de estruturas compostas do tipo **N + A** e **A + N**, formadas pós-lexicalmente, que são automaticamente lexicalizadas.

Este é o quadro geral que propomos para morfologia do Português, respeitando a moldura e os pressupostos da Fonologia Lexical. Embora possam ser encontrados contra-exemplos para várias afirmações feitas neste trabalho, estou certo de que não passarão de casos especiais, isolados, cuja existência não afeta as linhas gerais aqui propostas.

Não me parece ser necessário lembrar o truísmo de as línguas refletem uma **cultura**, e é impossível analisá-las, como pretendia o ramo mais exacerbado dos estruturalistas (e alguns de seus herdeiros atuais), num simples corte sincrônico. Sabemos que esta postura nasceu de uma reação à lingüística historicista do final do século passado, com seus exageros e suas suposições muitas vezes fantásticas. Como toda a reação, contudo, essa ênfase na pura sincronia também levou a exageros. Talvez muitos dos artigos produzidos desde Bloomfield sobre as

línguas indígenas, por exemplo, deveram-se não só ao natural interesse antropológico pelos povos primitivos, como também pelo confortável fato de que estas línguas eram faladas por povos que parecem desprovidos de um passado cultural e de uma tradição escrita. Compreende-se, assim, a típica aversão daquela geração de lingüistas descritivistas pela Semântica, ponto crucial de inserção da língua na história do pensamento e do sentimento de uma comunidade. Por ignorar a diacronia e suas marcas no sistema, encontravam-se exemplos e contra-exemplos incômodos, que perturbavam o modelo que se tentava propor. A Lingüística, transformada em verdadeiro Leito de Procusto, obrigava-se a criar elaboradíssimos sistemas de regras para justificar os exemplos que teimavam em não colaborar com o analista.

A Fonologia Lexical, com sua preocupação pelo Léxico, que é uma das realizações concretas da história de uma cultura, leva a uma reavaliação indispensável das relações dos vocábulos com o passado de uma língua. Regras outrora produtivas, que aparecem num número significativo de exemplos, hoje deixam de operar mas contribuíram com os vocábulos por elas produzidos. Quando isso acontece, não é necessário reformular todo o modelo para acomodar os vocábulos desviantes: o analista deve identificar esses exemplos e tratá-los à parte, para não perturbar a descrição atual de uma língua pelo mero sonho de chegar a um sistema perfeito. Para exercer essa atitude flexível, parece-nos insuperável o modelo da Fonologia Lexical, que permite uma grande elasticidade na determinação da interface entre a fonologia e a morfologia, ao tornar negociável tanto a intensidade quanto a ocasião do acesso de uma pela outra.

5 - Bibliografia

- 1 ABAURRE, Maria B. M & WETZELS, W. Leo. Sobre a estrutura da Gramática Fonológica. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, (23):5-18. Campinas, 1992.
- 2 ALLEN JR., Joseph. Portuguese word-formation with suffixes. Baltimore, LSA. **Language**, 17 (2): 3-143, apr./jun. 1941.
- 3 ARCHANGELI, Diana. **An overview of the theory of Lexical Phonology and Morphology**. 1985 (ms.)
- 4 BATTISTI, Elisa & VIEIRA, Maria José Blaskovski. O sistema vocálico. In: BISOL, Leda, org. **Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro**. Porto Alegre, Edipucrs, 1996. p. 165-201
- 5 BISOL, Leda. **Harmonização vocálica**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1981. (Tese de Doutorado).
- 6 _____. **O acento: duas alternativas de análise**. (ms.)
- 7 _____. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, (23): 83-101. Campinas, 1992.
- 8 _____. O acento e o pé binário. **Letras de Hoje** v. 29, (4): 25-36. Porto Alegre, PUCRS, 1994.
- 9 _____. A sílaba e seus constituintes. 1997 (a sair em **Gramática do Português Falado**, vol 6. Fapesp, UNICAMP).

- 10 BOOIJ, G. & RUBACH, J. Postcyclic versus postlexical rules in Lexical Phonology. **Linguistic Inquiry**, (18). 1987
- 11 BOOIJ, G. & RUBACH, J. Morphological and prosodic domains in Lexical Phonology. **Working Papers in Linguistics** (14): 1-60. 1984
- 12 BOOIJ, Geert & LIEBER, Rochelle. On the simultaneity of morphological and prosodical structure. in: **Phonetics and Phonology, 4**. HARGUS, S. & KAISSE, E. (eds.) San Diego, Academic Press, 1993. p. 23-42
- 13 BOROWSKY, Toni. On word level. in: **Phonetics and Phonology, 4**. HARGUS, S. & KAISSE, E. (eds.) San Diego, Academic Press, 1993. p. 199-232
- 14 BRAKEL, Arthur. Boundaries in a morphological grammar of Portuguese. **Word** (32):193-212. dec 1981
- 15 CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis, Vozes, 1970.
- 16 CÂMARA JR., J. M. **História e estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Padrão, 1975.
- 17 CEDEÑO, Rafael. Headship assignment resolution in Spanish compounds. In: CAMPOS, H. & MARTÍNEZ-GIL, F. (eds.). **Current studies in Spanish Linguistics**. Washington, Georgetown University, 1985. p. 573-98.
- 18 CLEMENTS, G & KEYSER, S. **A generative theory of the syllable**. M.I.T. Press, Mass. 1985.
- 19 COLLISCHONN, Gisela. Acento secundário em Português. **Letras de Hoje** ,(29): 43-53. Porto Alegre, PUCRS, 1994
- 20 CROWHURST, Megan J. Diminutives and augmentatives in Mexican Spanish: a prosodic analysis. **Phonology** (9):221-53. Cambridge University Press, 1992.
- 21 CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989. 839 p.

- 22 DI SCIULLO, A. & WILLIAMS, Edwin. **On the definition of word.** Cambridge, MIT, 1987. 118 p.
- 23 GOLDSMITH, John. **Autosegmental and Metrical Phonology.** Oxford, Blackwell, 1990.
- 24 HARRIS, J. W. **Syllable structure and stress in Spanish.** Cambridge, M.I.T. Press, 1983.
- 25 _____. The Exponence of Gender in Spanish. **Linguistic Inquiry**, (22). M.I.T, Winter 1991.
- 26 _____. . The OCP, Prosodic, Morphology and Sonoran Spanish diminutives: a reply to Crowhurst. **Phonology** (11) 179-90. 1994.
- 27 HUALDE, Jose Ignacio. Aspiration and resyllabification in Chinato Spanish. **Probus**, (31). 1991
- 28 ITÔ, Junko. **Syllable theory in Prosodic Phonology.** Massachusetts, 1986. 227 p. (Tese de doutoramento).
- 29 KAISSE, Ellen & SHAW, Patricia. On the theory of Lexical Phonology. **Phonology Yearbook**, (2):1-30. 1985.
- 30 KIPARSKY, P. Lexical Morphology and Phonology. **Linguistics in the Morning Calm.** Seoul, 1982. p. 3-91.
- 31 _____. Some consequences of Lexical Phonology. **Phonology Yearbook** (2): 85-138. 1985
- 32 LEE, SEUNG-HWA. **Morfologia e Fonologia Lexical do Português do Brasil.** Campinas, 1995. 190 p. (Tese de doutoramento)
- 33 LEE, SEUNG-HWA. A regra do acento do Português: outra alternativa. **Letras de Hoje**, v. 29 (4): 37-42. Porto Alegre, PUCRS, dezembro 1994.
- 34 LEITE, Yonne. **Portuguese stress and related rules.** Austin, 1974. (tese de doutoramento)
- 35 LEMLE, Miriam. **Análise Sintática;** teoria geral e descrição do Português.

São Paulo, Ática, 1984.

- 36 LOPEZ, Bárbara. **The sound pattern of Brazilian Portuguese**. UCLA, 1979. (Tese de Doutorado)
- 37 LUFT, Celso Pedro. **Dicionário gramatical da Língua Portuguesa**. Porto Alegre, Globo, 1967.
- 38 _____. Gramática. In: LUFT, C.P. (org.). **Novo manual de Português**. 3.ed. Rio de Janeiro, Globo, 1988. p. 1-190.
- 39 _____. **Grande manual de ortografia Globo**. 2.ed. Rio de Janeiro, Globo, 1987.
- 40 MAURER JR., Th. Um sufixo de comportamento original: o diminutivo em -**zinho**. In: BARBADINHO Neto, R., org. **Estudos em homenagem a Cândido Jucá**. Rio de Janeiro, Simões, s.d. 233-46.
- 41 MATTHEWS, P. H. **Morphology**. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1974.
- 42 MENUZZI, Sérgio. On the prosody of the diminutive alternation -inho/-zinho in Brazilian Portuguese. HIL/Leiden, 1993. (ms.)
- 43 MOHANAN, K. P. & MOHANAN, T. Lexical Phonology of the consonant system in Malaylam. **Linguistic Inquiry** (15): 4, 1984.
- 44 MOHANAN, K. P. Syllable structure and lexical strata in English. **Phonology Yearbook** (2): 139-55.
- 45 MORENO, C. **Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal em Português**. Porto Alegre, UFRGS, 1977. (Dissertação de Mestrado)
- 46 NESPOR, Marina. The Phonological Word in Italian. In: **Advances in Nonlinear Phonology**. Harry van der Hulst & Narval Smith, ed. Foris Publications, 1985.
- 47 NESPOR, Marina & VOGEL, Irene. **Prosodic phonology**. Foris

Publications, 1986

- 48 PEREIRA, Eduardo Carlos. **Grammatica historica**. São Paulo, Weiszflog, 1916. 604 p.
- 49 _____ . **Grammatica expositiva**. 47 ed. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1926. 390 p.
- 50 ROCA, I. Secondary stress and metrical rhythm. **Phonology Yearbook**, (3):341-70. 1986.
- 51 RUBACH, J. Lexical Phonology: lexical and postlexical derivations. **Phonology Yearbook**, (2): 152-72. 1985.
- 52 SAID ALI. **Gramática histórica da Língua Portuguesa**. São Paulo, Melhoramentos, 1964.
- 53 SANDMANN, Antônio José. **Formação de palavras no Português Brasileiro contemporâneo**. Curitiba, UFPR, Ícone, 1989.
- 54 _____ . **Competência lexical**. Curitiba, UFPR, 1991.
- 55 SANTOS JOTA, Zélio. **Dicionário de dificuldades da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1960. 588p.
- 56 THORNTON, Anna M. On some phenomena of prosodic morphology in Italian: accorciamenti, hypocoristics and prosodic delimitation. **Probus** (8): 81-112. 1996
- 57 VILLALVA, Alina. Compounding in Portuguese. Instituto de Lingüística Teórica e Computacional. **Working Papers** (2) Abril 1990.
- 58 _____ . **Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do Português**. Lisboa, 1994. (tese de doutoramento)
- 59 VOGEL, I & SCALISE, S. Secondary stress in Italian. **Lingua** (58) . 1982
- 60 WENERSTROM, Ann. Focus on the Prefix: evidence for word-internal prosodic words. **Phonology** (10):309-24. Cambridge University Press.

1993

- 61 WETZELS, L. Harmonização vocálica, truncamento, abaixamento e neutralização. **Cadernos de Estudos Lingüísticos** (21): 25-58. Campinas, Jul/Dez 1991.
- 62 _____. Contrastive and allophonic properties of Brazilian Portuguese vowels. in: WANNER, D. & KIBEE, D. (eds.) **New Analyses in Romance Linguistics**. Amsterdam, John Benjamins, 1991. p. 77-99
- 63 _____. Mid vowel neutralization in brazilian Portuguese. **Cadernos de Estudos Lingüísticos** (23): 19-55. Campinas, jul/dez 1992.
- 64 WONG-OPASI, Uthaiwan. **Lexical Phonology and the Spanish Lexicon**. Urbana, 1987. (tese de doutoramento)